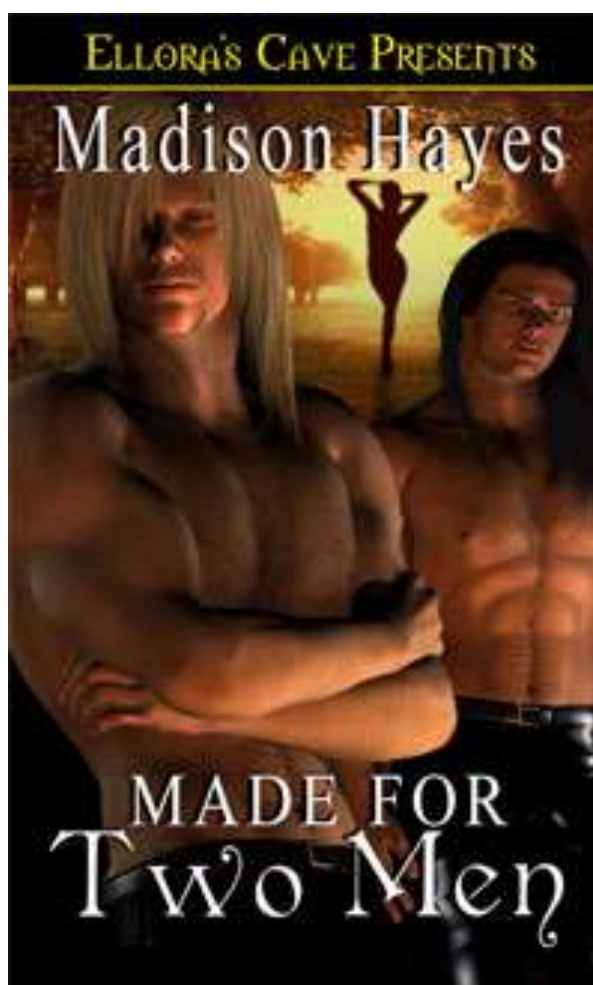


Disponibilização e Tradução: Gisa

Revisão: Rita Cunha

Revisão Final e Formatação: Sueli

Revisoras Elloras



Uma Mulher Para Dois Homens

Madison Hayes



RESUMO

—Não é como se isto seja algo inaudito. Há abundância de... multirelacionamentos. Alguns deles até dão certo —afirmou ele— Tenho um tio que tem duas mulheres. E são felizes!

—Sim, bem isso não funciona para mim.

—Por que não?

—Porque não me sinto assim sobre ela! —explodiu Danjer. Seus olhos brilhavam selvagens, sua respiração era desigual enquanto olhava fixamente a Saxon— por que sou terráqueo! —gritou-lhe, cravando seu polegar em seu peito.

— Os terráqueos não compartilham as suas mulheres.

—Alguma vez?

—Nunca —disse Danjer com os dentes apertados.

—Não? E se eles a amam? —Saxon perguntou suavemente, mas Danjer não lhe respondeu — O que passa quando dois amigos amam à mesma mulher?

—Então —grunhiu Danjer apartando-se dele—, eles deixam de ser amigos.

—O que? — perguntou Saxon com um tranqüilo pânico— O que?

—Já me ouviu.

—Sim, ouvi. Só que não acredito. Os terráqueos realmente fazem as coisas tão mal?

Danjer devia sua vida a Saxon. Seria capaz de fazer algo por ele, mas o amor de Pink parece um prego muito alto para pagar. Com três corações atados, Saxon e Pink devem convencer a Danjer de que a encantadora diabinha do planeta eYona não só deseja a ambos os homens, mas também foi feita para eles.



CAPITULO 1

—Não acreditei que os diabinhos ainda andassem pelo planeta.

—O que diz? —perguntou Danjer.

Com um pequeno gesto, Saxon inclinou sua cabeça. O diminuto sinal não passou inadvertido. Dez anos juntos tinham que ser bons para algo. Os dois homens tinham reduzido o ato de comunicar-se ao mínimo de palavras e ações. Em particular quando a informação era importante. Como quando havia uma vida em jogo, por exemplo, ou quando havia uma mulher implicada.

Danjer seguiu o olhar de seu amigo pelo caminho lotado.

Em um dilúvio de humanidade, os pedestres avançavam inexoravelmente para frente, embora fora difícil evitar o redemoinho enorme que se formou justo aonde os homens estavam em pé. A população de Aranthea se mantinha longe dos dois altos guerreiros. Os maridos guiavam as suas esposas e famílias longe, colocando uma cuidadosa distância entre eles e os dois combatentes. As turmas de jovens desciam da calçada para saírem de seu caminho enquanto estudavam as armas que levavam com penetrante interesse. As mulheres contemplavam seus rostos com quase a mesma expressão.

Pelo que o Danjer podia ver, a cidade do norte de Aranthea tinha esvaziado seu conteúdo inteiro nas ruas. Uma dastro-colheitadeira baixa e larga se deslizava silenciosamente para frente, cortando seu caminho por entre um oceano de pedestres. Estas enormes fábricas móveis se moviam entre as fazendas e a cidade, processando e embalando enquanto viajavam ao mercado. Esta era significativa somente porque estava obstruindo sua vista rodeado de uma multidão em metade de eYonans, alvoroçando toda a extensão da estrada pavimentada em ferro.

De todos os modos nem a multidão nem a colheitadeira evitaram que Danjer identificasse o objeto de interesse de Saxon, caminhando pela calçada oposta da estrada.

Enquanto se sentava ao lado de seu amigo, seus ombros se apoiavam na parede de pedra de uma pequena loja, o olhar semicerrado de Danjer enfocava as longas e delgadas pernas que pisavam no meio-fio pavimentado com um passo rítmico, e com um balanço decididamente sexy. Girando seus quadris e inclinando a cabeça em uma tentativa de ver a mulher por completo, Danjer seguiu aquelas longas pernas até sua convergência, atrasando-se ali um instante para apreciar o modo em que seu legging moldavam seus quadris. Dali, seu olhar ávido continuou sobre seu umbigo e sua nua e estreita cintura para finalmente alcançar um par de seios elegantes que se balançavam e moviam a cada passo. A camisa sem mangas de algodão que vestia era bastante longa para cobrir seus seios e suficientemente curta para ser provocadora. Os bicos de seus mamilos se marcavam sobre a suave malha justa da camisa, deixando muito pouco à imaginação. E Danjer tinha uma grande imaginação.

Arrancando seus olhos de seus seios, levantou seu olhar sobre a linha longa, delicada de seu pescoço até seu rosto.

E ali se deteve.



Um pequeno queixo bicudo, uma pequena e rosada boca entreaberta o bastante para permitir um vislumbre de uns brancos dentes perolados. Um ligeiro polvilho de sardas iluminavam suas maçãs do rosto altas e a ponte de seu largo e elegante nariz. Seu cabelo era uma amostra da pálida luz do sol que abraçava seu pescoço em mechas descaradas, enquanto uma mecha do mesmo quente dourado atravessava um olho como uma cortina.

Verdes. Seus olhos eram verdes. Verde prado. Tranqüilos, mas cheios de vida.

Danjer sacudiu a cabeça.

—Essa não é uma diabinha.

—Não?

—Muito alta —disse direto sem tirar seu olhar da mulher que cruzava a perna sobre o caminho em sua direção.

Saxon inclinou sua cabeça avaliadora.

—Ela é alta —admitiu— e é...é...qual é a palavra?

—Esbelta —Danjer forneceu.

—Esbelta —concordou Saxon com uma impressionante voz nada menos que sublime.

— Aposto que ela pode se dobrar pela metade.

—E aposto que estaria disposto a ajudá-la —resmungou Danjer— O que te faz pensar que é uma diabinha?

—Seu cabelo. É tão...luminoso e...liso.

Danjer assentiu, esfregando um dedo em sua linha de cabelo.

—Conseguiu dar um olhada em suas protuberâncias?

—Suas antenas? Não, mas gostaria —respondeu Saxon, levantando uma sobrancelha sugestivamente— Suponho que seu cabelo os deve estar cobrindo. Embora não me esqueci de seus mamilos.

—Não pensei que o fizesse —murmurou Danjer.

Os homens olharam como a moça se parava em um posto de frutas que estava colocado contra um dos altos edifícios apinhados ao longo de toda a rua.

—Sabe o que dizem sobre diabinhos—recordou Danjer ao seu amigo.

—O que? o de beijar a um diabinho? É somente um conto de velhas —zombou Saxon em resposta.

Danjer assentiu distraidamente, seus olhos sobre a moça enquanto recitava a rima em um murmúrio.

—Beija a um diabinho por impulso, beija a um diabinho por uma vida, beija um diabinho e a toma por esposa, dá seu amor e perde sua vida —Danjer se encolheu de ombros.

— Pelo geral há um pinga de verdade nos contos de velhas.

Saxon assentiu.

—Acredito que deveríamos provar sua veracidade —anunciou com decisão.

— Me desafie a beijá-la.

—O que? —soltou Danjer com uma risada assustada.

—Me desafie a beijá-la. Apostaremos duas peças de ouro —exigiu Saxon.



A mulher levantou seu rosto para a luz do sol, fazendo ricochetear uma tangerina em sua mão, logo passou a pé, cortando a fruta enquanto caminhava.

— Bem — disse Danjer — Mas se morrer, consigo sua espada e arco.

Saxon lançou ao seu amigo um olhar de compassiva impaciência.

— Esse não é o significado da canção, você bárbaro do fim do mundo. Abriu a boca outra vez e logo parou uns segundos para formular sua explicação

— Segundo lembro, a história era... que um beijo de um diabinho roubaria a vontade de um homem para algo mais. Que o néctar sobre os lábios de um diabinho era tão embriagador, tão... viciante, que ele nunca se preocuparia com ninguém ou nada mais em sua vida, que dedicaria sua vida, seu amor e sua alma ao diabinho, não lhe negaria nada e viveria só para lhe proporcionar prazer.

— Depois de só um beijo — disse Danjer com ceticismo.

— Depois de só um beijo — confirmou Saxon.

Danjer se encolheu de ombros.

— Não pode ser verdade, então.

— Por que não?

— Porque se o fora, ela arrastaria ao menos a uma dúzia de homens em seu rastro.

Ante este argumento, o queixo de Saxon se fechou com surpresa.

— Possivelmente nunca foi beijada — sugeriu.

Ambos olharam a jovem levantar a tangerina para sua boca, viram-na morder a suculenta fruta, viram seus molhados lábios franzir-se em um brilhante e rosada careta justo antes de ela engolisse.

— Isso não é possível — disseram ambos ao mesmo tempo sem fôlego.

Enquanto os homens olhavam com absorpta fascinação, a diabinha lançou uma olhada sobre seu ombro, usando sua mão livre para provocativamente esfregar as curvas nádegas de seu bonito e arredondado traseiro. Provocativamente, decidiu Danjer, já que não havia nada absolutamente sobre seu traseiro para retirar. Nem um pinga de sujeira, nem sequer um rastro de penugem.

— Ah, quem dera fosse uma luva naquela mão para poder tocar esse encantador traseiro — murmurou Saxon depois.

Danjer soprou enquanto olhava à diabinha.

— O que têm as mulheres que faz tão difícil manter suas mãos longe delas? — perguntou Saxon em voz alta. — Olhe esta, por exemplo. Você concorda que não tem uma grama de gordura em nenhuma parte de seu corpo. E ao mesmo tempo, estou certo que não há um lugar nela a que não seja suave e... qual é a palavra?

— Lisa?

— Não.

— Sedosa?

— Não. Não. Mas bem delicada.

— Frágil — disse Danjer.

— Sim, — respondeu ele com um suspiro contente. — Elas são tão delicadas. Tão foddidamente frágeis. Como se pudesse rompê-las em duas se não fosse cuidadoso. Isto me faz sentir tão...

— Forte?

—Não.

—Poderoso?

—Poderoso —acordou Saxon—. Como se pudesse contudo. Como se pudesse contudo —repetiu com um sorriso ausente.— Toma-a como exemplo —os olhos de Saxon brilharam— Uma mulher assim te faz parecer que poderia acabar com qualquer um que se atrevesse a olhar de maneira incorreta. Ela faz que sintas que poderia esmagar ao homem que a ameaçasse e dá-lo por morto, com apenas o movimento de sua mão —continuou Saxon com um zombador sorriso ardiloso—, tudo porque sabe que poderia jogá-la ao chão, capturá-la com seu peso e agarrar como com grilhões suas mãos em cima de sua cabeça e estender suas pernas com seus joelhos. E não haveria nada que ela pudesse fazer para evitá-lo enquanto bombeia seu pênis nessa apertada vagina de paraíso entre suas pernas.

Danjer fez uma careta.

—E não te importar o fato de que estas forçando à mulher, lhe fazendo dano, fazendo-a te odiar e arruinando-a para o sexo, tudo ao mesmo tempo.

Saxon assentiu filosoficamente.

—Não quereria fazer isso.

—Não —grunhiu Danjer.

—De todos os modos —Saxon sorriu abertamente— É agradável sonhar.

Danjer sacudiu sua cabeça.

—Isso é ridículo, Saxon.

Saxon levantado uma sobrancelha interrogativamente.

—Tão grande como é, nunca vi a um homem mais gentil com uma mulher.

—Sim, sou gentil —riu— Mas simplesmente estou esperando encontrar à mulher que deixe me atá-la e fode-la até que grite.

—estiveste perto de mim muito tempo —resmungou Danjer, lhe lançando um olhar de esguelha.

—Isso não faz falta dizê-lo.

—Mas se ela te deixa atá-la, não lhe estaria forçando.

—Não!! Esta é minha fantasia —discutiu Saxon com um zombador sorriso.

— não a arruíne.

Danjer soprou.

—Como se pudesse violar a uma mulher, Saxon.

Saxon sacudido sua cabeça.

—É sozinho... a maneira que a mulher me faz sentir, —tentou explicar— egoísta em uma palavra.

A mulher reduziu a marcha quando se aproximou deles, parando-se quase diretamente em frente, através da estrada. Com a tangerina apoiada distraidamente contra uma mão, ela sacudiu sua cabeça levemente. Durante um instante muito breve, Danjer vislumbrou uma delicada e pálida antena de cor pêssego no alto de sua frente, jogando uma olhada timidamente através da franja. Seu queixo se inclinou e baixou seus olhos com recato. Suas pestanas douradas acariciaram suas pálidas

bochechas durante um instante antes de que ela levantasse seu olhar e mostrasse aos dois homens a totalidade de seu tímido e lascivo interesse.

O brilho verde de seu olhar atravessou o espaço entre eles com tanta força que quase fez retroceder o Danger um passo.

Com reflexos de campo de batalha, os dois homens responderam imediatamente, cada um tendendo a mão e apertando o braço de seu companheiro, usando-se como pontos de alavanca para propulsar-se para frente de uma vez que tentavam pôr a seu amigo detrás dele. Normalmente, este ato se realizava com o bem-estar de seu amigo em mente, pelo geral no campo de batalha. Todos para um, mas não esta vez.

Isto era mais um momento cada um por si.

Com um balanço de seus esculturais quadris, a magra diabinha girou e desapareceu através das portas de um botequim da rua.

—Viu isso? —exalou Danger.

—Ela me olhava —proclamou Saxon.

—A til! Esse olhar era para mim, você grande ignorante estrangeiro!

Houve um instante de silêncio.

—Pode ser que talvez era para os dois —tranqüilizou Saxon rapidamente.

—Sim, bem mas não acredito que em termos de "ambos de nós" Saxon. Acredito mas bem em termos dela e eu".

Danger deu um passo para o botequim, mas Saxon lhe deteve com uma mão enorme arrancando A seu pescoço de couro.

—vamos ser razoáveis, Danger, —protestou—. Não há nenhuma razão pela que não podemos...

—Esquece-o, Saxon. Não sou dos que compartilha.

—E nessa ocasião na Geveena? Depois do concerto?

—Isto foi diferente.

—por que?

—Porque aquilo foi com a banda inteira. E as moças eram...groupies(1).

—E aquela moça na Vezinea?

1 O termo groupie nasce para referir-se À conduta daquelas pessoas que perseguem A seus ídolos musicais, fazendo disso uma forma de vida, com o objetivo de entrar em formar parte de seu círculo de amizades e relações. Com freqüência tem um conteúdo sexual.

—Isto... estava bêbado —disse Danger— Não sabia o que fazia —acrescentou

—Não recordo nada absolutamente —terminou enquanto lutava por soltar do enorme punho do Saxon.

A boca do Saxon se abriu de incredulidade.

—Não recorda ao hospedeiro que se queixava do ruído?

—Não.

—Não te lembra de sustentá-la sobre mim quando tomei na cadeira?

—Não.



—Não a recorda gritando meu nome enquanto abria suas pernas e a fodia com...
—Ela gritava meu nome, —interrompeu Danjer com os dentes apertados— e eu estava na cadeira.
A sobancelha do Saxon se elevou em desafio.
—Acreditava que não te lembrava.
—Lembrava da cadeira —grunhiu Danjer, tentando soltar-se de um puxão do apertão de seu amigo.
—Mas ela gritava meu nome —persistiu Saxon.
—Só se seu nome é Danjer —lançou sobre seu ombro quando finalmente se liberou do Saxon e se dirigiu para a porta do botequim.

CAPITULO 2

A porta do botequim se abriu, deixando escassos segundos a Imprianna para realizar sua missão.

—São eles, agora —disse ela rapidamente, logo se afastou da lotada mesa para esconder-se contra as paredes sombreadas.

Uma ínfima quantidade de luz branca saía dos poucos tubos de néon que no alto permaneciam intactos. Desde sua posição vantajosa contra a parede, Imprianna olhou a entrada dos homens no quarto atestado, fazendo uma pausa para piscar enquanto seus olhos se adaptavam ao escuro interior.

Com penetrante interesse, ela avaliou aos recém chegados enquanto seus olhos varreram a clientela do botequim, procurando-a, assumiu. A visível olhada que ela tinha dado aos homens parecia ter funcionado, atraindo-os ao botequim atrás dela. apertou-se contra a parede enquanto o olhar escuro de um persistia em sua busca, enquanto o loiro se dirigia para o bar.

Suas botas cravejadas fizeram um som forte, masculino, sobre o ladrilhado quando caminharam para a bar, fazendo que várias cabeças se girassem. Um calafrio desceu por sua espinha ante o som forte e viril que anunciava a presença de dois guerreiros. As botas cravejadas eram as regulamentares para soldados e mercenários, homens que matavam como profissão.

Uma garçonete ao final do balcão ajustou sua posição ligeiramente, dando um ligeiro passo e inclinando sua cabeça para ter uma melhor vista dos dois intimidantes e atrativos homens. Ela não era

a única mulher em reagir desta maneira. Várias das clientes femininas do botequim se voltavam em seus assentos para jogar uma olhada Aos recém chegados.

Quando Imprianna olhou, os companheiros intercambiaram umas palavras em seu caminho para o balcão onde lançaram algumas moedas ao barman. Enquanto esperavam suas bebidas, ela se deu a oportunidade de assegurar-se que tinha feito uma boa eleição.

Eram mais altos que a maior parte dos homens no bar, com corpos perfilados com um bordo duro pelo que pareciam anos de lutas. Quadris estreitos conduziam a largas, e musculosas pernas, e calças de couro negro forravam o que deviam ser umas coxas de aço antes de desaparecer dentro de umas botas até os joelhos. Ambos os homens levavam espadas sobre seus quadris, assim como um sortido de armas em seus cinturões, incluindo molas de suspensão de mão e recâmbios de munições. Suas curtas jaquetas de couro estavam abertas e frouxas, expondo uma grande extensão de pele bronzeada por cima de umas ligeiras bandas de ponto que se entrecruzavam sobre seu torso.

O loiro era o mais alto dos dois, com os olhos com rugas pelo sol que brilhavam pálidos sob o arco de sua frente. Seu nariz reto e o queixo marcado o faziam parecer um deus clássico, sua boca ampla e generosa com um sorriso. Uma faísca de luz levou seu olhar A sua entreperna. Ela riu do chamativo diamante que cintilava e na cremalheira de sua braguilha, cockstone(2) tão chamativo servia para assegurar que seus consideráveis méritos não passassem inadvertidos.

2 Se refere A um tipo de adorno que tem posto sobre a braguilha, seria uma forma de chamar a atenção sobre seu pacote...

O moreno era... diferente.

Em uma cara tão escura como a mogno antiga, seus olhos eram agudamente brilhantes em contraste, frios e claros como um sorvete sol ártico. Era enxuto, a cara magra, a pele se estirava sobre maçãs do rosto altos e queixo quadrado. A diferença da mandíbula suave de seu companheiro, seu queixo estava obscurecido pelo que parecia ser uma capa de areia negra. Embora ela não pudesse adivinhar que causava este estranho fenômeno, o efeito era mais atrativo do que tinha acreditado possível. Rugas marcadas emolduravam a dura linha de sua boca. Como a luz da lua sobre a água, o escasso brilho de néon dos tubos no alto brilhou sobre a superfície de suas mechas negras, brilhantes.

Enquanto seu companheiro dava voltas a sua bebida, aparentemente contente de deixar a busca, o moreno apoiou seu traseiro contra o balcão e descansou os cotovelos sobre o mostrador enquanto seguia explorando o escuro recinto. Apoiado na barra com os ombros cansados e com um ar de aborrecida negligência, de algum modo o homem conseguia emanar uma confiança absoluta ao mesmo tempo.

Mas tudo isto estava a ponto de mudar, quando os homens com os que ela tinha falado antes se levantaram e se dirigiram através das mesas para os confiados estrangeiros. Imprianna se lamentou das condições que lhe tinham obrigado a tomar estas medidas. Mas ela necessitava guardas. Necessitava guardas agora. Para a prova. Os dois guerreiros pareciam os candidatos prováveis. Mas tinha que estar segura.

Imprianna franziu o cenho. Em realidade, se era honesta consigo mesma, teria que admitir que os dois homens pareciam ser mais que candidatos prováveis e não só sobre o fronte de batalha.

Homens assim teriam que ser bons na cama, supôs, embora não fora por outra razão que seu aspecto, o qual era suficiente para fazer que uma mulher se derretesse em um charquito quente suave e pegajoso pelo desejo. Um simples olhar Aos homens tinha posto cada função automóvel lubrificante de seu corpo em funcionamento.

Eles a punham úmida. Sacudiu sua cabeça. Pequeno eufemismo. Faziam-na empapar-se.

Apertou seus lábios enquanto os olhava fixamente. Vagamente, notou que seus lábios se sentiam duas vezes de seu tamanho normal, grossos e carnudos, cheios de sangue lançando diminutas pontadas ansiando ser esmagados e levados a esquecimento sob a pressão de um duro beijo masculino. De novo, ela se esfregou seus lábios, o que só aumentou a incômoda e ansiosa sensação. Sentiu como se fora todo lábios e em mais que um lugar. Além dos lábios de sua boca, era cada vez mais consciente dos lábios grossos e quentes entre suas pernas onde seu pulso golpeava forte e pesado em sua vulva, recordando-a que era uma fêmea e lhe informando que os homens gravados em sua retina eram totalmente machos.

Tomando um comprido e estremecido fôlego, Imprianna pressionou seus lábios outra vez e se estirou. Sua coluna, desde seu coxís até a base do crânio, estava tensa, como se necessitasse uma boa sacudida. Quando se arqueou instintivamente, seu traseiro se apertou contra a parede. Ela aceitou a presença da parede como um pouco ligeiramente melhor que nada. O que ela desejava detrás era um quente corpo masculino, acomodado contra seu ânus como duas colheres copulando. Com este pensamento, seus mamilos se endureceram. Com impaciência, ela passou a palma de sua mão por uma areola e depois pela outra.

Sim, Imprianna concluiu. Se os homens passavam a prova que ela tinha organizado, definitivamente seriam bons em outros aspectos.

Tinham passado sete dias desde que se escapou do Duque da Prata, deixando-o inconsciente em sua cama. Francamente.

O que tinha esperado o homem que fizesse? Deitar-se e abrir suas pernas para ele sem um protesto? Ele deveria ter feito algo melhor que deixar uma pesada peça de arte sobre a mesa de cabeceira. A irregular peça de cristal tinha vários salientes muito práticos para agarrá-lo. Ele esteve fora de jogo no primeiro golpe.

Após, ela tinha estado indo para o norte, sobre tudo de noite, Através dos baldios de areia e dos prados, evitando as rotas principais e o oeste pesqueiro, rodeando o confine do bosque quando finalmente o alcançou. detrás dela estava o Palácio de Cobre. A baronesa não devia estar muito contente com o Duque da Prata por permitir a fuga de Imprianna. Diante se abria o comprido caminho a Judipeao. Esta estava ainda em poder do Duque de Ferro, quem formava parte da Aliança do Norte que lutava contra a baronesa. Imprianna esperava que AuBanner lhe oferecesse refúgio no Palácio de Ferro.

Olhando a porta, Imprianna trocou o peso do corpo ao outro pé, impaciente de ter a medida dos homens.

Danjer ignorou aos talentos locais que empurravam para ele em uma cunha de áspera humanidade. Pareciam aficionados. Encabeçados por um grande e calvo do tamanho de um urso, o

grupo se parou à distância de uma respiração dele enquanto se fez o silêncio no botequim, todo mundo centrado no que parecia ser uma confrontação de alguma classe e, com sorte, uma briga.

Eles cheiravam a cerveja com um pouco mais forte, que provavelmente avivava sua coragem. Brevemente, pensou em lhes pedir que fossem respirar em outra parte. Ainda não tinha localizado a aquela bonita pequena diabinha.

Com sua mão sobre a tocha que pendurava de seu cinturão, o bruto calvo lhe franziu o cenho quando Danjer se apoiou contra o balcão com os ombros para trás, seus cotovelos posados distraidamente na encimera. Quando o valentão local cuspiu a seus pés, finalmente entreteceu seus olhos fazia este enquanto o instinto endireitou a posição de preparado para a batalha de seu comprido corpo.

Sem dar volta, Saxon sujeitou com mão férrea seus bíceps. Aplicando uma quantidade considerável de esforço, Danjer resistiu ao impulso de apartá-lo.

—Sinto-o —disse Danjer, sua voz cortando através do denso silêncio que enchia o quarto — Mas se você gostar de meu aspecto, digo-lhe isso agora, não vão os homens.

Outra vez, o valentão local cuspiu em suas botas.

Devagar, Danjer olhou para suas botas e elevou o olhar outra vez.

—Sua irmã não apreciará isto quando estas botas estejam entre suas pernas esta noite.

Um estrondo de tranqüila diversão rodou através do botequim quando Saxon apartou os dedos que sujeitavam como grilhões o braço do Danjer, girando para rir do bruto local.

—Tem um problema com meu amigo... ou comigo? —pronunciou as duas últimas palavras devagar, quase languidamente, esclarecendo que os dois homens vieram juntos e se manteriam juntos, e o que é mais, que sem dúvida lutariam juntos.

—Tenho um problema com os mercenários —o urso respondeu com uma mofa—. Tenho um problema com qualquer homem que vende sua espada e arbusto por ouro.

—Negociem... estas equivocado, amigo. Dirigimo-nos para o Norte —lhe disse Saxon—. Servimos a rainha e lutamos junto a ao Duque de Ferro. Estamos caminho do Judipeao agora.

Como se fora um sinal, a porta se abriu uns centímetros para deixar um jovem moço deslizar-se dentro. Inconsciente do drama que se fazia no tranqüilo bar, o menino se dirigiu ruidoso, sem fôlego por volta dos dois homens que se apoiavam contra a barra— Capitão Danjer. Uma mensagem para você, senhor.

Danjer tomou a mensagem do moço e, no silêncio seguinte, o valentão ofegou um fôlego de horror enquanto sua cara se voltou de cor cinza. Os murmúrios sussurrados atravessaram o botequim, de mesa em mesa, quando os inquilinos do botequim compreenderam que compartilhavam companhia com os mais dotados e mais mortais guerreiros do Norte.

O duro local compreendeu enquanto seus olhos se alargaram e sua mão saltou para distanciar da tocha sobre seu cinturão.

—Danjer da Terra —ofegou, misturando as palavras em atordoado assombro, logo voltou seu olhar sobre o homem em pé a seu lado— E Saxon o Estrangeiro —declarou—. Minhas... minhas desculpas aos dois —seus olhos se estreitaram com confusão, logo aborrecimento, enquanto bombardeava as esquinas escuras do botequim—. A moça. Ela disse...

—Que moça? —lançou Danjer bruscamente.

—Ela me disse que vocês eram mercenários e lutavam pelo Sul.

—Que... moça? —repetiu Danjer, seus olhos movendo-se ao redor das mesas.

—Ali se vai —murmurou Saxon, cabeceando a sua direita, e Danjer a localizou, deslizando-se rapidamente ao longo da escura parede, aproximando-se para a porta de botequim. Mantinha a cabeça baixa e a cara apartada, mas ele viu o brilho de cabelo pálido como o sol quando ela se apressou para a saída e a fuga. E quase o obteve, por pouco. Mas, quando alcançou a porta, esta se abriu por um alto aristocrata quem obstruiu o caminho de escape.

—Imaginei que te encontraria aqui —se mofou com uma voz que soou cruel pela satisfação. Em um movimento rápido, ele a girou, seus braços agarrados detrás dela enquanto a atava com força com uma magra corda que tinha posto ao redor de suas mãos.

Involuntariamente, Danjer se estremeceu. Ele pillou um espionista de se desesperada resignação em seu olhar com os olhos muito abertos justo antes de que o homem a obrigasse a baixar sua cabeça. Os olhos do Danjer se estreitaram ao ver a mão do homem entre suas omoplatas.

—O que vai fazer com nossa diabinha? —murmurou Saxon a seu lado e Danjer assentiu em resposta. Juntos se moveram para a moça.

—Não teria adivinhado que tivesse imaginação —resmungou ela entre dentes.

—Certamente porque isto nunca tinha passado antes — então ela se retorceu e gritou quando ele deu um puxão com força na magra corda que cortava suas mãos.

—Tenho outra corda para seu pescoço —vaiou à moça

— Imagine atada em cima de mim e pendurando nela enquanto dança em meu colo —com um cruel puxão final sobre suas ataduras ele a arrastou fora do botequim.

—Espere um instante —disse Saxon enquanto Danjer e ele saíam pela porta e lhes seguiram pela rua.

O elegantemente vestido aristocrata se girou para fulminar com o olhar aos dois homens, sua capa de veludo abrindo-se no ar para voltear em um arco. Danjer lhe lançou uma fria e avaliadora olhada, calibrando ao homem com seus olhos e catalogando do armamento de seu cinturão até o escuro e encaracolado cabelo, unhas manicuradas e as caras roupas de couro justo até seus grossos saltos de plástico, onde discos afiados como navalhas de barbear penduravam como chapeadas esporas.

O homem emprestava a opulência e arrogância do sul.

—Quais são seus planos para a moça? —perguntou Saxon em tom agradável.

—A violação, mutilação e tortura —articulou o homem sucintamente— Não necessariamente nesta ordem.

—Sonha como um bom plano —disse Saxon amavelmente— De fato, parece-se muito a nosso plano.

Ao lado dele, Danjer assentiu.

—Temos um assunto pendente com a garota.

A garota sacudiu seu cabelo lavado por sol.

—Não! Moços, vocês não querem brigar por mim —ela grunhiu ao chão— sigam adiante e larguem-se.

O homem continuou como se ela não tivesse falado.

—Não tenho tempo para notar-me um tanto —se mofou com impaciência—. Mas se olharem ao redor, veram que as probabilidades estão em seu contrário —com estas palavras, ele moveu um ombro para o meio da rua onde dez homens pesadamente armados estavam sentados escarranchado sobre suas silenciosas magnabike(3). Flutuando trinta centímetros por cima da estrada pavimentada de ferro, as motos bloqueavam a estrada.

As sobranceiras do Saxon se elevaram em interessada especulação quando observou aos guerreiros endurecidos por batalhas montando a escassos metros de onde eles estavam em pé. Estes homens eram grandemente diferentes dos homens que os tinham abordado dentro do botequim. Tinham os braços e as caras marcadas pelas navalhadas brancas de numerosas cicatrizes, os homens levavam suas velhas feridas com orgulho, como provas de virilidade.

—Mau negócio — murmurou Saxon pela comissura de sua boca.

3 Bicicleta grande.

Danjer inclinou seu queixo levemente enquanto Saxon deslizava seu olhar de avaliação. Quando seus olhos se encontraram, compartilharam a mesma decisão no tempo de uma piscada. Danjer olhou airadamente à humilhada moça durante uns instantes antes de dar sequer um passo para ela. Agarrando com um punho a frente de sua camisa curta de algodão ele aproximou sua cara à sua.

—Não acabei contigo —lhe disse severamente, logo a empurrou a distancia. Com isto, girou-se e cruzou de uma pernada enquanto Saxon se apressou a lhe alcançar, seus duros sapatos golpeando sobre o pavimento de ferro.

—Garagem —cuspiu Danjer

—Desse modo? —perguntou Saxon com tensão.

—Sim —lhe disse Danjer.

—vamos ajudar —asseverou Saxon.

—vamos libertar primeiro —respondeu Danjer— Mais tarde veremos se a ajudamos ou não.

—vamos ajuda-la —insistiu Saxon com um grunhido— É um anjo!

—Sim, como Lúcifer!

—O que?

—O maior demônio de meu planeta de origem —explicou Danjer parcamente—Dando a volta À esquina, eles romperam a correr, suas botas cravejadas fazendo ruído sobre a dura superfície do caminho enquanto corriam para a garagem.

CAPITULO 3



Entre os que lutavam pelo norte, era um fato conhecido que Danjer da Terra era o melhor rastreador do planeta eYona. Descendente de uma antiga raça de caçadores originários do distante planeta Terra, dizia-se que podia rastrear um tronco flutuando rio abaixo na meia-noite sem uma só estrela que iluminasse o rastro.

Danjer não fez nada para desalentar a opinião amplamente estendida sobre sua capacidade de rastreamento. Era quase verdade. Em realidade, não era fácil rastrear um veículo que flutuava A 30 cm da terra. Um magnabike não deixava um verdadeiro rastro para seguir.

Embora os veículos grandes se moviam pelas estradas pavimentadas de ferro, a maioria dos eYonanos viajavam de magnabike. As motos não estavam limitadas Às poucas estradas que conectavam as cidades principais.

Havia suficiente magnetita na casca do planeta para lhes permitir viajar fora das estradas, pelos bosques talheres de mantos de folhas, Através dos amplos prados de erva e sobre a cambiante areia, que deixava muito pouca evidência detrás para marcar seu passo.

Mas Danjer era o melhor rastreador sobre o planeta. Disso estava seguro. E ele sabia que isso era o que acreditava Saxon quando se deslizou junto a seu amigo, seus lábios fechados em um estóico silêncio quando Danjer lhe indicou o caminho ao sul.

Os dois homens tinham estado juntos desde que eram adolescentes, quando os pais do Danjer tinham imigrado a eYona.

Sua família era afortunada de ter escapado das lotadas cidades da Terra, que formigavam com o descontentamento, mas tinham chegado virtualmente sem dinheiro. O pai do Danjer logo assinou um contrato de trabalho de cinco anos com a família eYonan do Saxon. O pai do Danjer trabalhou na armeria, criando cópias mais ligeiras das antigas espadas largas da Terra, muito apreciadas por seu equilíbrio, assim como por sua beleza. Muitos nobres do Norte levavam uma das espadas de seu pai, como faziam ele e Saxon.

Matriculados nas mesmas classes no educólio, os dois altos jovens foram naturalmente emparelhados para o treinamento com armas. Trabalharam juntos quando o cálculo diferencial e exploração elétrica lhes criava problemas, e ambos se beneficiaram dessa aliança. Saxon era brilhante quando se tratava de matemática e Danjer nunca falhou em um trabalho de laboratório, independentemente da disciplina. Mas quando se tratava de mulheres os homens eram rivais mais que aliados.

Apesar da tendência a competir pelos afetos do sexo oposto, houve vezes em que um ou outro teve que cobrir a seu amigo quando este levava a uma senhorita contra a parede dos vestiários do centro esportivo. Quando a guerra tinha estalado por volta de dois anos, eles tinham viajado ao este e tinham lutado com o norte para rechaçar à baronesa usurpadora.

—O que é o que vê? —perguntou Saxon enquanto Danjer estava concentrado no rastro de quão seqüestradores passava através do prado de erva que se inclinava, e salpicada de revoloteantes pétalas e de espigas com ameaçadores pontas agudas.

—É difícil de explicar —respondeu Danjer, sua atenção posta no rastro.

— Marca nos caules, nas fibras de erva. A erva se curva quando as bicicletas passam por cima dela, embora esta volte atrás quase imediatamente, alguns caules permanecem torcidos e o lado inverso da erva é... diferente do dianteiro. É... fosco.

—Como encontra um rastro sobre os refugos de areia? persistiu Saxon

— Nada cresce na areia negra.

—Insetos de areia —respondeu Danjer—. O campo eletromagnético gerado por nossas motos atrai insetos à superfície.

—Insetos! Como os vê?

—Tenho boa vista —respondeu Danjer distraidamente.

Quando o sol iniciou seu caminho através do brilhante céu azul, tiraram-se suas jaquetas de couro e as guardaram nas alforjas. O agradável aroma do prado do deserto os seguiu enquanto eles batiam a alta erva. Seguiram a garota e a seus captores durante toda a tarde, com cuidado de deter-se em cada elevação para assegurar-se de que os homens aos que rastreavam estavam ainda fora de sua vista.

—Como de longe estão? —perguntou Saxon em uma parada, franzindo o cenho com consternação enquanto seu amigo reduzia a marcha junto a ele.

—Não a mais de uma milha —lhe tranqüilizou Danjer.

—Não devemos ficar muito atrás —aconselhou Saxon.

Uma extensão larga, de campo aberto, apareceu ante eles. Quando a cruzaram, encontraram-se com a larga sombra de uma formação rochosa. O grupo que estavam procurando se encontrava sobre suas motos, visíveis, justo ao outro lado do amplo prado.

Ocultos atrás do saliente de escura rocha arenisca, os dois homens esperaram a que os seqüestradores da diabinha entrassem no bosque que lutava com o campo aberto. Quando o crepúsculo começou a obscurecer o entorno, viram como o grupo se reunia no bordo do bosque. Distantes trovões provenientes do este, precederam a inevitável tormenta noturna enquanto Danjer olhava às escuras nuvens formando-se sobre a planície. Movendo-se com impaciência em sua cadeira, jogou uma olhada através do campo aberto.

—Esperaremos até que sigam adiante —instruiu A Saxon.

Mas momentos depois Danjer amaldiçoou silenciosamente quando compreendeu que sua presa estava montando o acampamento justo no bordo das árvores, com o campo aberto entre eles. O ar se espessava com a expectativa da tormenta elétrica que se morava. A erva alta do prado, sussurrava com estática impaciência. Silenciosamente considerou suas opções. Em uma hora as escuras nuvens tormentosas coincidiriam com a queda da noite para cobrir seu avanço. Até então, sua aproximação seria descoberta no momento em que eles se movessem através da larga extensão de terra aberta. O melhor seria esperar.

—Escurecerá logo —disse a Saxon.

Saxon considerou essa declaração.

—Mas poderia não ser o suficientemente logo —disse silenciosamente.

Com um suspiro apagado, Danjer assentiu. Saxon tinha razão. Não podiam arriscar-se a esperar. Não se queriam deter o desagradável aristocrata antes de que levasse a cabo as ameaças que

tinha detalhado antes. E Danjer não tinha gostado de muitos esses detalhes e supunha que à diabinha lhe tinham gostado ainda menos.

—Muitos para um ataque surpresa —grunhiu, subiu a seu magnabike e acendeu o campo eletromagnético com um golpe de seu punho. Com uma profunda risada, Saxon acendeu um interruptor no console de seu magnabike e o veículo se elevou. O vento cortava suas caras quando avançaram velozmente através do campo aberto detrás dele, o cabelo de Saxon se estendia como uma enredada bandeira de ouro. A larga erva, salpicada com manchas de cor florida, separava-se ante eles enquanto corriam através do campo aberto, saltando sobre troncos e deixando uma esteira de dois estreitos sulcos de erva aplanada. Um oceano de lhe sussurrem verde se precipitava a ambos os lados do estreito rastro quando a erva se endireitava de novo e lhe sussurrem, obscurecia seu rastro.

Como resultado, seus oponentes foram surpreendidos.

Enquanto o aristocrata se precipitava para agarrar suas armas e enfrentar aos dois guerreiros que se lançavam silenciosamente para eles, quatro de seus homens foram agarrados em um primeiro ataque, quando as duas magnabikes divergiram justo antes de alcançar o final do campo. Aparecendo a grande velocidade a ambos os lados deles, os quatro homens ficaram fritos quando as magnabikes expulsaram uma carga eletrostática de quinhentos volts, com uma chama, uma crepitante ceifa de fogo branco cortou através dos homens, matando-os e fazendo-os arder sem chama antes de que chegassem a golpear a terra.

A espada do Danjer saiu, rasgando o ar, quando ele acelerou diante de um quinto homem, separando a cabeça de seu corpo. Girando seu magnabike bruscamente, Danjer salto de sua cadeira para aterrisar em seus pés detrás de um sexto opositor. Sacudiu-lhe ligeiramente no ombro e o punho do Danjer, que ainda sujeitava a espada, golpeou contra sua cara lhe esmagando a mandíbula no momento que este girou. Girando-se, Danjer imediatamente viu que dois homens estavam mortos ou sem sentido Aos pés de Saxon enquanto dois mais corriam até suas motos.

Isso deixava ao bastardo sobre a magnabike sob a árvore.

Tinha à diabinha completamente nua e pendurada na árvore enquanto se sentava Escarranchado em sua moto.

Somente respirava e apenas apenas consciente, a encantadora diabinha nua, pendurava por seu delicado pescoço de uma corda que tinham passado sobre o ramo grosso da árvore. Tudo tinha passado tão rápido que as pernas magras ainda caíam a ambos os lados das coxas vestidos de couro do aristocrata. O pênis deste sobressaía do cabelo negro da virilha, um gordo tronco preparado e duro e preparado para usar. Ele tinha preparado para empurrar a moça sobre seu pênis. Agora lutava para tira-la de seu caminho, tentando alcançar o interruptor sobre o controle de sua moto.

O que passou depois aconteceu mais rápido que nada do que tinha passado até esse momento. Danjer tinha ao aristocrata pela garganta, sua grande mão rodeando o pescoço da besta, arrancando o de sua moto e lhe golpeando contra a árvore ao que a garota estava atada.

Ao mesmo tempo, Saxon tomou à moça em seus braços e a levantou. Colocou suas mãos sob a corda que rodeava seu pescoço como um cruel e sádico colar. Afrouxou-a e a baixou até seus ombros,



depois se desfez da corda áspera que atava suas mãos à costas. Logo, com cuidado atraiu à moça contra seu peito, comprovou seu pulso e esfregou suas mãos e olhou a seu amigo durante uns instantes.

—É suficiente —disse finalmente— é suficiente Danjer, está morto.

Danjer se deteve meio murro, surpreso pelo som da voz de seu amigo, perdeu-se completamente no calor cegador de sua fúria. A voz do Saxon atravessou com sua calma sua raiva vulcânica. Danjer deixou de golpear o corpo brando contra o tronco da árvore, piscando, olhou airadamente para o homem destroçado que ainda mantinha agarrado com seu punho. Com uma última maldição obscena, atirou o corpo ao chão e se girou para a moça.

Nesse momento, Saxon punha à garota deprimida sobre seus pés, ajudando-a a manter-se em pé.

—Tranqüila —lhe disse amavelmente.

Juntos, eles lhe tiraram a corda do pescoço. Danjer a subiu por sua cara e Saxon terminou de tirá-la por sua cabeça. Então as mãos do Danjer acariciaram a suave e delicada pele. Franziu o cenho com desaprovação quando roçou a marca púrpura que rodeava seu pescoço, moveu seus dedos sobre seus ombros e baixando-os por seus braços enquanto comprovava seu corpo nu para procurar mais danos.

Sujeita entre os dois guerreiros, Imprianna tremeu sobre suas débeis pernas, que se chamava Saxon estava detrás dela. Suas ásperas e calosas mãos rodeavam sua cintura e quadris, deslizando-se sobre suas curvas. o de cabelo escuro, Danjer, estava ante ela e com suas mãos explorava seu corpo com cuidado meticuloso. Levantando seu queixo, procurou sua sombria cara. A cólera ardia lentamente em seu fixo olhar ártico.

Da frigideira ao fogo.

Ele tinha direito a estar zangado depois de que ela tivesse posto a uma dúzia de homens contra eles no botequim. Era um Earther(4). E era sabido que os terraqueos eram uma raça volátil e apaixonada. Ainda assim, Apesar da promessa de vingança e apesar da violência com a que tinha acabado com o duque de Prata, tudo o que ela pôde sentir em seu toque foi a tenra preocupação. Inclusive embora Danjer ainda franzisse o cenho com veemência enquanto seus olhos rogavam seu corpo, ela se sentiu mais a salvo do que se sentou nos últimos dias desde que tinha escapado do dormitório do duque no palácio da baronesa. Segura com o forte agarre pelas ásperas mãos endurecidas pela batalha.

4 Terraqueos

Balançando-se de repente, caiu para diante e ambos os homens reagiram para sujeitá-la. Enquanto sua cabeça caía para diante contra o peito do Danjer, suas mãos a sujeitaram por seu diafragma de uma vez que as mãos do Saxon a sujeitavam por sua cintura.

—Está bem —murmurou Danjer—, Está ferida?

—Necessito sua ajuda —disse justo antes de que tudo se voltasse negro.

CAPITULO 4

Quando Imprianna despertou, estava sobre suas costas e seu nariz estava frio. Esfregando-lhe com a palma de sua mão, ela lamentou o fato de que seu bastante largo nariz se estendesse o muito longe de sua cara para manter-se quente ainda nas condições mais tropicais.

Ela compartilhava o leito com os homens. Eles tinham posto suas esteiras juntas e ela estava no meio dos dois. Vestida com sua roupa recuperada, estava debaixo de uma magra manta de viagem. Mas a noite estava fresca.

Atirando a manta para cima para esquentar a ponta de seu frio nariz, ela aspirou o rico aroma de seu dono. Primário e masculino, o distintivo aroma de homem a abrigou em um forte e tranquilizador abraço.

Um dos grossos antebraços do Saxon estava sob sua cabeça, fazendo de duro travesseiro, enquanto seu outro braço se apoiava pesadamente através de seus quadris. Ele estava sobre seu flanco, com os olhos fechados e sua cara a poucos centímetros da dela, seu fôlego úmido era uma quente carícia sobre sua bochecha. A sua esquerda, Danjer estava sobre suas costas, suas mãos detrás de sua cabeça.

Quando ela rodou sobre seu flanco para ter uma melhor visão do oscuramente formoso homem, o movimento imediatamente revelou o alcance de suas feridas. sentiu-se golpeada, sacudida e completamente cansada, como se a tivessem arrancado com uma dastro-colheitadeira. Tivessem-na miserável pelo chão, despojado de sua essência, metido em uma bolsa de alumínio e carregado em um caminhão para ser enviada ao mercado.

Quando ela mudou de posição, Saxon respondeu sonolentemente, abraçando-se ele mesmo ao redor dela mais firmemente, sua mão grande sobre seu quadril, adaptando-se à curvatura inferior de sua virilha. Exceto pela presença de seu largo e duro pênis decorando suas calças de couro e cravando-a no traseiro, Imprianna se sentia amigavelmente abraçada, seu ânus encaixado na cálida curva de seus quadris.

Ela não sabia onde estava, o chão sobre o que se encontravam era brando, com uma suave e rangente capa de agulhas de pinheiro, que sugeria uma zona de bosques. Um distante som de chapinho indicava um rio próximo. Imaginava que se afastaram do bordo do bosque, onde os outros se detiveram. Onde o duque de Prata tinha tentado... feri-la.

Involuntariamente se estremeceu.

—Está a salvo por agora —murmurou Danjer— Tenta dormir. deu meia volta para ela — Manterei vigilância até o alvorecer, Saxon o fez mais cedo. Volta a dormir —ordenou tranquilamente.

Consciente da dor de cada músculo em seu corpo, ela olhou para ele, nada queria mais que seguir sua sugestão e seguir dormindo. Suas pálpebras pareciam de chumbo. O resto de seu corpo estava em algum lugar próximo ao peso atômico do plutônio. Embora seu corpo pedia a gritos o descanso, ela estava, entretanto, pouco disposto a renunciar e deixar escapar o que parecia ser uma oportunidade excelente. Metida na cama entre dois capazes guerreiros, ela sabia que esta era a oportunidade de fazer aos homens seus amantes e assegurar sua lealdade... já que o amparo era, em este ponto de sua

existência, absoluta e inquestionavelmente necessária. Com estes pensamentos em mente, ela aconchegou o traseiro contra a entreperna do Saxon, embora até esse pequeno movimento causou a seu golpeado corpo grande quantidade de mal-estar.

A respiração do Saxon se aliviou e ela soube que o tinha despertado. Com sua mão ainda apoiada sobre seu quadril, ele moveu seu quadril uma fração e tentativamente pressionou sua virilha contra suas nádegas. Automaticamente, ela empurrou para trás, para roçar seu pênis com sua vagina, colocando a suave racha de seu sexo contra a quente pressão de seu extremamente masculino equipamento.

Ela escutou como Saxon tomava um brusco fôlego de interesse enquanto sua mão se apertava sobre o quadril dela. Seu pênis pulsou contra a carne sensível entre suas pernas, provocando jorros de umidade enquanto seu eixo crescia quente, grande e palpitante contra o oco suave, sensível de sua vagina. Ela se permitiu uma pequena risada para dentro. Saxon era fácil.

Ela tinha a sensação de que seu companheiro seria mais que um desafio.

Nervosa, ela jogou uma olhada a Danjer, cujos olhos estavam abertos e olhavam fixamente para o céu noturno. Ela sabia que ele escutava cuidadosamente enquanto olhava fixamente a escuridão, esquadrinhando o silêncio ante qualquer sussurro de perigo. A brisa sussurrava através do bosque, levando uma ligeira umidade, produto da chuva mais temprana. No alto, o céu escuro estava salpicado de um milhão de parpadeantes estrela enquanto a distante tormenta deixava no negro pano de fundo a esteira ocasional de um raio.

Apertando seus dentes com determinação, Imprianna estendeu uma cautelosa mão para deslizá-la através dos ajustadas calças de couro de Danjer, escorregando seus dedos por seu ventre e sua virilha. O corpo dele ficou rígido sob seu toque e ela continuou deslizando sua mão mais longe e mais abaixo enquanto continuava esfregando seu pequeno e quente ânus contra a pênis do Saxon.

Elevando-se um pouco e dobrando um pouco a cintura, encaixou a grossa ereção entre os lábios de seu sexo. Ao mesmo tempo, as gemas de seus dedos alcançaram e rodearam a base da protuberante pênis do Danjer. Dali as moveu pouco a pouco sobre o vulto vestido de couro que formava seu eixo. Deslizou sua mão por toda sua longitude, surpreendida de encontrar-lhe duro e rígido e na aparência preparado para a ação. Soltando um suspiro de alívio apertou sua mão mais forte ao redor da largura de seu eixo.

Foi então quando ele sujeitou a mão dela com a sua.

—Está cansada —lhe disse, levando de novo a mão até o flanco dela.

de trás dela, Saxon se levantou sobre um cotovelo e os dois homens se jogaram uma quente olhada.

—Ela estava trabalhando com os dois —informou Danjer a seu amigo.

Sem apartar seu olhar fixo do Danjer, Saxon cabeceou faminto. Sua mão se deslizou entre as coxas dela atirando de seu joelho para cima e levantando sua perna até apoiá-la sobre a parte inferior do corpo do Danjer.

—Estou de guarda —recordou Danjer a seu amigo, quase com ira — A garota pode ter mais inimigos.

—Não levará muito tempo —discutiu Saxon tranqüilamente.

Ante o olhar da Imprianna, Danjer olhou enfurecidamente a seu amigo.

—Viu as contusões que tem?

O olhar do Saxon se dirigiu até o pescoço dela enquanto sua mão lhe acariciava da coxa ao joelho, que estava apoiada calorosamente na virilha do Danjer. A respiração dele era rápida, desigual.

—O que tenta me dizer, Danjer?

—Que ela faça isto... inclusive embora esteja dolorida. Inclusive embora esteja esgotada e embora logo que possa manter os olhos abertos. Ela não o quer. Não realmente. Não agora, de todos os modos.

Saxon levou sua mão ao arredondado traseiro dela. Enquanto olhava como sua mão o acariciava, formulou a seguinte pergunta.

—por que ela faria isso?

Danjer girou sobre seu flanco para jogar um interrogante olhada à fantasia de diabo.

—Não sei. Ela está atrás de algo —declarou rotundamente.

Apanhada no olhar fixo do Danjer, Imprianna piscou para ele enquanto sentia sua resolução e sua determinação vacilar. Ele suspeitava dela. Nervosamente, lambeu seus lábios.

O tom de voz do Danjer se abrandou quando sorriu para ela.

—O que anda procurando, amor?

Olhar a seu vibrante olhar fixo, hipnotizou-a. Durante uns momentos, Imprianna pensou em confessar seus motivos, mas era um risco fazê-lo. Ela necessitava a estes homens.

Gentilmente, ele sujeitou seus dedos e levou a mão dela a sua boca, roçando com seus dedos a seda áspera de seus lábios.

—O que é o que buscas, diabinha?

Quando ela não respondeu, quando ela não fez nada mais que tomar fôlego e olhá-lo fixamente, ele levou a mão dela a sua virilha e roçou com seus dedos a larga linha de seu duro pênis.

—O que é o que buscas, pequena? Não pode me dizer que realmente quer isto. Não agora. Não pode me dizer que quer a ambos, a Saxon e a mim, em ti, te montando, pela frente e por detrás. Está muito fraca... por agora.

Quando ela seguiu sem responder, ele abriu a mão dela sobre seu pênis e a manteve ali enquanto movia seus quadris e esfregava a enorme ereção contra a mão. Ela ofegou quando compreendeu seu tamanho e ele riu amavelmente.

—E Saxon não é mais pequeno —murmurou.

Apartando os olhos de seu penetrante olhar, ela apertou seus lábios.

—Quero-te —insistiu, tentando soar segura e mundana— Acredito que poderia tomar a ambos... com um pouco de preparação.

Danjer a olhou cético e com uma sombra de suspeita.

—Preparação —finalmente murmurou tranqüilo— Exatamente que tipo de preparação tem em mente?

Imprianna vacilou. Sua reação era uma mescla de um pouco de acanhamento e de muita consciência culpada.

Maldição. Estes meninos não estavam pondo isso fácil.

Quando ela não respondeu, Danjer se dirigiu para a cintura de suas calças.

—Saxon —disse enquanto se desabotoava as calças, logo deixou que fosse Saxon o que os descesse por suas pernas até seus pés.

Depois de desfazer-se das calças e calcinhas, Saxon se colocou sobre suas nádegas atrás dela e levantou seu joelho sobre sua coxa coberta de couro. Ela sentiu uma brisa fresca de ar sobre seus lábios separados, e os olhos de Danjer foram a deriva sobre a nuvem de cachos de sua vagina.

Sob seu olhar ardente, suas dores se deslocaram e foram substituídos por uma dor muito mais profundo quando ela viu como os olhos do Danjer enfocavam os lábios separados de sua vagina entre suas pernas. Como por própria vontade, suas pernas se abriram mais, com seu joelho movendo-se mais acima sobre a coxa do Saxon.

—Com cuidado —aconselhou Danjer enquanto Saxon soltava uma risada sem fôlego.

—Não fui eu —lhe informou Saxon— Foi ela.

As sobrancelhas do Danjer se levantaram enquanto jogava outra olhada a sua cara.

—O que estas procurando? —murmurou, com seu fixo olhar mantendo-a cativa.

—Eu... eu te hei dito o que quero —gaguejou Imprianna.

Ela olhou como devagar, de maneira sedutora, colocava dois dedos em sua boca e os tirava molhados e brilhantes de saliva. Mantendo seus olhos sobre sua cara, ela ofegou quando sentiu seu toque sobre seu aberto sexo, quente e molhado, tocando suas dobras, deslizando-se sobre os sulcos abertos que conduziam a sua vagina. Detendo-se justo sobre sua abertura, seus dedos percorreram de novo o caminho para trás para acariciar seus clitoris.

—Não está muito molhada —advertiu Embora estas palavras foram feitas com fria eficiência, as íris brilhantes do Danjer quase foram tragados pelo negro de suas pupilas. O homem logo que respirava— vais necessitar mais que um pouco de preparação antes de que qualquer de nós possa te montar.

A suas costas, Saxon retumbou com um som baixo, necessitado, enquanto devagar mas implacavelmente, Danjer jogava com seus clitoris. Seu dedo se deslizava por suas dobras e jogava com cada nervo de seu corpo, impulsionando-a a estender suas pernas, a pressionar a suas coxa, a abrir-se e convidar o seu dedo a entrar mais profundamente nela. Ela fechou seus olhos e sacudiu sua cabeça.

—Não estou pronta —admitiu. Logo abriu seus olhos— Mas homens realmente os quero. Seus dedos me sento bem —aventurou cuidadosamente— Mas você... boca seria mais rápido.

—Ah —lhe escutou pronunciar— Entendo.

Sua voz soava baixa, quente. Seu acento da Terra era brandamente estrangeiro. Soava como o murmúrio da água escorregando sobre as rochas. As sílabas se deslizavam em sua fala e davam ao homem um aura predadora que fazia pensar em uma silenciosa pantera espreitando.

Suas mãos se deslizaram sobre suas coxas até seus joelhos quando ele empurrou suas pernas mais abertas enquanto se movia para baixo por seu corpo. Sua boca roçou o interior de suas pernas,

logo se aproximou de sua carne, para usar seus lábios para beliscar com cuidado a carne do interior de suas coxas.

—Isto é o que tem em mente? —perguntou com sua voz espessada pela luxúria enquanto plantava uma linha de beijos em sua estirado coxa. Sua boca viajou para seu faminto, e sensível sexo. Ela sentiu o calor proveniente de sua boca em sua vulnerável e aberta vagina e esperou dolorida pelo primeiro toque de seus lábios masculinos, pela chicotada de sua áspera língua. Seu cabelo negro brilhava na noite iluminada pelas estrelas e tudo o que ela podia ver era essa cascata de fina seda escura brilhando entre suas pernas.

Uma pesado e urgente queimação e dor, uma que esmagasse a necessidade de contato cresceu entre suas pernas enquanto ela esperava com antecipação, sem fôlego. Ela se retorceu entre a sujeição do Saxon, ofegando brandamente, desesperada pelo toque de um homem em sua fatia insuportavelmente faminta, impaciente pelo toque e o roçar de dedos ou língua jogando com seus clitóris, saboreando a superfície úmida do interior de seus lábios, rodeando a carne sensível da base de sua vagina.

Seu peito se elevou e baixou com sua respiração acelerada enquanto ela continha sua resposta, a resposta que lhe traria o beijo que seu corpo agora desejava, enquanto ela vacilava, pôde sentir o fôlego do Danjer abatendo-se quente e úmido entre suas pernas contra suas frágeis e femininas dobras, enquanto Saxon a sustentava aberta, seu sexo estendido sob a promessa dos curvados e sensuais lábios do Danjer.

—Me diga que é o que quer —escutou que ordenava Danjer.

Seu cabelo roçou o interior de sua coxa e seu sexo se apertou bruscamente antes de aliviar-se com uma quebra de onda de novo.

—Quero-os a ambos —gemeu finalmente.

Ambos os homens riram, com um som baixo, perverso, cheio de luxúria.

—Quer a ambos —retumbou Danjer— Lambendo sua vagina? Lutando por seus clitóris com nossas línguas? Tentando foderte com nossa língua ao mesmo tempo? Santo céu, Saxon. Esta moça tem sérias fantasias sexuais.

Saindo com cuidado de detrás dela, Saxon a deixou no chão.

—Eu me apresento —disse bruscamente, enquanto seus dedos se deslizavam sob o cabelo que caía sobre a frente dela, explorando com cuidado a linha do nascimento do cabelo.

Danjer cabeceou para seu amigo.

—Quero ouvi-la pedi-lo —disse— Ainda não acredito que ela o queira.

Enquanto ele dizia essas palavras, um dos grossos dedos do Saxon se deslizou sobre a pequena e sensitiva cabeça de uma de suas antenas. A diminuta protuberância, parecida com um mamilo, reagiu ao contato breve com um tremor que viajou por seu corpo como uma onda. Enquanto seu corpo tremia com um estremecimento, ela escutou a risada áspera pela luxúria do Saxon.

—Acredito que ela o quer —disse a seu amigo.

Quando cuidadosamente apertou de novo a protuberância, ela estendeu suas pernas com um gemido, apoiou os pés e descaradamente levantou sua vagina até os lábios do Danjer. Sentiu que Saxon apartava a mão de sua antena e se inclinava sobre ela, sentiu seu suave fôlego roçando o cabelo de sua

vagina. Mas de todos os modos, conteve a súplica pelo ato sexual que a levaria a liberação, o beijo que asseguraria sua segurança. Uma vez que os homens tivessem provado o orgasmo de sua vagina, eles lhe estariam destinados para sempre, e ela teria os guardas que necessitava.

—Pela princesa —murmurou Saxon—, ela cheira como o paraíso. Nunca... tinha conhecido nada como isto.

Os lábios do Danjer roçaram ligeiramente contra os quentes e rechonchos lábios externos dela quando ele respondeu com um murmúrio.

—Ela cheira como o pecado... e o néctar.

Então ela os sentiu. Ambos de uma vez. As pontas de suas línguas, a pressão de duas perversas línguas, bocas abertas deslizando-se por sua vagina, empurrando para sua fenda.

No momento em que eles encontrassem sua abertura, ela sabia que gozaria.

—Não! —gritou, juntando suas pernas e retorcendo-se no espaço entre o quadril do Saxon e o braço que ele tinha apoiado no chão junto a ela— Não, não, não o façam! —gritou, apartando-se deles e enroscando-se sobre si mesmo.

Os braços do Saxon a rodearam sujeitando-a, acariciou-lhe o cabelo enquanto sussurrava em seu ouvido.

—Está bem —lhe disse com um murmúrio tranquilizador— Está bem —repetiu.

Então ouviu a voz do Danjer de novo.

—Encosto-a, Saxon.

Com um gemido, Imprianna se apertou mais forte contra o peito do Saxon e sentiu como os fortes músculos de seus braços se apertavam ao seu redor de forma protetora.

—Saxon —exigiu Danjer.

—Deixa-a por agora, —lhe disse Danjer.

—O que a deixe? A garota nos deve uma explicação, por não falar de uma fodida. Não se leva a um homem tão longe para deixá-lo assim.

—Deixa a garota dormir. Podemos continuar com isto pela manhã.

Danjer grunhiu como um animal.

—Ela poderia não estar disposta a nos dizer nada pela manhã —advertiu.

—Estará-o —assegurou Saxon— Nos dirá isso, Danjer.

Enquanto Danjer o considerava, Saxon sustentou à diabinha até que deixou de chorar, embalando-a em seus braços e acariciando-a com o protetor roçar de seus dedos.

—O que há dito? —Saxon perguntou à diabinha brandamente, depois de que ela bocejasse e murmurasse umas palavras contra seu peito. Danjer arqueou uma sobrancelha ante a pergunta do Saxon e este se encolheu de ombros— dormiu.

—O que é o que disse? —Perguntou Danjer em voz baixa.

—Sooou algo assim como... nunca beije a um diabinha.

Olhando sua cara pensativamente, Danjer estendeu sua mão e retirou várias mechas pálidas de cabelo de sua bochecha enquanto Saxon os colocava detrás de sua orelha. Um suspiro comprido e áspero saiu de Saxon.

—Estou mais duro que uma pedra —se queixou silenciosamente.

Danjer assentiu.

—Vigia um minuto enquanto me masturbo. Logo poderá tomar seu turno.

Ficando sobre seus pés, afastou-se um passos para as árvores. Abrindo sua braguilha, tirou seu pênis do suspensor negro que cobria seu sexo. Com uma careta, olhou para a carne grossa e escura em seu punho. Ele tinha estado rígido antes mesmo que ela despertasse. Tinha estado duro junto a ela, acordado e imaginando todas as coisas habituais que um homem pensa quando uma mulher compartilha sua cama.

Todas as coisas habituais, e algumas insólitas.

Para ele pelo menos.

Não tão insólito em ação como insólito em emoção. Havia algo na fantasia do diabo que realmente o fazia mover-se.

Normalmente suas fantasias implicavam luxúria, uma apaixonada boca envolvendo seu pênis, estirando-se para tomá-lo enquanto ele se sentava com os joelhos abertos e a cabeça de uma mulher entre suas pernas. Com uma mão atrás de sua cabeça, ele empurraria sua boca sobre seu pênis, seus quadris balançando-se, introduzindo seu pênis entre seus lábios, seu eixo descendo por sua garganta.

Mas esta vez ele tinha estado mais obcecado com a idéia de conseguir sua boca entre as pernas da diabinha, estender suas coxas e apoiá-los sobre seus ombros enquanto sujeitava suas pernas com seus braços e imobilizava seu traseiro contra o chão. Ele podia imaginar o calor suave, úmido de sua vagina enquanto roçava seus lábios contra os lábios inferiores dela. Ela cheiraria como o céu e seu sabor seria como o do pecado. Ele tinha querido beber a goles das dobras molhadas de seu sexo, para saboreá-la totalmente, passar uma hora entre suas pernas, brincando com sua vagina, torturando seus clitoris enquanto ela fazia esses pequenos e femininos gemidos de necessidade.

Ele tinha querido abrigar seus lábios ao redor de seus clitoris e chupar essa pequena pérola até convertê-la em um glorioso e duro nó sob sua língua. Tinha querido sua nata saindo para ele. Com seus lábios aspirando contra o calor molhado de sua vagina aberta, queria entrar nela com sua língua e foder sua vagina com ela retorcendo-se abaixo dele, rodeando-a com seus braços mais forte enquanto se retorcia, forçando mais agrados sobre ela. Forçando tanto prazer carnal entre suas pernas que ela gritaria e se sacudiria pedindo que ele a deixasse gozar.

Era o que ele estava imaginando quando ela se estirou para ele.

Então ela o havia meio posto doido.

Sua pequena mão tinha acariciado a longitude de seu sexo coberto pelo couro, quase o tinha privado de fôlego. O ligeiro toque de seus dedos deslizando-se Através do topo de seu escroto e rodeando seu pênis, tinha sido um sonho inesperado que se realiza. Seu pênis se inchou dentro de sua mão, crescendo até encher cada centímetro de pele disponível. Quando sua mão tinha subido para cima por sua longitude, ele tinha contido seu fôlego, esperando que ela chegasse até cabeça de seu pênis. Quando sua pequena mão se apertou no bordo de seu sensível coroa, ele tinha pensado que poderia gozar, e quase o tinha feito. Naquele momento, ela tinha segurado sua mão e a tinha afastado longe.

Mas a ligeira carícia de suas mãos não era nada comparado com o aroma de sua vagina aberto para sua boca. A doce, e tentadora fragrância que descansava entre suas pernas tinha sido tudo o que

ele se imaginou e mais. Pecado e salvação. Tortura as portas do céu. Naquele momento, ele tinha pensado que não havia como voltar atrás. Esgotada ou não, a diabinha ia ser fodida. Que mal que Saxon se pôs em seu caminho.

Soltando um suspiro, ele sacudiu sua cabeça. Menos mal que Saxon tinha estado ali, corrigiu-se. Com um assentimento silencioso de auto-recriminação, ele cuspiu em suas mãos e as esfregou juntas. Cobrindo seu pênis em uma mão, seu punho apertou para baixo por sua longitude. Seus olhos se fecharam quando ele retornou a sua imaginação. Tinha estado escuro entre suas pernas quando Saxon a tinha mantido aberta. Os doces e rosados detalhes de seu sexo se esconderam entre as sombras negras entre suas coxas.

Mas ele tinha boa imaginação. imaginou o sexo do fantasia de diabo amplamente aberto para seu avaro escrutínio, imaginou seu pênis apertando contra sua abertura, estirando sua fatia rosada amplamente enquanto colocava seu pênis todo o caminho até o final de sua vagina. Sujeitando seu peso sobre seus braços, ele se elevaria sobre ela e olharia sua cara enquanto seus quadris empurravam nela uma e outra vez. Com seus olhos fechados e essa provocadora imagem em sua cabeça, Danjer bombeou seu pênis até o orgasmo.

Um silencioso bufo marcou seu momento de liberação enquanto guiava seu sexo para baixo para gozar sobre o tapete de agulhas de pinheiro a seus pés. Abrindo seus olhos de repente, olhou fixamente durante vários momentos seu sêmen que salpicava o chão do bosque. Com um suspiro, colocou seu pênis dentro de suas calças de couro enquanto retornava ao acampamento, certamente, Saxon devia estar ardendo esperando para liberar seu pênis.

Mas quando retornou, viu que Saxon tinha suas calças abertas e que detrás da moça que dormia, empurrava sua grossa gradeia pela fenda de seu ânus, roçando-se contra sua dobra com cada ondulação de seu quadril. Danjer sorriu abertamente quando seu amigo fechou seus olhos em êxtase e se correu contra o pequeno traseiro dela, enquanto a diabinha roncava, completamente inconsciente do Saxon ou de sua ejaculação. Abrigando seus largos dedos ao redor de seu pênis, o enorme loiro apontou para gozar contra o arredondado ânus nu da diabinha, logo esfregou seu sexo contra o sêmen que ele tinha bombeado por suas nádegas. Saxon gemeu com o final de sua liberação, um som algo longe da completa satisfação. Ele olhou com o cenho franzido os restos de sua ejaculação sobre seu pequeno ânus feminino. Suspirou.

—Crie que lhe importará? —olhou para o Danjer com uma expressão ironicamente arrependida.

Danjer sorriu abertamente.

—Limpa-a. Eu não o contarei e ela nunca saberá.

—E se o descobre?

Danjer se encolheu de ombros.

—Ela o começou.

Danjer só esperava que ele tivesse a oportunidade de terminá-lo.

CAPITULO 5

Danjer estava em pé à alvorada, fazendo ruído com seus alforjas em uma tentativa deliberada de despertar seus dois companheiros. Quando finalmente despertou, passaram muitos minutos antes de que Saxon soltasse definitivamente a garota, tratava-se de um caso sério de dedos pegajosos. Seu amigo estava obviamente relutante a deixar sua cama quente, assim como o quente corpo da diabinha. Ao fim, o gigante loiro se incorporou e procurou pelo leito a roupa da diabinha. Enquanto a garota se movia em seus sedosos panos bege, ele a olhava com absorta fascinação. Tinha a mesma expressão adoradora enquanto ela ficou suas leggings⁽⁵⁾ e botas de suave couro.

Quando ficou em pé, Saxon continuou olhando-a fixamente com um caso igualmente sério de olhos pegajosos. Finalmente, ele calçou suas botas e rodou a seus pés. Bocejou enquanto se passava as mãos pelo cabelo, tranqüilamente cruzou o acampamento para a magnabike de Danjer.

Tirando uma magra estufa de campo da alforja de Danjer, Saxon a pôs no chão e a conectou na tomada elétrica da magnabike.

—Cozinha você ou eu?

—Se trouxer a água, prepararei o chá e removerei o tambouli⁽⁶⁾ — disse Danjer— O rio está por ali.

Saxon tirou duas chaleiras planas das alforjas e os esvaziou sacudindo-os, a À garota enquanto se afastava do acampamento.

5 São malhas (calças elásticas ajustadas).

6 Comida de origem grega —cipriota.

—Tem tambouli? —perguntou a garota interessada com os olhos muito abertos.

—Viajamos com estilo —lhe respondeu Danjer com uma careta zombadora.

—Posso ajudar? —ofereceu-se ela enquanto Saxon descia para o rio e desaparecia de sua vista. Danjer sacudiu sua cabeça.

—Tenho isto sob controle. Ponha -se cômoda. Durante o café da manhã quereremos uma explicação completa, incluindo seus motivos para pôr aqueles homens contra nós no botequim da Aranthea —tirando de uma pequena bolsa de seu alforja, mediu uma colherinha escassa de concentrado de chá e dividiu os escuros cristais em duas taças

—Além disso poderia ser prático saber seu nome e averiguar se esperas mais ataque no futuro próximo.

—Sim —respondeu ela imediatamente.

Danjer levantou seu olhar para lhe perguntar, os olhos dela lançando um resplendor verde que se centrava nele. Impaciente consigo mesmo lutou por dominar sua reação à garota.

—Sim, certamente pode esperar mais ataque —continuo— antes de que se desfaga de mim.

Durante vários segundos o olhou fixamente. Aparhado nas luzes de seu inquietante olhar, ele encontrou sua franqueza cativante, mas não deixou que ela soubesse.

—O que tem em sua cara? —perguntou ela— É uma tatuagem?

Riu, contente porque a pergunta tinha interrompido o estranho encantamento que tinha sobre ele. Ele se esfregou a mandíbula.

—Isto é uma barba —lhe disse— Cabelo. Os homens terrestres têm cabelo na cara.

Ela inclinou sua cabeça, seus olhos se fixaram em seus lábios.

—É agradável —lhe disse em um murmúrio suave, rouco.

E só com isso, foi apanhado outra vez.

Um suave rangido fez girar sua cabeça e ele olhou como ela seguia a ascensão do Saxon para o acampamento. Saxon subiu pelo caminho equilibrando com as duas chaleiras que transbordavam água. Os raios de sol da manhã brilhavam e ricochetearam de seu cockstone e a jóia brilhou visivelmente enquanto ele cruzava o acampamento. De improviso, Danjer se encontrou apertando seus dentes quando viu os olhos de diabinha dirigidos ao membro de seu amigo.

Apoiando-se em um joelho junto a ele, Saxon colocou as chaleiras sobre a magra estufa retangular para que se esquentassem.

—Então, sua vida está em perigo —disse Danjer enquanto tirava o cereal tambouli de uma bolsa e o polvilhava sobre a água. Estirou as pernas e se sentou no chão ao lado da estufa.

E diabinha fixou seu olhar no chão do bosque e sacudiu a cabeça.

—Não —respondeu com uma careta sardônica em seus lábios—Para nada. Querem-me viva. O Duque De Prata estava somente zangado comigo e pensando em me machucar. Entretanto, ele trabalha... trabalhava, para a baronesa. Suas ordens eram me levar viva. Sou bastante inútil para eles morta.

Danjer lhe olhou franzindo o cenho.

—Inútil para eles?

A moça cabeceou.

—Não há muitas fantasias do diabo puro-sangue, partiram. A maior parte de minha gente emigrou à Galáxia Ockott nos anos trinta. Esse detalhe me faz de muito valor para a baronesa.

Saxon riu com um bufo.

—Por que? A baronesa tem uma coleção?

A garota sacudiu a cabeça outra vez e umas mechas de cabelo amarelo caíram sobre seu olho. Sacudiu a cabeça para apartá-los.

—Ela só necessita uma —fez uma pausa para suspirar—ouviste a rima das anciãs?

Nenhum respondeu, mas a observaram com curiosidade.

—Beijar uma Diabinha?

Saxon assentiu lentamente.

—Bem —lhes disse a contra gosto—, é verdade.

—O que, é verdade? —perguntou Danjer.

Ela se encolheu de ombros.

—Bastante disso. Beije a uma diabinha e perde sua vida. Não é que morra —acrescentou ela a toda pressa—, somente é que, depois de me beijar, depois de me provar, passaria o resto de sua vida cumprindo meus caprichos, sujeito a minha vontade. A baronesa me quer para experimentação com meus fluidos. Ela tem um laboratório científico totalmente provido de pessoal.

A jovem tragou, os músculos de sua garganta se moveram sob sua carne pálida, e seguiu.

—A confrontação que arrumei no botequim era um intento de provar suas capacidades. Quis comprovar suas habilidades antes de lhes atar a mim. Necessitava guardas, alguém que pudesse me proteger até que conseguisse uma audiência com o Duque De Ferro. Necessitava amparo e, não tinha tempo para ser exigente, vocês pareciam ser os candidatos adequados.

Atordado, Danjer lhe olhou com repugnância.

—Foste seduzir nos e... nos atar A ti sem nosso conhecimento? nos fazer seus escravos, virtualmente? por que não pediu nossa ajuda simplesmente?

—Por que arriscariam suas vidas por uma estranha? —respondeu a defensiva, um rubor vivo cobriu suas bochechas— Não tinha muito tempo. E tinha que estar segura de sua lealdade —resmungou— sinto! —inclinou a cabeça. Outra vez, seu cabelo loiro caiu sobre seu olho esquerdo antes de que ela o empurrasse detrás de sua orelha— Mas há mais que minha vida em perigo. A baronesa planeja usar meus... fluidos para criar uma substância química mediante a qual possa controlar Aos homens..., controlar os exércitos de seu inimigo! E se tiver êxito, ou apagará as forças do norte ou escravizará a cada um de seus soldados... para sempre.

—Ela quer sua saliva? —perguntou Saxon com incredulidade.

Tanto Danjer como a jovem sacudiram suas cabeças para o grande homem.

—Não se refere a esses lábios —resmungou Danjer a seu amigo.

—Ah —pisçou Saxon— Ah —disse de repente. Nesse momento sua expressão melhorou— Então sua boca não está proibida? —a idéia pareceu lhe agradar e Danjer não pôde a não ser rir dele.

—E como sabe tudo isto dos planos da baronesa? — continuou Danjer.

—Eu trabalhava em uma estação de recarga, ao sul de Cidade de Cobre, quando a partida da baronesa tomou o poder. Quando me obrigaram a me unir a eles, acreditava que só era ao serviço do exército do sul. Ao princípio pensei que ela procurava um potenciador elétrico —riu amargamente— Mas ela me tinha reconhecido como uma diabinha —suspirou antes de continuar—Esscapei em meio de seus experimentos, antes de que fosse capaz de conseguir o que queria. Eles não podiam me fazer ter um orgasmo.

Houve uns segundos de silêncio difícil.

—Não foi... danificada —disse Danjer, encontrando a idéia inaceitável.

Sua bonita cara mostrava um nó doloroso.

—Não exatamente. Embora não foi agradável. Eles tentaram muitos procedimentos... diferentes em uma tentativa de me fazer gozar.

—Não foi violada —insistiu Danjer com um grunhido.

Ela sacudiu a cabeça.

—Não fui... penetrada. Ao menos, não por um homem, se for o que pensa. Não queriam que meus fluidos fossem poluídos pelos de outros. Fui estimulada com barras de cristal, pênis de borracha —ela enrugou sua cara outra vez e claramente parecia a ponto de gritar, embora arrancasse a força uma pequena risada frágil— Sabe que desagradável pode ser quando não é seu amante quem está te tocando?

—Ah, amor —Saxon respirou, movendo-se para ela instintivamente, Danjer lutou com o impulso de fazer o mesmo.

—E quando é cravada e fodida todo o dia, sente-se um pouco... dolorida.

Como se não pudesse suportar vê-la infeliz, Saxon a levou até seu peito e a abrigou com seus enormes braços ao redor dela. Fixando seu olhar na chaleira, Danjer seguiu mechendo o tambouli, olhando de esguelha só uma vez. Mas uma olhada revelou à diabinha lhe olhando com a mesma classe de expressão que estava claramente estampada na cara de seu melhor amigo. E a expressão do Saxon, olhando fixamente abaixo sobre a diabinha, bordeaba a completa devoção.

Ele nunca tinha visto o olhar do Saxon sobre uma mulher assim antes.

Com o cenho franzido, Danjer girou a cara. Isto era fodicamente inoportuno! Saxon estava apaixonado pela mulher que ele tinha marcado para si. Não se cruzava cada dia com uma mulher que pudesse... lhe fazer o que o fazia. Saxon, por outra parte, tinha estado apaixonado antes. Frequentemente. Brevemente, Danjer se perguntou se seria capaz de esperar o fim da teimosia do Saxon. Jogou uma olhada rápida em direção a Saxon. Não parecia que isso pudesse passar logo.

—Mas eles não podiam te fazer gozar —a pressionou, centrando sua mente de novo no tema.

—Não é fácil... para mim, porque eu sou uma diabinha. As condições têm que ser adequadas.

Danjer aspirou suas bochechas pensativamente, mordendo o interior de sua boca enquanto olhava seus grandes olhos sobre os tremendamente grossos lábios.

—Poderia te haver deslocado se tivesse querido? Para lhes fazer parar?

Ela apartou a cara.

—Poderia lhes haver dito que trabalharia —disse— Mas não quis... não...

—Isso foi valente —mencionou Danjer silenciosamente.

—Muito valente —coincidiu Saxon.

A água ferveu e Danjer preparou o chá, deu-lhe uma das taças a Saxon, quem imediatamente a ofereceu a jovem.

—Está quente —lhe advertiu Saxon, um olhar de adoração iluminava sua cara enquanto ela cavava suas mãos e bebia a goles da taça metálica.

—Como te chama? —perguntou Danjer detrás sair de seu comoção.

—Imprianinka, —respondeu.

—Impri... o que? —gritou Saxon.

Ela fez uma careta.

—Tampouco eu gosto de —lhe disse ironicamente.

—Não. Não, é um nome bonito —insistiu Saxon imediatamente—. É sozinho um pouco... comprido.

—Normalmente me chamam Imprianna.

Mas Danjer podia assegurar que Saxon estava ainda preocupado pelo nome.

—Você não parece Imprianinka —sugeriu imediatamente.

—Não?

—Não —insistiu Danjer brandamente enquanto esvaziava, sacudindo-os, dois boles e os enchia do doce, fragrante tambouli. Seus olhos faiscaram sobre a jóia de seu ventre— Te vê mas bem rosada, por que não cortamos o nome até Pink(7)?

—Pink? —perguntou— É um nome da...Terra?

—Sim —mentiu imediatamente—. É um nome da Terra. Um muito bom nome da terra, de uma grande família.

A diabinha parecia tão contente que ele não pôde por menos que responder a seu tímido sorriso com uma igualmente cálida.

—Então te escapou da baronesa antes de que ela pudesse conseguir qualquer de seus... fluidos —lhe apontou.

Ela assentiu, separando-se do Saxon. Baixando-se ao chão se sentou contra uma árvore enquanto Saxon voltava para a estufa e tomava ambos os tigelas de cereal quente. A luz do sol, filtrada pelas árvores, parecia acariciar à fantasia de diabo alternando luzes e sombras. Naquele momento parecia completamente tranqüila, um cervo só no sombreado bosque, esperando um macho a seu lado.

Danjer se sacudiu. Recostando-se contra seu magnabike, agarrou uma colher, alimentando-se da tigela enquanto Saxon dava outro à diabinha e se agachava ele mesmo para sentar-se ao lado dela.

—Essa é a razão de que continuem me perseguindo —lhes disse—Se a baronesa tivesse conseguido uma pequena amostra de meu fluido durante o orgasmo, poderia havê-lo recriado em seu laboratório em...

7 ImPrinINKa: PINK, rosa em inglês (a cor, não a flor nem o nome que seria Rose). Cortam-lhe o nome de maneira que tenha algo que ver com seu nome anterior e descreva a cor de sua pele.

- O Duque De Prata era o responsável por recolher a amostra. Para assegurar-se que esta não fora poluída, a baronesa tinha alguma de sua gente nos vigiando. Mas o Duque estava cada vez mais frustrado e desesperado já que por mais que o tentava não conseguia fazer que gozasse. Às vezes, ele deixava a habitação de repente enquanto tentava estimulá-lo. Uma vez não se incomodou em deixar o quarto. As testemunhas lhe fizeram lavar as mãos depois de que se masturbou. Ele ficava mais agressivo comigo por momentos —continuou com o Saxon grunhindo a seu lado—E se desesperava mais facilmente. Ao final do segundo dia, levou-me às escondidas a sua habitação onde pretendia satisfazer-se finalmente — sua cara mostrava um gesto de repugnância— Pensaria que eu teria mais facilmente um orgasmo com um homem entre minhas pernas. Afastei-me dele antes de que fosse capaz de me violar. Imagino que a baronesa o castigou por minha fuga. Suponho que é por isso que estava tão zangado comigo —se encolheu com uma pequena risada torcida— Provavelmente não ajudou o fato de que lhe deixei com um galo enorme em sua cabeça. Havia uma peça grande de cerâmica sobre sua mesa de cabeceira.

Danjer e Saxão compartilharam uma risada franco, satisfeita.

—Como escapou do palácio? —perguntou Danjer.

Por um momento ela tomou em consideração sua pergunta, procurando em seus olhos uma espécie de promessa. Finalmente, pareceu chegar a uma decisão.

—As fantasias do diabo podem não ser detectados quando as condições são as adequadas. Em um quarto escuro. Em um bosque denso. Entre a erva alta —explicou.

Danjer a examinou agudamente enquanto Saxon perguntava:

—O que quer dizer?

—Eu os ensinarei —lhes disse Pink, e com essas palavras, fechou seus olhos.

Enquanto os homens olhavam, sua cara e seu cabelo tomaram o aspecto da árvore que tinha detrás. Não era que parecesse estar coberta por casca, era tão somente que as sombras sobre sua cara eram similares ao modelo cambiante de luz e escuridão que se via na casca matizada da árvore. A mandíbula do Saxon caiu e ela abriu seus olhos outra vez, voltando-se normal.

—Certamente —disse com uma risada lhe repiquem e luminosa—, é muito mais eficaz quando estou nua.

Imediatamente, Saxon olhou interessado.

—Vejamos então —a animou com um sorriso zombador.

Ela sorriu abertamente.

—Você só quer me ver nua —se queixou.

Saxon riu enquanto lançava uma piscada a Danjer.

—Para nada —protestou— Sou somente...

—Curioso —propôs Danjer.

—Não.

—Cativado —sugeriu seu companheiro.

—Cativado —acordou Saxon— Estou absolutamente cativado!

—Está absolutamente cativado com a idéia de vê-la nua —apostilou Danjer.

Imperturbável, Saxon cabeceio. Lançou à diabinha uma risada cheia de travessura enquanto raspava o interior de sua tigela e terminava a última colherada de tambouli.

O som brilhante da risada de fantasia de diabo encheu o pequeno claro enquanto Saxon ficou em pé e cruzou o acampamento para recolher os tigelas.

—me indique de novo o caminho para o rio, esfregarei os tigelas —disse a Danjer, então caminhou na direção que Danjer assinalou.

CAPITULO 6

A risada da Pink morreu quando olhou atrás a Saxon. Franzia o cenho, girou seu olhar para o Danjer.

—O que... está mal nele?

—O que cre? —perguntou-lhe quase defensivamente.

—Sabe o que acredito —lhe disse ela brandamente.

—Não há nada mau nele —o olhar do Danjer se ocultou quando baixou a estufa que estava em pé e a meteu em seu porta-malas— Ele somente... Às vezes não encontra as palavras.

Quando olhou o severo perfil do Danjer, o coração da Pink saltou. Sua reação defensiva era uma indicação clara de seu amor por Saxon. Ela desejou cruzar o espaço que os separava e abrigá-lo com seus braços. Com um lhe esmaguem sentimento de desejo, olhou as duras e firmes linhas de sua cara, inflexivelmente masculina. Não era tão formoso como Saxon, mas havia algo em sua primitiva beleza masculina que chamava a cada célula feminina em seu corpo. Sobre tudo agora, neste momento, olhando-o com suas pálpebras fechadas, sabendo que este tema o havia posto vulnerável.

—Não falo disso —discutiu ela com cuidado— Ele não conhecia o caminho para retornar ao rio.

—Seu... sentido da direção está um pouco desligado, —grunhiu Danjer, fechando a tampa de sua mala.

—Algo?

de repente se enfocou nela, seus olhos se estreitavam com ira.

—A maior parte, de todos os modos, ele está bem —disse em um tom gélido.

— Pode pensar, decidir e recordar. Não tem nenhum problema com matemática, leitura, escritura, e sua lógica é impecável. Em uma batalha, ele é... uma extensão de mim pessoa, como meu braço direito.

—E você é canhoto?

—Assim é —Danjer se fez para trás.

—Quanto tempo esteve assim?

Danjer empurrou um botão sobre o console de sua bicicleta e a máquina se levantou no ar.

—Desde que recebeu um golpe que me estava destinado.

—OH! —disse ela. Então a informação a golpeou, e novamente repetiu— OH!

—Sim. OH —a imitou com frieza— O golpe que recebeu faz um ano teria talhado minha clavícula e se teria levado meu braço do ombro. Isso me teria matado. Ele é meu melhor amigo e salvou minha vida. Isso deveria te dar uma idéia próxima de como me sinto sobre ele.

Com esta recriminação, suas bochechas se esquentaram com culpa. Claramente sua atração por Danjer, e as olhadas ambiciosas que ela tinha tentado ocultar inutilmente, não tinham sido exatamente um êxito.

—Mas, no caso disto ainda não está claro —prosseguiu—, deixe me explicar isso detalhadamente. Eu faria algo por ele. Algo... se pensasse que ele o quer —com estas palavras lhe dirigiu um significativo olhar logo se sentou Escarranchado sobre sua bicicleta. Sua expressão era inflexível enquanto a olhava.

Ela permaneceu calada um longo momento.

—Pode... ser curado?

—Talvez com o tempo —lhe grunhiu Danjer— Os doutores dizem que levará tempo. Tem um pouco inchado no lóbulo frontal. Mas pode recuperar-se com o tempo.

—Disse que aconteceu um ano desde que foi ferido. Tem visto alguma melhora após?

—Não! —ladrou-lhe Danjer— Talvez! Não sei! —arrastou suas mãos por seu cabelo, e a olhou airadamente.

Dando-a volta, afastou-se do calor de seu olhar que a queimava, dirigiu-se Através do campo.

—Onde vai? —gritou-lhe detrás dele.

—A ver Saxon —lhe respondeu ela.

Saxon, ao menos, gostava de ficar com ela. Não lhe franzia o cenho, tampouco lhe gritava. E não a fazia parecer uma completa imbecil por uma atração que não podia controlar.

Ela encontrou Saxon no rio, estava terminando de sacudir as gotas de água das panelas limpas. Quando a viu aproximar-se, seus olhos brilharam com evidente interesse masculino, sua boca se abriu em um atrativo sorriso.

—Não podia estar longe de mim, verdade?

Ela cabeceou enquanto acompanhava sua risada.

—Danjer está preparado para ir.

—Você gostaria de uma rapidinha... chapuzón(8)? —perguntou-lhe ele, não fazendo caso a seu sobressalto enquanto se desprendia de sua jaqueta de couro e atirava seu casaco por cima de sua cabeça. Parado ante ela, lhe dirigiu um pecaminosamente sorriso mal. Devagar, abriu suas calças para deixá-los cair com seu suspensório de seda negra.

—Fanfarrão —o amolestou ela em brincadeira, tentando com força não olhar fixamente a larga e grossa longitude de seu pênis estirando-se baixo os pesados escrotos que penduravam.

8 Frase com duplo sentido.

O homem era imenso! Era um milagre que pudesse andar por aí com tanto pendurando entre suas pernas, além de seu testículo deliciosamente pesados, seu pesado pênis era extraordinariamente amplo na raiz. Sua vagina tremeu com a idéia daquele maciço diâmetro estirando a bordo sensível de sua vulva, enfocou-se em uma veia escura que se inchava, rastreou seu caminho que ia para baixo pela impressionante longitude da gorda cabeça parecida com uma ameixa ao final de seu eixo. Seu pênis não estava completamente excitado mas tampouco estava exatamente pendurando. Ela se perguntou se um monstro assim, alguma vez estaria completamente depravado.

Arrastando seus olhos a sua virilha, Pink se enfocou em suas pernas. Suas enormes coxas estavam cobertos com largas e resistentes correias de músculos. Seu torso parecia que passava infinito tempo sem roupa, o que dividia sua longitude em dois, e seu umbigo era um apóstrofo que se

frisava sobre a pele que se estirava sobre seu muito plano estômago. Seu abdômen estava amorosamente cinzelado em seis pacotes impressionantes e encabeçava a ampla extensão de enormes peitorais, quebrado só por seus mamilos. Seus duros ombros ondearam quando se moveu e seu cabelo roçou os músculos que se inclinavam para cima para apoiar a grossa coluna de seu pescoço.

Tudo isto estava empacotado junto, tão forte, que dava a impressão de que ele podia espremer a um homem até a morte nada mais que com um abraço entusiasmado Saxon estava mais que bem construído. Estava construído como uma colheitadeira! E duvidava que alguma vez se encontrasse com alguém com tão atrativo sexual.

Ele girou, lhe dando uma agradável vista de suas formosas e quadradas nádegas, enquanto ingressava no rio e a água se elevava ao redor de suas musculosas coxas. Quando se mergulhou no meio, girou para olhá-la, afastando o cabelo molhado de seus olhos enquanto sacudia sua cabeça.

—Vêem, —gritou-lhe do centro do canal iluminado pelo sol refletido no rio.

—Necessita um banho.

Ela moveu sua cabeça, de maneira inquisitiva.

—Não te direi como sei —riu— Mas acredite, sei que necessita um banho —insistiu ele, apertando com seus dedos seu nariz molhado.

Um rangido detrás dela a fez girar e se encontrou com o Danjer parado no alto da costa. Danjer, alto, formoso... misteriosamente formoso, emoldurado por duas altas árvores, com o sol detrás dele, blasonando sua forte silhueta.

O que aconteceria Danjer se a visse junto a Saxon? pensou com um sorriso torcido em seus lábios, era algo para pensar. Se ela jogava bem suas cartas, ainda poderia terminar com ambos.

Rapidamente, tirou sua roupa e vadeou para Saxon. O gigante agora estava em pé com a água até a cintura, e parecia encantado, olhando seus peitos enquanto ela abria caminho pela água para ir até ele.

—O que cre que está fazendo com meu duende? —desafiou-o Danjer ligeiramente enquanto os olhava no rio.

—Só vamos despir nadar juntos, —informou-lhe Saxon enquanto se movia para aproximar-se dela, onde a água estava mais baixa— Talvez tenha sexo. Mas isso será tudo, —exclamou Saxon atirando Pink em seus braços— E ela não é seu duende, —discutiu— Ela é nosso duende. Vêem aqui!

Enquanto Danjer e Pink riem, ele dirigiu ao par um olhar velado. Quando alcançou a borda, caminhou até um banco de areia debaixo de uma árvore cansada, e ali se sentou.

—Observarei-os por um momento —grunhiu, colocando a mão em sua virilha e reacomodando sua equipe, logo estendeu suas pernas enquanto inclinava sua cara para o sol.

—Tome um descanso —insistiu Saxon— Diga-lhe Pink.

Este era seu sinal.

Pink lhe dirigiu sua risada mais atrativa.

—Nunca te vi tomar um descanso tão cedo, —disse-lhe de um modo alentador— Pelo geral se deita mais tarde, quando isto está mais quente.

—Última oportunidade —advertiu Saxon com um sorriso, girando Pink sobre seu corpo e deslizando seu ânus molhado por sua virilha— Se não entrar, vou fodê-la sem ti.

A linha dura da boca do Danjer se curvou de repugnância.

—Segue adiante sem mim. Como posso esperar competir com essa classe de doce conversa? — sacudiu sua cabeça— Seguro que saiba seduzir a uma mulher, Saxon.

Imperturbável, Saxon riu.

—A moça não parece fixar-se em meu bate-papo.

— Talvez porque ela ainda busca amparo —indicou Danjer com pouca amabilidade.

Quase antes de que as palavras tivessem deixado sua boca, Danjer quis as retirar. Os lábios da Pink se fecharam enquanto sua risada morria. O conhecimento de que a tinha feito infeliz o fez sentir incrivelmente incômodo. Já se sentia suficientemente sombrio sem ter que parecer um imbecil também.

Demônios.

Uma tartaruga de rio dourada se arrastou da água, usando seus aletas para sacudir-se, seu corpo brilhava sobre o banco de areia. Ele moveu seu pé em sua direção, e a deteve com sua bota, resmungando em voz baixa.

Saxon também tinha pego a expressão da Pink.

—Demônios, Danjer. por que disse isso?

Mas Pink levantou seu queixo com uma risada orgulhosa que voltou para sua pequena boca.

—Não —disse ela rapidamente—, Danjer tem razão. Realmente tinha um motivo oculto quando te atraí à água, Saxon.

—Atraiu-me?

Ela cabeceou.

—Esperava consegui-los aos dois nus assim eu poderia me aproveitar de dois formosos cavalheiros. Mas..., —ela descansou seu olhar fixo sobre o Danjer.

— Já que só há presente um cavalheiro, imagino que teremos que ser só você e eu, Saxon.

Acentuou cavalheiros. Sim. Ele o conseguiu. Entendeu em seguida.

Demônios.

—Ouviu-o, Danjer? —cravou-o Saxon com um sorriso satisfeito— Me chamou cavalheiro.

—Sim? —grunhiu— Bem, adivinho que mais te vale aproveitá-lo, então. É pouco provável que se passe outra vez. Temos que retornar a Judipeao, —recordou a seu amigo— Se for fodê-la, que seja rápido.

Separando seus olhos da vista de seus corpos nus embutidos juntos, Danjer entortou os olhos ao sol. Não era só nobreza de sua parte, deixar a duende a seu melhor amigo, realmente implicava uma certa quantidade de sacrifício. Bem, mais que uma boa quantidade. Mas enquanto seu lado nobre não queria interferir na vida amorosa do Saxon, seu lado egoísta realmente não queria compartilhar Pink.

A verdade seja dita, a atitude de cavalheiro do Saxon para a duende era irritante. Pink não era o tipo de mulher que alguém compartilharia. Não era o tipo de mulher que fodia com seus amigos. Se ele tivesse pensado que ela significava algo menos para o Saxon, a teria mantido para ele. Franzindo o cenho, perguntou-se se era muito tarde para mudar de idéia.

—Não é nada divertido —se queixou Saxon, arrancando a duende e girando-a para enfrentá-lo. Pela comissura de seus olhos, Danjer podia ver que seu amigo estava agora completamente excitado, seu pênis se balançava no final de seu torso em um enorme e pesado arco. Saxon franziu o cenho olhando sua dureza, expressão que normalmente fazia rir a Danjer. Pelo contrário, ele encontrou seus punhos apertados em nós de ferro e sua mandíbula sujeita com braçadeiras tão apertadas que pensou que seus dentes se rachariam.

Demônios.

Tentando não olhar, girou sua cabeça, mas isto não o parou de ver muito mais do que queria. Viu as mãos da Pink abrigando a dura ereção do Saxon. A boca de seu amigo estava aberta e sua mandíbula dura, enquanto Saxon olhava a escura cabeça de seu pênis sob os pálidos dedos da Pink. Dobrando os músculos largos de suas coxas, as nádegas do Saxon se enrugaram quando ele empurrou seus quadris para alimentar seu pênis no túnel molhado de suas mãos.

Pérolas diminutas de água brilhavam sobre os círculos pálidos dos perfeitos peitos do duende e Danjer tragou com força. Mas foi o olhar sobre sua cara o que realmente o impressionou. Sua expressão era uma mescla de maravilha e ternura apontada ao homem que empurrava seu pênis pela braçadeira de seus finos dedos.

Ela se via tão orgulhosa como agradada. Desfrutava da demonstração da necessidade de Saxon. Estava excitada pelo fato de que ele usasse seu corpo para apagar seu apetite carnal. Ela não fazia isto porque compadecesse de Saxon. E não fazia isto tampouco pelo Danjer. Se o fazia por algo, o fazia por ela mesma.

—OH, amor —gemia Saxon enquanto bombeava seus quadris nela e estalava em suas mãos, cobrindo seus dedos com seu brilhante sêmen quando se disparou da fatia na cabeça vermelha de seu pênis. Enquanto seguia movendo seu membro entre suas mãos empurrando com seus quadris, sua semente saltou e salpicou seus corpos com grosas gotas.

Quando Danjer apertou seus punhos, Pink levantou um dedo até sua boca. Sua língua saiu correndo para frisar-se sobre a gema do dedo, e lambeu o sêmen do Saxon enquanto olhava ao alto loiro com um sorriso travesso.

Com um bufo vicioso Danjer rangeu seus dentes.

Um momento depois, Saxon levantou a duende pela cintura e atirou para trás na água, emergindo com uma risada e um braço que se deslizou para baixo por seu ânus. Sua mão se cavou no atrevidamente enquanto a punha em pé, e a levava para o banco de areia na borda.

Ficando em pé, Danjer olhou procurando algum líquen e logo levantou a tartaruga e a atirou ao rio, enquanto via como a criatura se afundava perto da areia molhada e se metia debaixo do arbusto amarelo.

Girando, endireitou a dolorida carne de seu membro e se inclinou para recuperar suas panelas e pratos do bordo da água. Golpeando os utensílios contra sua perna, Danjer começou a subir sem esperar a Saxon e Pink. Segundos mais tarde, as risadas dos amantes corriam jorrando água pelo campo diante dele, sua roupa se apertava no enorme punho do Saxon. Estavam conduzindo seus veículos quando lhes uniu. O cabelo curto de Pink estava quase seco, dando a sua cabeça um halo resplandecente.

Ocultou sua cara mas seus traidores olhos se moveram em direção da Pink, Danjer ficou mais que um pouco surpreso ao encontrar um sorriso de perdão olhando-o. Tinha esperado que estivesse zangada com ele. Tentou com força devolver sua risada, sabendo certamente que pareceria mais uma careta que outra coisa.

—Não quero me impor a sua bondade —disse ela—, nem te incomandar com minha presença, mas...

—te impor? —saltou Saxon em protesto, sua voz foi ensurdecida quando passou uma toalha sob sua cara. Carga?

Silenciosamente, Saxon lhe lançou um olhar acusador em sua direção.

—Quando estava no botequim, disse que lutou pelo Duque de Ferro —Pink continuava colocando-se sua diminuta camisa de algodão por sua cabeça— Creio que poderia conseguir que o veja? Acredito que poderiam tomar o Palácio de Ferro.

Danjer a olhou com o cenho franzido ante a pergunta, seus olhos percorriam a linha larga onde começava o estômago até a borda inferior de sua camisa e descia para a jóia que brilhava em seu umbigo.

—Podemos conseguir vê-lo —grunhiu, tentando extrair seus olhos do enredo de cachos pálidos no alto de suas pernas— Estou seguro de que ele estará interessado em sua história.

Ela seguiu dobrando-se enquanto colocava suas roupas e passava por seus pés as curtas calças bege. Danjer conteve seu fôlego quando viu a encantadora curva da parte inferior de seu ânus e suas esculturais coxas e seguiu baixando até os joelhos que se dobravam.

—Quando atacou ao Duque de Prata, vi as viagens de descarga elétricos entre seus magnabikes.

Danjer cabeceou.

—Assim é.

—Você matou a esses homens.

—Sim. Quinhentos volts fariam isso a um tipo —disse tragando com força enquanto ela levantava suas calças por suas pernas e prendia os botões.

—Nunca vi uma arma assim antes.

—Danjer a construiu —lhe disse Saxon, enquanto lançava sua toalha sobre sua magnabike e colocava seu suspensório, arrumando seu sexo dentro da bolsa grande.

—notaste as varas metálicas sobre nossas bicicletas?

Deslizando em suas botas, Pink girou sua cabeça para olhar fixamente os veículos.

—Coletores estáticos —lhe disse, ficando o couro— Quando Danjer os deixa correr sobre a terra seus elétrones dão a seu magnabike uma carga positiva pura. Ao mesmo tempo, as varas recolhem do ar elétrones, produzindo uma carga negativa. A magnabike armazena a energia em uma oblea isolada. Quando queremos intercambiar um estalo só devemos nos colocar a uns vinte pés um do outro. E preparado —lhe disse, aproximando-se de seu magnabike e golpeando uma alavanca com seu punho—, estende-se a uma antena e dirige a carga.

—Em um dado momento, —somou Danjer—, os coletores também podem usar fontes de energia temporária para impulsionar nossas magnabikes.

Pink olhou a Danjer.

—Tinha ouvido que os terrestres eram gênios, —disse-lhes ela.

Movendo seus ombros, Danjer fez uma careta e sacudiu sua cabeça.

—Não gênios —a corrigiu—, só... criativos.

—Além disso, —Saxon continuou—, ele construiu um sistema de navegação sob tormentas que permite concentrar elétrones recolhidos dos relâmpagos e dirigi-los Às magnabikes, justo antes de que eles passem. Assim podemos montar tormentas elétricas.

Com isto, a mandíbula da Pink caiu.

—Pode montar sob uma tormenta?

Saxon cabeceou.

—E ele instalou um rastreador sobre meu console que me deixa localizar seu magnabike, em caso de que alguma vez nos separemos. Comprova-o, —convidou-a e ela deu um passo mais perto para inspecionar o pequeno jogo de tela quadrado no console de seu magnabike.

—Isto é... maravilhosamente criativo. Disse Pink, um olhar de temor passou por seu rosto.

—Sim, assim é, —conveio Saxon com orgulho—. Agora mesmo, ele trabalha em uma espécie de sistema de reconhecimento de vozes que arrancará a magnabike.

—Reconhecimento de vozes?

—Bern. Tons.

—Muito mais que um sistema de reconhecimento de tons, — corrigiu Danjer A seu amigo—. A magnabike separará e virá para mim, se ouça certos tons propagados na seqüência correta. me lhe deixe mostrar isso lhe disse, afastando-se de seu magnabike, que ficou em terra. Atirando de seu lábio inferior, ele pôs sua língua contra seus dentes superiores e lançou uma seqüência de cinco assobios discordantes, logo a magnabike se elevou da terra e se apressou para ele. Durante uns segundos Danjer apartou a vista de seu magnabike— Houve vezes —admitiu ironicamente—, que eu teria negociado todas minhas idéias por uma simples bazoka.

—Bazuka?

—Armas —respondeu Danjer—. A maior parte das armas sobre a Terra são armas de projéteis. Uma pequena carga explosiva é posta detrás de um pedaço de metal alargado. Quando a carga explora, os projéteis viajam a uma grande distancia, destruindo tudo em seu caminho.

—Explosão... como um globo cheio de ar?

—Um pouco parecido —disse Danjer— Mas mais poderoso. Este planeta não tem os compostos necessários para produzir materiais explosivos. Tampouco tem combustíveis fósseis, —seguiu— Não é que vocês os necessitem aqui sobre eYona. O planeta tem uma natural abundância de atividade elétrica que seus antepassados aprenderam a domar, armazenar e utilizar de maneira eficiente. E um veículo eletromagnético é melhor, é um modo mais limpo de viajar que os veículos conduzidos por combustível em meu planeta. Além disso, o magnetismo na casca do planeta cria as condições perfeitas para a repulsão magnética, permitindo Aos veículos elevar-se, evitando perdas enormes pela fricção.

—Mas —continuou dizendo—, se tivéssemos alguns bazokas para substituir nossas espadas, poderíamos terminar a guerra hoje. Certamente, está estritamente proibido o comércio de armas entre galáxias e as sanções inter-galácticas contra o contrabando são bastante severas.

Saxon soprou.

—Se considerar severo a tortura parásita interna.

Sentando-se escarranchado sobre a magnabike, Danjer cavou seu sexo com seus dedos, tentando ficar a vontade enquanto reorganizava a pesada massa entre suas pernas.

Pink lambeu seus lábios e ele não omitiu o culpado olhar que se deslizou a seu membro. Seus olhos encontraram com êxito a ponta de sua língua que lambeu a gota que brilhava sobre sua boca enquanto ela olhava seus dedos colocados entre seu corpo e o assento da magnabike.

Com esforço evidente, ela arrastou seus olhos até sua cara.

—Montarei com o Saxon? —perguntou-lhe ela.

Com gravidade, ele cabeceou atrás.

—Isso seria uma boa idéia, —disse-lhe sombriamente.

CAPITULO 7

Retomando sua rota para o norte, chegaram ao palácio do Duque de Ferro a última hora da tarde. Comporta-as se abriram de repente enquanto se aproximavam das muralhas e se apressaram a cruzar sem deter-se, desembarcaram de seus magnabikes, estacionaram-nas no pátio em duas ranhuras de recarga e subiram as escadas do palácio. Danjer saudou os dois homens que flanqueavam as enormes leva de cobre do palácio e os guardas se apressaram a abrir para a pequena partida. Girando a esquerda, passadas as portas, Danjer enfiou o caminho para um arco grande de entrada que se abria a um grande salão.

Houve um som de botas sobre a escada de pedra detrás deles. Uma olhada ao brilho de cor mogno misturado com prata identificou ao Duque de Ferro sem dúvida alguma.

—Não receberam minha mensagem? —sorriu o Duque enquanto se apressava pela larga e tortuosa escada que dominava a entrada.

—Sinto-o —Danjer olhou para trás enquanto seguia pelo salão e se dirigia a um pedestal de uma coluna de pedra esculpida com uma impressionante coleção de garrafas de brilhante cristal esculpido. Ali, revisou várias das finas garrafas do Duque. Olhando com cenho franzido uma etiqueta, tirou o plugue e tirou quatro copos para servir licor em cada um deles— Fomos desviados.

Enquanto Danjer servia o licor dourado, a luz do sol iluminava o grande quarto Através de pequenas janelas góticas no alto das cinzas paredes de pedra. Os largos lances de sombrios blocos estavam adornados aqui e lá com vistosas colgaduras e bandas verticais de branca iluminação de néon.

Como o palácio da Rainha no Iverannon, o Palácio de Ferro era uma estrutura antiga construída com blocos maciços de pedra sólida. A diferencia dos palácios mais novos construídos no século passado, este foi construído mais para defesa que por estética. Pode que a única mudança do elegante

velho edifício tivesse sofrido alguma vez foi a substituição de seus frios ladrilhados de pedra com um vertido de estirenomadeira(9) dourada.

A Danjer gostava. Aqui se sentia como em casa, entrincheirado dentro das espessas paredes de pedra.

Saxon agarrou dois dos copos, girando-se para pôr um na mão da Pink.

—Perdemos muito? —perguntou Danjer enquanto oferecia um copo ao Duque.

—Sim, bastante! A Senhora se embebedou e dançou sobre a mesa. Quando começou o baile dos sete véus, tive que lhe enviar acima.

Levantando uma escura sobrancelha, a boca do Danjer se estirou com um sorriso zombador.

—Subiu com ela?

—O que te pensa? —respondeu o homem maior com uma risada—Deveria ter estado aqui. Ela fez esse prato da Terra para o jantar, Danjer. Spattaghi?

—Espagete —o corrigiu Danjer com uma cálida sorriso.

—Acredito que ela estava um pouco ofendida de que não estivesse aqui. Espero que esteja preparado para repô-la.

Danjer se encolheu de ombros.

—Farei todo o possível —suspirou enquanto desdobrava uma

9 - Styrowood no original. Como o poliestireno mas de madeira.

Seus olhos se posaram sobre a expressão apreensiva da Pink— A Senhora é a esposa do Duque —explicou, aproximando sua cabeça a sua em um à parte.

Agora lhe olhou tão confusa como apreensiva. Seu olhar saltava entre o Duque, Saxon e ele.

—Ele não deixaria a nenhum de nós tocá-la —acrescentou Danjer em um sussurro de reafirmação.

O Duque sorriu a Pink enquanto se passava uma mão pelo cabelo prateado de sua têmpora.

—Posso imaginar porque se atrasaram —disse aos homens, olhando-a fixamente com aprovação— Sou Au'Banner, a propósito.

—O Duque de Ferro —gaguejou ela, estirando sua mão.

Ele tomou sua mão e a colocou sobre seu coração.

—Não deixe que a Senhora te pilhe fazendo isto —aconselhou Saxon— Oops —resmungou— muito tarde. Depositou seu copo sobre o aparador, e se moveu para saudar a mulher que entrava pelo corredor. Com um braço enganchado ao redor de sua cintura, Saxon a envolveu em um caloroso abraço coroado por um beijo ressonante. Seu negro e ondulado cabelo pendurava sobre seu braço enquanto seu corpo se curvava contra o dele.

—É por mim, Saxon —se queixou ela quando lhe deixou tomar ar—, ou estas sempre tão duro?

—É somente por ti —afirmou ele enquanto a liberava com um sorriso zombador— Não sei por que perde o tempo com o Au'Banner quando poderia ter...

—A alguém como Danjer? —terminou ela por ele— Não sei por que me incomodo com o volúvel bastardo tampouco. depois de todos estes anos, pensaria que ele saberia fazer o melhor que conversar

com a competência enquanto existe a possibilidade de que eu possa pilhar em dois homens. Sabendo como sabe que poderia perder sua mão... ou seu coração.

Embora a mulher estava vestida com uma túnica larga e solta que sussurrava silenciosamente contra o piso de estirenomadeira, levava-o com graça ágil. E Danjer sabia que era mais que capaz de levar a cabo a ameaça contra seu marido. Não é que fora a fazê-lo. A Senhora estava apaixonada por Duque.

Movendo-se através do quarto com o Saxon, a Senhora sorriu a Pink.

—Sou Chloe —apresentou— A esposa do Au' Banner.

O Duque deixou cair a mão da Pink.

—Perdi meu coração faz seis anos —recordou ele a sua esposa, arqueando uma sobrancelha para dar ênfase—, quando te conheci.

—Segue falando assim —lhe disse enquanto se servia uma bebida—, e poderia te deixar conservar essa mão.

—Boa idéia —respondeu ele imediatamente—Poderia resultar essa prática mais tarde.

—Ah —ela respondeu agilmente— Estou malditamente segura de que o será.

Pink riu e Danjer se encontrou olhando fixamente sua boca enquanto todo o maravilhoso som se derramava de seus lábios.

—Ela é Pink —disse quando finalmente pensou em apresentá-la— Ela tem uma história que interessará aos dois —olhou aos olhos da Pink— Possivelmente os possa contar no jantar, se não estiver muito cansada.

Pink lhe sorriu e murmurou:

—Obrigado.

—Então desfrutaram da permissão de férias por um mês —cravou o Duque a Danjer com um sorriso e um olhar à diabinha.

—Os homens o precisavam —respondeu Danjer timidamente, não fazendo caso a insinuação de seu anfitrião—Tinha passado muito tempo desde que tivemos um descanso. Minha cavalaria estará chegando aqui durante os próximos dias.

Danjer acompanhou Pink Através do quarto e a acomodou sobre um sofá comprido e baixo.

—Algun problema enquanto estivemos fora? —perguntou, sentando-se em uma ampla e cômoda poltrona ao lado da Pink.

O Duque sacudiu sua cabeça em resposta.

—Colorei-lhe em dia durante o jantar. Ficar aqui esta noite, verdade?

—Se tiver um quarto para nós. Não imagino que Pink queira passar a noite nos barracões dos homens.

—por que assume isso? —cortou Pink rapidamente com uma pequena risada, atrevida.

Em troca, lhe lançou um escuro sorriso de advertência.

—Sim, por que pensaria isso? —burlou-se Saxon dele de onde se sentou ao lado Pink— Não é como se você não tivesse conhecimento dos acontecidos durante as noites nos barracões de mulheres.

—Deveria recordar —adverteu Danjer secamente—, que você estava comigo então.

—Só ia procurar você —discutiu Saxon amavelmente.

—Sei? —soprou Danjer—Bem, é assombroso quanto tempo levou para me encontrar.

Saxon sorriu.

—Quinhentas mulheres podem ser muito amenas —concedeu.

Danjer não lhe fez nem caso.

—Tem um quarto para nós? —perguntou ao Duque.

Au'Banner sorriu abertamente.

—Quantos quartos necessitam? —perguntou ele, arqueando uma sugestiva sobrancelha enquanto seus olhos foram do Danjer a Saxon e a moça.

—Três habitações —respondeu Danjer enquanto Saxon dizia dois e Pink dizia uma, todos ao mesmo tempo. Danjer sorriu rotundamente— Três quartos —disse ao Duque.

Durante o jantar, o Duque deu a Saxon e Danjer uma breve atualização sobre a guerra enquanto as tormentas da tarde varriam a terra e o sol ficou no oeste. Os cinco estavam sentados ao redor de uma das cabeceiras da longa mesa de banquetes do salão, uma laje enorme de mármore negro vetada com estrias de quartzo branco. Grosas patas de madeira se espaçavam a intervalos regulares ao longo de sua incrível longitude sujeitando a pesada tampa de polida pedra. O pessoal de cozinha do Duque tinha posto vários pratos fumegantes sobre a mesa antes de desaparecer discreta e silenciosamente. Recentemente elevado ao poder e desacostumado ao esplendor, o Duque apreciava sua privacidade e mantinha um notavelmente pequeno número de pessoal no Palácio de Ferro.

—Então esteve tranqüilo —resumiu Danjer quando Au'Banner terminou seu relatório.

Au'Banner assentiu.

—Reina-a se mantém firme no Iverannon. Somos a primeira linha de defesa. Perderemos terreno ao norte se a Baronesa seguir sua invasão. Certamente —acrescentou—, eu preferiria não chegar isso.

Danjer sorriu enquanto observava a retorcida escultura de cristal que dominava o centro do gentil tabuleiro. O produto de um só relâmpago e muita areia negra, o escuro pedaço de arte natural representava uma excepcionalmente grande e quente descarrega elétrica. Com forma de estrela irregular com pontas romas, sorriu quando se imaginou a Pink dar um golpe ao Duque de Prata com uma peça similar no Palácio de Cobre.

Interpretou a declaração do Au'Banner como que o obstinado escandinavo não tinha nenhuma intenção de retirar-se sem lutar. Mas Iverannon estava localizado sobre o bordo de um escarpado escarpado, as paredes de palácio altas e grosas. Se a Baronesa atacasse, era o lugar ideal para organizar a resistência final da Aliança do Norte. depois de dois anos de luta, as forças restantes do Norte teriam que unir-se e propor uma defesa forte se esperavam rechegar ao exército da Baronesa.

Retroceder e reagrupar-se era a melhor opção.

—Ela está preparando algo —declarou a Senhora— A Baronesa. Ela esta tramando algo.

Os olhos do Danjer se posaram na Senhora enquanto assentia seu acordo.

—O que nos leva a Pink —declarou.

Animando a Pink a relatar sua história ao Duque e sua esposa, Danjer se reclinou em sua cadeira, observando tranqüilamente diabinha enquanto ela revelava o complô da Baronesa. Poderia ter contado a história ele mesmo, mas esta estratégia lhe permitiu olhar seus encantadores e feéricos rasgos enquanto falava. Deu-lhe a desculpa para posar seu olhar sobre sua cara sem parecer que a olhava fixamente.

—É afortunada de ter encontrado estes dois —disse a Senhora a Pink quando acabou de relatar a história.

Pink assentiu.

—Eu ia para o norte quando ...nos conhecemos. Tentava chegar aqui, A Judipeao.

Danjer separou seus olhos da Pink quando começou a falar.

—Assim —Danjer se inclinou pondo os cotovelos sobre a mesa e suas mãos unidas em um punho frouxo—, é importante que ofereçamos amparo a moça —declarou.

—Estou de acordo —o Duque demarcou enquanto olhava com o cenho franzido a Pink— Nós poderíamos lhe enviar A Iverannon com uma mensagem para a Rainha. A plataforma de aterrissagem do Iverannon está ainda operativa. Eles poderiam cintilar a Pink ao cosmodromo orbital e mandá-la fora do planeta em uma nave.

—Não acredito que seja necessário —respondeu Danjer sem pensar. Então teve que parar e idear um argumento razoável pelo que isto não poderia ser uma boa idéia—A Baronesa vigiará o cosmodromo —ofereceu com pouca convicção.

A ajuda chegou de improviso do Saxon.

—Pessoalmente, não tenho nenhuma intenção de confiar a segurança de Pink a alguém fora deste comodo —declarou enquanto se estirava em sua cadeira.

Danjer assentiu. Resumia bastante bem sua própria idéia. Saxon havia verbalizado o que Danjer não sabia como dizer.

—De acordo —Au'Banner inclinou seu queixo—Fixarei guardas extra sobre as muralhas assim como no perímetro de palácio. Poremos Pink no pequeno quarto acima ao final do corredor, que não tem janelas ou portas ao exterior. Você e Saxon podem lhes acomodar em seus quartos habituais. Se alguém quiser diabinha, terão que atravessar a todos nós antes de que possam alcançá-la —empurrando sua cadeira, o Duque ficou em pé e bocejou— Seus quartos estão preparados. Vão-se a cama quando quiserem.

A Senhora se levantou junto com seu marido.

—Por favor sinta-se como em sua casa, Pink. Se necessitar algo, Saxon e Danjer conhecem tudo. Eles têm acesso completo a todo o palácio.

—Temos? —disse Saxon com fingida surpresa— Nesse caso, não te importará se nos colocamos entre seus calções?

Au'Banner grunhiu enquanto se colocava entre o Saxon e sua esposa.

—Como imagino que Pink necessitará um pouco de roupa — continuou Saxon com um inocente sorriso satisfeito que não enganou a ninguém—, se tiver algo que possa nos dar, Milady...

—Enviarei algumas roupas ao quarto da Pink —ofereceu a Senhora, pondo os olhos em branco e sacudindo a cabeça enquanto tirava seu marido do salão.

Nos minutos que passaram depois de que o Duque e sua esposa se retiraram a cama, um silêncio espectador se instalou através do salão. A evidente e opressiva capa de silêncio estava impregnada de profundos matizes sexuais. A noite tinha chegado e havia dormitórios esperando-os no primeiro andar. Dormitórios e camas (o emprego natural para as relações sexuais noturnas), lençóis enrugados e membros enredados. Corpos estirados e entrelaçados ao redor um de outro, conduzindo e bombeando, a virilha plana e nua apertando-se contra o suave e cheio vagina.

Naquele preciso instante no tempo, sentiu-se como se o universo inteiro girasse ao redor da lhe pulsem necessidade quente e urgente na virilha de Danjer. Imagens e idéias se meteram em sua mente e afligiam cada pensamento. Uma mulher debaixo dele. Quente e flexível, úmida e suarenta e brilhante, que se dobrava para ele, empalada sobre seu pênis enquanto a mantinha escrava de suas necessidades, as controlando em seu agarre inflexível. Uma mulher que lhe olhasse fixamente através de uma cortina de pálido cabelo dourado.

Jesus do Céu.

Sexo com diabinha. Era em tudo o que podia pensar.

Quando finalmente tomou uma profunda baforada de ar, compreendeu que nem sequer tinha estado respirando. Como um jovem desatado, procurou um lugar onde pousar seus olhos, não disposto a deixá-los vagar muito para diabinha. Brevemente, seu olhar varreu a cara do Saxon, onde encontrou a expressão de seu amigo tão escura e faminta como sabia que devia estar a sua própria, sabia que o sangue do Saxon trovejava por suas veias em uma palpitância de desejo e excitação, fazendo-se pesado em sua virilha e bombeando em seu pênis com cada doloroso fôlego que ele exalava. Sabia que Saxon sofria tanto como ele, montado em uma afiada necessidade puramente masculina e consumido por um objetivo esmagavam profundamente, ficar entre as pernas de uma mulher e empurrar, colocar seu pênis profundamente dentro dela, enche-la do seu membro e soltar seu leite dentro da apertada e quente vagina.

Tudo no que ele podia pensar era em fodê-la.

Foder a Pink.

Saxon se moveu primeiro, aproximando Pink a seu lado enquanto se levantava.

—Vou a cama —anunciou em um murmúrio apertado, estirado. Como se lhe doesse, esfregava a palma de sua mão pelo fronte de suas calças de couro. Com os olhos entrecerrados, Danjer enfocou os dedos de seu amigo quando Saxon agarrou o diamante quadrado da base de sua braguilha.

Em uma escura neblina de necessidade sexual, Danjer se levantou. Quando Saxon conduziu Pink Através do quarto, Danjer os seguiu pela larga e tortuosa escada e com o passar do corredor atapetado até o pequeno dormitório interior que o Duque tinha sugerido para a Pink.

Soltando-se de Saxon, Pink se atrasou no corredor enquanto Saxon entrava no quarto que devia ser o dela. Desde sua posição no meio do vestibulo, Danjer podia ver o homem loiro dentro do quarto, afrouxando o cinturão da espada. O alto corpo do Saxon estava emoldurado na entrada retangular e a Danjer não gostou da imagem absolutamente. Algo profundamente dentro dele se rebelou ante esta, apertando suas tripas e esticando sua mandíbula.

—Danjer —disse Pink brandamente.

Suas palavras o sobressaltaram enquanto ela estendia a mão para posar seus dedos em seu antebraço. Mas ele se afastou antes de que pudesse tocá-lo. Ele sacudiu a cabeça com gravidade.

—Fez sua eleição —lhe disse—Hoje no rio —ele tomou uma acalmada inalação.

— É o correto.

Ela sacudiu sua cabeça.

—Fiz minhas eleições —o corrigiu brandamente—Me disse como se sente sobre o Saxon e o entendo. Ele é seu melhor amigo. Mas... eu esperava que se unisse no rio.

Suas palavras lhe chuparam até a alma e lhe acariciaram a larga longitude de sua ereção (como sim sua quente boca estivesse abrigando seu pênis e empurrando sem piedade sua carne). Brevemente, seus olhos se fecharam enquanto se sentia ir como uma supernova onda de desejo por ela, mas não de desejo por ela assim.

—Eu não gosto disso —lhe advertiu, separando-se e dando a volta.

—A mim sim —insistiu ela corajosamente— Não, espera, Danjer. me deixe te explicar. As fantasias do diabo estão... feitos para dois homens. Tenta entender. Não é só emocional. Isto é também físico.

Ele sentiu seus dedos acariciar seu antebraço outra vez e a seguinte coisa que soube era que ela estava contra a parede, baixo ele.

—Não me toque —grunhiu, obrigando a sair as palavras entre seus dentes apertados—Ou logo aprenderá mais sobre os terraqueos do que desejaria saber. Nada do que desfrutaria. Entendeste-me, moça? Não tenho sabor do que está acostumada mas duvido que isto incluía ser danificada por incivilizados bárbaros de planetas de outros mundos.

Ele a sentiu esticar-se quando lhe fulminou com o olhar. Seus olhos lhe queimavam enquanto suas pequenas Palmas empurravam contra seu peito.

—Como de mau seria? —espetou ela— Não vejo como poderia ser pior do que me passou no Palácio de Cobre. Exatamente como de agradável cre que foi, Danjer?

Agora foi seu turno de ficar imóvel. Ah, caralho. As desculpas aflorando.

—caralho —disse ele—O sinto, Pink.

Mas não se moveu. Não acreditou que pudesse mover-se. sentia-se muito bem, apertado contra ela. Ele a tinha capturada contra a parede, seu corpo magro fixado baixo o dele, seus encantadores peitos esmagados sob seu torso, seu ventre firme embalando a tensa longitude de seu pênis. Ele ansiava tomá-la. Doía-lhe com uma necessidade que atava suas tripas.

A sensação de sua carne firme apertada contra a sua própria, tão perto, separados só por suas roupas, era suficiente para fazê-lo derramar-se nesse mesmo momento, dentro de suas calças. Desejava balançar-se contra ela, esfregar-se contra ela, de algum modo deixar seu sinal nela. Atirando com um cru ofego, ele agarrou seus quadris e flexionou seus joelhos para esfregar seu membro sobre seu ventre uma vez. Juntos, geraram, suas vozes enredadas, baixas e guturais, profundas e estranguladas, torturados por uma poderosa necessidade que não podia ser apagada estando em pé totalmente vestidos contra uma parede.

Devagar, ele deslizou seu pênis contra seu ventre outra vez, empurrando seus quadris para enterrar a cabeça de seu membro profundamente em sua carne.

—Outra vez —disse ela com um baixo gemido— Não tive muita experiência. Uns poucos beijos. Um pequeno magro. Um homem que não podia me satisfazer.

Perdido na urgência masculina de bombear e penetrar, o primeiro impulso de Danjer foi ignorar esse comentário. Conversar nunca tinha parecido tão difícil em sua vida. Ele usou sua língua para rastrear a delicada curva de sua orelha antes de chupar seu lóbulo entre a aguda sujeição de seus dentes. De algum jeito, suas palavras abriram caminho pela espessa névoa de luxúria que embotava seu cérebro. Com uma extraordinária quantidade de força, ele se separou dela o bastante para olhá-la a cara.

—Só um homem? O Duque de Prata? Só esta... besta com seu cristal e borracha?

Como se se protegesse da lembrança do Duque, suas pálpebras cobriram seu verde olhar durante uns instantes. Quando abriu seus olhos, seu olhar se levantou com orgulho para ele.

—E Saxon —lhe disse quase insolentemente—No rio.

Ah sim, Saxon. Não lhe deixaria esquecer a Saxon, não importa quanto desejasse poder fazer isso neste preciso momento. Seus músculos se apertaram antes de que seus ombros caíssem por sua própria baixeza. Pobre menina. O trabalho manual do Saxon esta manhã era sua melhor experiência sexual até o momento. E ela nem sequer gozou.

O brilho verde de seu olhar seguiu lhe queimando.

Controle de danos.

—Como é possível? —exigiu— É tão... encantadora.

Sua cabeça se inclinou. Ele sentiu seu sorriso abrindo-se contra o oco profundo na base de seu pescoço, e sabia que se cotado um tanto com a adulação.

—Tive minhas possibilidades —admitiu ela—, mas... teria sexo ocasional, se fosse como eu? Pensa nisso. Sou uma arma mortal andante. Sou uma ameaça para cada homem que se deite comigo. E quanto a mim? —murmurou— Se um homem me beijasse, por acaso ou não, estaria pega a ele, lhe arrastando ao redor desamparadamente para o resto de minha vida. Eu não tomaria a um homem, ou homens, a não ser que estivesse segura de que poderia viver com eles para sempre... se os tivesse.

No profundo silêncio que seguiu, ele sentiu seus lábios acariciar seu pescoço e um golpe contra sua mandíbula. Sua reação a este ímpeto foi de puro instinto masculino. Ele se apertou contra ela sem pensar, cobriu seus lábios, e conduziu sua língua no úmido calor de sua boca enquanto suas mãos se moviam por sua cara e sustentou sua cabeça, extraíndo de sua boca cada sensação erótica que pôde encontrar ali, levando sua língua até o fundo de sua garganta enquanto ela se defendia dando suas próprias carícias serpentes.

Caralho, desejava-a. Começou a rodar seus quadris contra ela em um impulso masculino instintivo em busca de satisfação. Uns fortes impulsos mais e ele estaria ali.

—Pink —gemeu ofegante em sua boca—. Ah Jesus, Pink, eu...

—O que estão fazendo vocês dois?

Danjer se congelou, seus olhos se alargaram com repentina prudência quando ouviu a voz do Saxon detrás dele. Pink olhava por cima de nele, seus olhos médio fechados, sonolentos pela excitação. Plantando suas mãos contra a parede, Danjer se separou da mulher contra a que estava encravado. De

maneira estranha, pareceu que abandonava uma parte enorme dele detrás. A parte mais importante. Uma parte dele da que realmente não podia prescindir.

Algo escuro, profundo e emocionalmente perigoso se derramou em seu lugar.

—O que fazem? —repetiu Saxon enquanto Danjer se dava a volta para encarar A seu amigo, que estava em pé na entrada aberta do quarto da Pink— E por que o estão fazendo sem mim? — disse Saxon sacudindo sua cabeça para eles enquanto sorria intensamente, seus olhos indo e vindo incertamente entre eles.

Danjer sentiu a mão da Pink ao redor de sua mão. Tenra calidez encheu sua expressão enquanto ela olhava a Saxon.

Como podia ela fazer isto? Como podia olhar a Saxon assim depois de beijar a ele... dessa maneira? por que se sentia tão traído? Não era culpa dela. Ele, mais ou menos, tinha-a empurrado nos braços do Saxon. Não tinha nenhum direito a estar zangado. Se era assim, era ele quem estava traindo a Saxon.

Deixando livre a Pink, ele se obrigou a pôr um sorriso em seus lábios.

—Somente a estou esquentando para ti —disse a Saxon rigidamente.

Saxon elevou seu queixo como se entendesse. Alcançando o bordo de sua casaca, a tirou pela cabeça, então estirou seus enormes ombros e flexionou seus avultados músculos como um grande gato dourado. O ato, embora realizado com um sorriso, pareceu a ambos uma demonstração de cortejo assim como um desafio pela posse da esbelta fêmea situada entre os dois homens.

Bem, Saxon. Conseguiu-o. Ele podia pilhar uma indireta. Não era estúpido, somente estava brincalhão.

Dando o difícil primeiro passo para separar-se da Pink, Danjer obrigou a seus pés a levá-lo a porta de seu dormitório. Resistindo ao impulso de arrancar a porta de suas dobradiças, ele deu um puxão para abri-la e depois lhe deu uma feroz cotovelada quando entrou no quarto. A porta se fechou de uma portada.

Imediatamente, seu pênis estava livre e em sua mão enquanto a rodeava com seus largos dedos por seu eixo e acariciava sua escura e sulcada longitude. Cruzando de uma pernada para o banho, esfregou brutalmente sobre seu membro, alcançando logo o lavabo de mármore antes de que gozasse e explodiu, seu leite estrelando-se na encimera ligeiramente curva. Olhando fixa e inexpressivamente seu sêmen enquanto se vertia no mostrador, ele amorteceu um gemido que doía muito para ser emitido. Seu queixo caiu e seus ombros se relaxaram. Apoiando uma mão contra a parede, ele golpeou um botão plano e viu a cortina de produto de limpeza que atravessando o ar ao longo do lavabo. Durante vários segundos, olhou fixamente seu infeliz reflexo no espelho. Seu olhar ardia em um brilhante e desafiante azul antes de que fechasse seus olhos e deixasse cair sua cabeça em sinal de derrota.

Isto não estava funcionando. Tinha que afastar-se, do Saxon e Pink, antes de que sua necessidade de possuir diabinha destruísse sua relação com o melhor amigo que tinha.

CAPITULO 8

A imagem do Saxon em cima de Pink manteve Danjer intranquilo toda a noite. O pensamento da Pink com seus olhos entrecerrados, seus lábios curvados em um sorriso licencioso e aquelas largas e esculturais pernas abraçadas ao redor dos quadris do Saxon enquanto ele a montava...

Jesus do Céu!. Empurrando-se fora da cama com o alvorecer ainda cinza, Danjer atravessou o dormitório para o banheiro. Entrando na zona da ducha, estirou seus braços e fechou seus dedos sobre a nuca. Seu peso no chão da cabine ativou a fresca emissão de sabão. Fechando os olhos, Danjer deixou que a cortina de líquido lhe golpeasse mais do que necessário antes de que saísse do posto. Depois de secar-se vestiu com uma camisa branca e calças de couro negro e foi para a escada.

Seu comprido passo vacilou quando entrou no salão e se deu conta que Saxon estava sentado na mesa de mármore que dominava o espaço. Apesar do fato que era um homem enorme, Saxon parecia diminuído de algum modo, sentado extranhamente desesperado e solitário, ocupando só uma diminuta parte da enorme mesa de banquetes. Saxon se moveu em seu assento e seu reflexo se moveu agitado sobre a imóvel e negra superfície de gentil mármore.

Jogando uma olhada a seu amigo, Danjer se serve uma taça de chá e a levou a seus lábios enquanto se girava para enfrentar-se ao Saxon. Os dois homens se observaram o um ao outro através de um incrivelmente comprido silêncio.

Finalmente Saxon sorriu tristemente.

—O que vai mau? —perguntou.

—Nada —sussurrou Danjer em voz baixa, tomando outro comprido gole da abrasiva poção, dando a bem-vinda à dor quando atravessou sua apertada garganta.

—Parece tão feliz como eu.

Contendo o fôlego, Danjer inclinou sua cabeça e lançou a Saxon um olhar inquisitivo.

—Ela não quis me ter... ontem à noite.

Expulsando o fôlego de seus pulmões, Danjer se agarrou ao móvel detrás dele, estabilizando-se com uma mão antes de tomar outro sorvo de chá.

—Pensei que passou a noite com ela.

Saxon sacudiu a cabeça.

—Passei a noite no quarto em frente do teu —a expressão do loiro era um pouco desesperada quando sacudiu sua cabeça— Não sei o que foi mau depois do que aconteceu no rio ontem, pensei que queria!

Enterrando ambas as mãos em seu sedoso e enredado cabelo, Saxon fez uma careta e disse a toda pressa.

—Estou louco por ela. Eu... eu desejaria poder dizer-lhe Mas... —ele se interrompeu, tragando enquanto suas mãos se fechavam sobre a escura superfície da mesa—, sabe como sou com as palavras... incluso pior desde D'Almiers.

Danjer olhou ao chão, assentindo enquanto se sentia fundo até as trancas por um remorso lhe esmaguem e lhe debilitem.

Enquanto piscava nas linhas do chão de estirenomadera, pôde ver Saxon. Saxon estendido branco e inconsciente sobre a terra arenosa, seu sangue espantosamente escuro, derramando-se através da fenda desigual de seu casco.

Saxon tinha salvado sua vida quando parou aquele golpe destinado a Danjer. Seu amigo tinha vivido, mas tinha estado um pouco desorientado depois. Antes agudo e seguro de si mesmo, o jovial guerreiro agora se desorientava facilmente. E em um mundo com poucas estradas para indicar o caminho, o sentido da orientação era quase uma necessidade. Além da desorientação que Saxon sofria, também tinha problemas expressando-se.

Saxon tinha sacrificado tudo isto por ele.

Durante um longo momento, Danjer olhou fixamente ao chão, incapaz de encontrar o olhar do Saxon.

Sentindo um repico de pés ligeiros sobre a escada, ambos os homens levantaram suas cabeças. Danjer viu o olhar de seu amigo centrando-se na escada além da ampla entrada do comilão.

—Aqui vem —murmurou Saxon. Seus olhos se voltaram para Danjer—Tenho que dizer o mudou de repente— Me ajudará?

Com uma careta de relutância, Danjer girou sua cara.

—Farei todo o possível —disse A Saxon com determinação. Não ia ser fácil. Alcançando uma taça a cheio da fumegante bebida, pôs um sorriso em sua cara— Não fique furioso comigo se ela não quer —se queixou com um grunhido insultante. Cruzando o espaço até a mesa, tirou uma cadeira para a Pink enquanto ela entrava, colocando o chá ante ela quando esta tomou assento.

Ela tinha um aspecto fresco e encantadoramente selvagem de uma vez, vestida com uma curta camiseta elástica cinza que abraçava seus peitos e deixava seu ventre nu. Sobre seus quadris penduravam um par de suaves pernas emprestadas da Senhora. Como Pink era mais magra que Chloe, as calças ficaram soltas nos seus quadris, mostrando a jóia que cintilava em seu umbigo.

—Pink —começou Saxon imediatamente—, tenho que te dizer algo. É... importante.

Seus olhos olharam cautelosamente Aos dois homens enquanto aproximava a cadeira debaixo, ela e Danjer retornava a seu lugar perto do servidor de chá.

—É sobre você e eu, e como me sinto por você. Quero... — desamparadamente, procurou a seu amigo que se apoiava contra o mostrador.

—Foder-te —subministrou Danjer.

—Não!

—nos deitar? —foi sua seguinte sugestão.

—Não! —Saxon olhou airadamente a seu amigo, e Danjer se aplacou com um sorriso sardônico.

—Fazer o amor contigo.

—Sim! —quase gritou Saxon—Quero fazer o amor contigo, Pink. Desde que te conheci, desejei-te. É tudo no que posso pensar. Nunca tinha sentido tão... atraído por uma mulher. É tão...

—Formosa —disse Danjer em voz baixa.

—Sim —Saxon acordou— E mais que isso, é...

—A criatura mais adorável que jamais vi.

Saxon assentiu enquanto olhava fixamente diabinha com ar de súplica.

—É cálida, considerada, amável e valente. Quando está perto —seguiu Danjer—, logo que posso manter minhas mãos longe de ti. Logo que posso respirar —sussurrou— Quando ri, quero que seja para sempre.

Saxon franziu o cenho quando seu olhar se centrou na cara de seu amigo.

—Quero ser o homem que te faça rir, quem te toque e te faça o amor. Quero ser o homem que desperte a seu lado, cada dia do resto de minha vida. Quero-te em minha cama. Em minha casa. Em meu mundo. Quero-te em minha vida. Durante todo o tempo que viva.

—Maldição —sussurrou Saxon. fez-se um torpe silêncio enquanto Saxon olhava Danjer que olhava fixamente a Pink. Os olhos da Pink permaneceram baixos, centrados na fumegante taça, mordendo o lábio inferior.

Bruscamente, Danjer se sacudiu.

—Isto é o que queria dizer? —perguntou a Saxon sem olhá-lo.

—Sim —Saxon respondeu em voz baixa— Sim... isto o resume bastante bem.

—Deixarei-os sozinhos —disse Danjer rapidamente, girando-se para atravessar rigidamente a pernas da porta. O forte som de suas botas se afastou corredor adiante.

Saxon olhou a entrada vazia durante uns momentos.

—Que me tomam por idiota —disse esmialhado, olhando fixamente a saída. Jogou uma olhada para a moça da cabeceira da mesa— Se sente da mesma maneira para ele?

Com seus dentes ainda enterrados em seu lábio inferior, Pink levantou seu olhar atormentado a ele.

Ele se levantou de repente.

—Maldição —disse—, sou o que deveria haver partido.

—Não —disse ela rapidamente—. Danjer não quereria isso, Saxon. Eu não quereria isso. Não me colocarei entre você e seu melhor amigo. Além disso —disse ela, sacudindo sua cabeça enquanto olhava fixamente seu membro— Te amo, também.

Lhe olhando com cenho franzido, Saxon sacudiu sua cabeça.

—Amo-te —disse ela em voz baixa— Danjer não entende como pode ser certo —levantou seus olhos para o Saxon— As diabinhas são feitos para dois amantes. Acredito que poderia fazer entender se pudesse levá-lo a cama. Mas ele se nega. Não trairá sua amizade —seus dentes brancos se afundaram em seu lábio inferior, e o aspecto de seu sombrio olhar revelava sua frustração e miséria— Eu esperava que ele se unisse a nós no rio. Se o tivesse feito, eu poderia ter tido a oportunidade para lhe mostrar, lhes mostrar a ambos, o que sinto por vocês. Quanto os necessito a ambos.

Saxon contemplava o dedo dela, que se deslizava em uma gota de água riscando um comprido e estreito oito sobre a polida superfície negra da mesa.

—As fantasias do diabo estão feitos para dois amantes —disse ela desamparadamente, sacudindo sua cabeça uma vez mais—. Não sei como explicar o de outra maneira.

Empurrando sua cadeira com um movimento apressado, Saxon sujeitou com um punho enorme a mão da Pink e cruzou de uma pernada o salão, rebocando a moça detrás dele.

A magnabike do Danjer se foi quando alcançaram o pátio. Saxon colocou Pink sobre a sua enquanto esta se elevava no ar. Sentando-se escarranchado sobre a magnabike, acendeu seu dispositivo de rastreamento e pôs o controle em seguimento. Saudando os guardas enquanto cruzavam o pátio, deslizaram-se pelas enormes portas quando as abriram.

Inclusive mantendo a moto a velocidade máxima, levou-lhes uma hora chegar até o Danjer, quem finalmente parou quando compreendeu que foram atrás dele. Com seu magnabike apoiada no chão, o escuro homem lhes observava de um arvoredo escassamente povoada de altas e esqueléticas árvores. As árvores estavam nuas, desprovidos de ramos, sua casca incrivelmente lisa e brilhante com uma superfície polida. Golpeados Freqüentemente pelos relâmpagos, as árvores sobreviventes estavam impregnadas de metal em sua casca para que a eletricidade atravessasse o exterior da árvore sem danificar o centro de vida. Um punhado espesso de folhas nascia como uma massa verde surgindo da taça mesma da árvore assim como em um grosso cacho ao redor da base.

—Permanece aqui —disse Saxon a Pink, deixando-a ao lado da magnabike e dirigindo-se para os espaçadas árvores para interceptar a seu amigo.

—Danjer —lhe chamou, e seu amigo se voltou para confrontá-lo. A expressão do Danjer era enfatiada e frustrada quando olhou airadamente ao Saxon— Sei o que está fazendo —disse Saxon— É um bom amigo, Danjer —disse em voz baixa.

Danjer lhe deu as costas, enterrando as mãos em seu brilhante cabelo negro.

—Danjer —chiou Saxon, procurando as seguintes palavras—Não pode simplesmente... me deixar. nos abandonar. Meu... sentido da orientação está um pouco desligado. foi assim desde...

—Não me faça sentir culpado, Saxon —cortou Danjer, dando-a volta outra vez para confrontá-lo—Estará bem sem mim. Terá a Pink para manter a direção por ti.

Saxon assentiu olhando ao chão inquisitivamente.

—Então, quer-me o bastante para deixá-la para mim —outra vez cabeceou antes de levantar seu olhar e cravá-la no Danjer—Mas me quer o bastante para compartilhá-la comigo?

Danjer se congelou.

—Não me faça sentir culpado, Saxon.

—Caralho, Danjer. Ela não me ama. Não realmente. Não como ama a ti! Quer-me o bastante para compartilhá-la comigo, Danjer? —continuou repetindo, suas palavras caindo entre eles— Não é como se não acontecesse. Não é inaudito. Há abundância de multi-relacionamentos. Algumas delas até funcionam —discutiu— Tenho um tio que tem duas mulheres. São felizes!

—Sim, bem mas não funciona para mim.

—por que não?

—Porque não me sinto dessa maneira por ela! —explodiu Danjer. Seus olhos brilhantes eram selvagens, sua respiração desigual enquanto olhava a Saxon—Porque sou terraqueo! —gritou, cravando o polegar no peito— Os terraqueos não compartilham suas mulheres.

—Alguma vez?

—Não se eles... querem —disse Danjer entre dentes.

—Não se eles se amam? —perguntou Saxon em voz baixa mas Danjer não respondeu— O que passa quando dois amigos amam a mesma mulher?

—Então —grunhiu Danjer, apartando seu olhar—, eles deixam de ser amigos.

—O que? —perguntou Saxon com claro espanto— O que?

—Ouviste-me.

—Sim, ouvi-te. Simplesmente não acredito. Os terraqueos estão de verdade tão fodidamente loucos?

Um agudo grito cortou seu argumento.

Como um, ambos os homens ficaram rígidos, seus olhos se encontraram. Então, girando-se, correram para o lugar onde tinham deixado as magnabikes. O que se encontraram além da esquelética arvoredo era suficiente para deter um homem valente, mas nenhum deles vacilou nem um instante, pelo contrário, suas botas perfuraram o chão arenoso enquanto se lançaram a acampo aberto para salvar diabinha.

Uma espécie de aracnídeo gigante tinha a moça em suas tenazes dianteiras enquanto suas rígidas e escuras asas rangeram abertas para iniciar o vôo. Perto, uma ampla depressão na terra arenosa marcava a recente toca da criatura onde tinha estado, oculta sob uma capa de quente areia negra.

Pink arrastava seus pés sobre a terra, enterrando seus talões calçados, lutando contra o abraço da sanguessuga. Enquanto os homens a perseguiam, o punho inferior de sua frouxas calças se travou em um ramo de planta e por um momento fez parar o inseto, ancorando-a em metade do ar, e fazendo-a cair a terra. No momento seguinte, os pés da Pink se balançaram no ar e o feio monstro estava no ar de novo, embora só umas polegadas. Danjer se lançou para frente, correndo para alcançar o monstro, enquanto Saxon se dirigiu para seu magnabike.

Saltando no ar, Danjer se agarrou ao extremo de uma larga e magra pata traseira e o sanguessuga golpeou o chão de novo e se voltou a impulsionar ao ar. Danjer amaldiçoou quando olhou durante um momento ao membro quebrado ainda agarrado em seu punho, então o atirou e se lançou outra vez depois do aracnídeo volante.

A vinte pés(10) de distância, Saxon pôs seu magnabike em marcha enquanto seu amigo subia para tentar agarrar a superfície lisa e arredondada da polida asa do inseto. Lutando por agarrar e cravar seus pés ao mesmo tempo, Danjer diminuiu a velocidade de decolagem do monstro que se dirigia aos vazios desertos de areia.

Gritando atrás de seus companheiros, Saxon se encurvou sobre sua moto enquanto corria para alcançá-los. Colocando-se ao lado da monstruosidade, ele posou seu pé esquerdo no estribo e colocou a outra expulsa no assento. Com sua espada desenbainhada, apressou-se através da areia, golpeando ao inseto na base de sua grossa pinça dianteira onde se juntava com sua feia garra, tentando liberar a moça de seu apertão. Ao mesmo tempo, Danjer cravou sua espada entre as asas estendidas do monstro e a enterrou até o punho de uma vez que rasgava. Espesso e pegajoso sangue saiu da ferida e, como um navio meio doido, o vôo do inseto se desestabilizou caindo para terra enquanto os homens seguiam cortando e esfaqueando.

10 6 metros de distância mais ou menos.

—Ela está livre! —gritou Saxon quando finalmente de um forte cutilada cortou de um talho a pinça que agarrava a moça, e Pink caiu sobre a escura areia. Ouvindo isto, Danjer soltou a asa e escorregou do animal para trás.

Colocando-se sobre a magnabike e dando a volta, Saxon a dirigiu ao lado do Danjer. Juntos olharam o bamboleio da criatura pelo ar até que se estrelou contra o chão com uma enorme erupção de areia. O arruinado monstro rodou de flanco e suas pernas se estiraram fracamente no ar várias vezes antes de que Danjer se lançasse sobre a magnabike detrás de Saxon. Juntos, aceleraram por volta da moça agora sentada na areia a trinta metros deles.

A moto não acabou de deter-se quando os homens saltaram a terra e fizeram pé a poucos passos restantes dela. Danjer a alcançou primeiro, arrancando a garra de sua cintura e envolvendo-a em seus braços. Durante vários minutos, ele a sustentou forte antes de que afastasse sua cara de seu peito. Com suas pálidas bochechas apanhadas entre suas mãos trementes, ele a beijou, com força, ávida e apaixonadamente. E só a soltou quando se deu conta de que Saxon permanecia justo detrás da Pink, seus punhos apertados e suas mãos em suas nádegas.

Com repentina compreensão, Danjer tomou pelos ombros e a separou a um par de centímetros de distância. Seus olhos ardendo ao olhá-la, e logo a Saxon enquanto tentava retirar a mão que a agarrava pelo ombro para aproximá-la até seu melhor amigo. Mas Saxon deu um passo adiante e fechou suas próprias mãos sobre Danjer.

—Não discutiremos outra vez —disse Saxon.

Obscuramente, com um grunhido que lhe saiu do peito, Danjer viu os lábios do Saxon descender para riscar uma linha pelo pescoço da moça antes de que finalmente voltasse a apanhar com seus próprios lábios, o úmido calor da boca da Pink.

—Ocuparei-me do amparo —murmurou Saxon e Danjer interrompeu seu beijo o tempo suficiente para franzir o cenho para seu melhor amigo enquanto o homem se ajoelhou e baixou as calças de Pink por suas pernas.

—Está protegida, Pink? —perguntou Saxon enquanto lhe tirava suas pequenas botas.

Quando abriu os olhos com alarme, Danjer se estremeceu tanto por ela como por si mesmo. Protegida ou não, neste momento, não havia nada no mundo que lhe impedisse fodê-la.

—Não. Não se preocupe, carinho. Tenho algo —endireitando-se, Saxon se voltou e se dirigiu ao seu alforje— De que sabor o quer? —perguntou a Danjer quando chegou de uma pernada até eles, agarrando um punhado de palitos envoltos em papel.

—Não me importa —exalou Danjer, seus olhos pegos a moça ante ele.

—O que?

—Não me importa —disse mais forte, tirando suas manchadas bandas por sua cabeça e as usando para limpar o sangue amarelo do monstro de suas calças de couro—. Qualquer. Natural —respondeu com um gemido— Não a provarei —se queixou ele quando sua camisa caiu de seus dedos e sua boca baixou para desenhar uma linha ao longo da clavícula da Pink. Quando ela ofegou, suas mãos se aferraram A sua cintura, empurrando-a contra seu corpo e forçando-a arquear as costas. Seus mamilos eram pequenos nós apertados, que apunhalavam o suave tecido que cobria suas redondas e

doces tetas. Tudo o que ele podia sentir era sua carne quente e suave sob suas mãos, seus cheios peitos esmagados sob seu torso, o diminuto roce de seu piercing no ventre sobre suas calças. Tudo o que podia ouvir eram seus ofegos altos, tórridos mesclados pelas duras rajadas de seus próprios ofegos de luxúria. Tudo no que ele podia pensar era em lhe colocar seu pênis.

—Tranquilo —ouviu dizer a Saxon—, gira-a.

—Saxon —urgiu Danjer ofegando, girando-a para que ela estivesse de frente ao outro homem. A mão do loiro estava sob sua coxa, deslizando-se ao longo de sua suave longitude até que levantou seu joelho. Ao parecer desejosa de ajudar, Pink estirou sua perna diretamente e descansou o pé sobre o ombro do Saxon.

—Tenho-te —grunhiu Saxon, desabotoando com ambas as mãos as calças curtas de seda e tirando-lhe Então ele se parou, desembulhando um palito de amparo em sua mão enquanto olhava a vulva aberta da Pink.

—Saxon —suplicou Danjer com um gemido.

—Ummm —vacilou Saxon—, onde o quer?

Um baixo grunhido saiu de sua garganta.

—O que quer dizer com onde o quer?

—Informo-te que tem mais do número habitual de opções — disse Saxon em voz baixa— Olhe isto.

Tomando o pé da Pink de seu ombro, Saxon dobrou a perna e a apoiou no chão. Então a levantou em braços e a levou até sua moto. Baixando Pink a sentou de lado sobre o assento e depois Saxon se ajoelhou frente a ela. Quando Danjer lhe seguiu, ele empurrou ao terraqueio a ajoelhar-se a seu lado.

—Abre as pernas, Pink —murmurou Saxon com voz rouca— Abre suas pernas e mostre sua vagina ao Danjer.

Mordiscando o lábio inferior, ela separou suas pernas e, com uma mão sobre cada coxa, Saxon a ajudou as manter mais abertas. Então ele deslizou seus dedos a um e outro lado de sua abertura e separou seus lábios.

Danjer grunhiu pela surpresa.

—Isto é o que ela esteve tentando nos dizer. Não é certo Pink?

Timidamente, ela assentiu Aos dois homens que olhavam fixamente os lábios separados de seu sexo... À magra abertura de sua vagina com forma de relógio de areia. Empurrando a base de sua vulva, Saxon deslizou a cabeça arredondada de um palito protetor dentro da metade inferior do alargado oito, empurrando o final com cuidado até que desapareceu. Enquanto os homens olhavam fixamente A sua larga e deliciosa abertura, Saxon rasgou o pacote de um segundo pau e o deslizou em sua vagina em cima o primeiro. Saxon inclinou sua cabeça.

—Pela Princesa!, ela cheira deliciosa. Creio que... ambos poderíamos entrar ali?

—Não esta vez —grunhiu Danjer, lhe dando uma cotovelada para lhe apartar com um olhar selvagem.

Tropeçando, Saxon olhou como rapidamente Danjer se sentou Escarranchado sobre a baixa moto, tirou-se as armas e as lançou à parte. Danjer abriu suas calças, tirou seu pênis e a acariciou com

seu punho uma vez por toda sua longitude. A cabeça escura, gorda estava molhada, brilhante por seu presemen derramado através da fatia no alto de seu pênis, cobrindo a cabeça de seu membro com uma capa brilhante de umidade. Levantando Pink pela cintura, Danger a girou para enfrentá-la enquanto ele mesmo se sentava sobre a moto. Sustentando-a perto, ele lambeu o tecido que se estirava sobre seus mamilos enquanto colocava a entrada de sua vagina sobre seu pênis.

Automaticamente, Saxon pôs uma perna ao outro lado da moto e sujeitando o peso da Pink com suas mãos lhe separou as nádegas.

—Lhe dê um segundo tranquilidade para aceitar isso —advertiu A Danger.

—Você estava a ponto —lhe recordou Danger com um grunhido, sem tirar sua boca dos peitos da Pink.

Saxon assentiu.

—Mas não disse que ficaria olhando —suspirou Saxon— Não vão fazer isto sem mim.

Empunhando sua espada, enterrou a ponta no chão arenoso ao lado dele, então deu um puxão do broche que fechava seu largo cinturão sobre seus quadris. Quando o cinturão se desatou, deixou-o longe.

—O que quer dizer? —exigiu Danger, tirando sua cara do peito da Pink e fulminando A seu amigo com o olhar.

—Não vai fodê-la sem mim —desafiou Saxon tranqüilamente, abrindo sua braguilha e tirando seu pênis.

—Não? —sussurrou Danger. E com essa palavra, ele cravou a Pink em seu membro.

Imediatamente, diabinha se voltou louca, gritando enquanto ela se retorcia desordenadamente sobre seu membro. A cabeça de Danger golpeou seus peitos bamboleantes, seus olhos piscando enquanto tragava várias vezes sob o tormentoso prazer que diabinha provocava sobre seu sexo.

—Jesus do Céu! —gemeu enquanto tentava sustentar seu corpo dançante sobre seu membro— Que vai mal contigo? Pink!

—Ela está tendo um orgasmo —disse Saxon sem rodeios.

Danger ofegou e apertou seus dentes.

—Agora? —ele olhou fixamente a cara da Pink. Seus olhos estavam em branco e sua expressão era uma mescla selvagem de angústia e prazer— Tão longo? Nenhuma mulher tem orgasmos tão longos.

—Ela não é uma mulher. É um diabinha.

Danger fez uma careta.

—A este ritmo, não vou durar nem dois minutos. Jesus —amaldiçoou enquanto ofegava de novo.

Pink fez uma abrupta série de curtos e estrangulados ruídos que mais pareciam soluços de angústia. Piscando com olhos exagerados, Danger lhe tirou seu pênis. Imediatamente, ela se apertou contra ele, estremecendo-se enquanto sua cabeça caiu para descansar sobre a sua.

—Pink —perguntou ele com temor—, estas bem?

Ela gemeu em resposta, sacudindo sua cabeça contra seu cabelo.

—Por favor. Preciso de você —ele sentiu cair uma lágrima quente sobre a ponta de sua verga, seguido da pressão deslizante de seu polegar quando ela secou a gota na cabeça de seu pênis. Ela tomou fôlego várias vezes—. Não sei como explicá-lo —sussurrou—. Quando estou sobre ti... Danger, parece que um curto-circuito elétrico me atravessa, e estou ao bordo do prazer, louca no ponto de liberação, mas incapaz de chegar e alcançar a satisfação. Sei que isto parece ridículo mas eu... eu preciso de dois homens para fechar o circuito e acender a luz.

Danger soltou uma risada surpreendida enquanto Saxon permanecia em pé baixando os calças por suas pernas. Apartando as calças e as botas, Saxon desatou o suspensório de suas coxas e o deixou cair A seus pés.

Enquanto Pink tentava ocultar sua cara no cabelo do Danger, ele a acomodou no assento, olhando-a a cara.

—Isto tem algum sentido? —choramingou ela.

Ele levantou seu queixo com dois dedos.

—Tem todo o sentido do mundo... deste mundo, em qualquer caso, onde há tal abundância de energia elétrica —lhe disse ele. Seu olhar se voltou para Saxon, agora em pé nu atrás dela. As largas e masculinas linhas das pernas do Saxon eram nítidas e duras e brilhavam com fino pêlo dourado—. É... por isso o que o Duque de Prata não pôde te fazer gozar?

Ela deu uma diminuta cabeçada afirmativa.

—Jesus do Céu! —disse pela repentina compreensão— As barras de cristal. A borracha... ambas são materiais não condutores.

Ela inclinou sua cabeça enquanto olhava aos olhos. De novo ela assentiu.

—Condutores —sussurrou com um sorriso apazível— Precisa de dois condutores. Como pena, dedos ou línguas. Água ou talvez inclusive metal. Algo o que tenha a capacidade de conduzir eletricidade.

Franzindo o cenho pensativamente, olhou para trás sobre a areia na arvoredo onde tinha deixado sua moto. Ele assobiou cinco notas estridentes e viu como se dirigia para eles. Quando ambas descansavam sobre o chão uma ao lado da outra, separadas menos de um metro, ele levantou Pink pela cintura e a sustentou entre as duas motos.

—Estende suas pernas, pequena diabinha —lhe disse—, fecharemos o circuito para ti. te situe aqui. Ponha seus pés sobre os assentos das magnabike.

Enquanto Saxon se situava atrás de Pink sustentando seu peso com seus braços, Danger ocupou em tirar a espada de sua vagem e cravar sua ponta na areia ao lado da do Saxon. Com ambas as espadas dentro do alcance do braço, Danger se ajoelhou diante da Pink.

—Saxon —disse. Com esta palavra, seu amigo baixou os quadris dela contra seu comprido corpo, ajudando-a a dobrar seus joelhos e abrir suas pernas para o Danger— Mantém suas nádegas abertas enquanto acaricio seus clitoris, —disse-lhe Danger.

Danger inalou profundamente e lhe sustentou, observando a abertura de seu sexo enquanto separava seus lábios com os polegares. Estendendo seus inchados lábios, olhou fixamente a perfeita cor rosa de sua vagina, suas bonitas dobras úmidas ao redor do escuro centro de sua entrada. Tragando com força, colocou de novo sua mão e passou seu polegar sobre seus rugoso clitoris enquanto



seus dedos mantinham separados seus lábios para seu ávido e faminto olhar. Saxon atirou das nádegas, estirando mais o bordo de sua vulva enquanto um fino riacho de umidade gotejava da base de sua abertura com forma de relógio de areia.

Ele teve muitas vontades de beijá-la justo ali. Justo onde uma mulher era mais encantadora. Justo onde uma mulher ansiava a um homem, e onde um homem ansiava possuir a uma mulher. Jesus do Céu! O perfume da umidade de fantasia, enquanto este fluía de sua vagina, era suficiente para levar a um homem a loucura.

A cabeça da Pink caiu sobre o ombro do Saxon e Saxon beijou avidamente seu pescoço enquanto ela fechava seus olhos e suspirava de prazer. Enquanto Danger brincava com sua vagina, estendendo seus lábios e deleitando-se em todos seus brilhantes segredos rosas, o olhar do Saxon cravada nele, seus olhos verdes acesos enquanto seguia cada ação de seu amigo.

Uma e outra vez, Danger passava a áspera gema de seu polegar sobre seus clitoris, tomando-se seu tempo, sem piedade, cuidadoso, sem piedade quando ouviu tragar Saxon com força.

Com seu pênis encaixada contra a fatia de seu ânus, Saxon movia seus quadris instintivamente, arrastando sua verga pela quente separação entre suas nádegas e Pink começou a retorcer-se, ofegando e exalando pequenos murmúrios de necessitado prazer.

Saxon tinha razão. Os femininos gemidos da Pink encheram a Danger de uma euforia incrível. Não havia nada como uma mulher indefesa em suas mãos, necessitada sobre seu pênis. Só uma mulher poderia lhe fazer sentir assim, como se pudesse conseguir algo. Todo o mundo. Jesus do Céu! Neste momento se sentia o bastardo mais egoísta sobre a face de eYona.

—Danger —gemeu Saxon finalmente enquanto estendia suas pernas e agarrou a base de seu pênis. Com sua mão em seu sexo, ele aproximou sua ampla cabeça entre as pernas da Pink, procurando impaciente sua abertura.

Imediatamente Danger ficou em pé para unir-se ao seu amigo enquanto empurrava a cabeça de seu membro pela frente de sua vagina, golpeando através de suas lisas dobras de cetim, parando quando a ponta de seu pênis entrou pela suave e quente rachadura. Saxon se moveu e a fricção da sedosa carne da cabeça do pênis de Saxon contra sua própria sensível carne lhe fez soltar um repentino ofego. Juntos entraram nela, as mãos do Saxon cobriram as do Danger sobre a cintura da Pink enquanto eles a penetravam com seus membros.

Ela se voltou selvagem, golpeando, chamando e soluçando seus nomes enquanto eles se olhavam fixamente ao um ao outro, atordoados pelo prazer. Dentro do quente canal do fantasia de diabo, seus pênis estavam apertadas, juntas, enquanto sua vagina ordenhava sua carne em compridos, avaros e ondulantes movimentos.

—Não posso acreditar que ambos caibemos —disse Saxon afogado— Pela Princesa!, estou enterrado até as bolas.

—O se —resmungou Danger— Estão cravadas contra as minhas.

—Pensei que suas aberturas estavam... separadas —ofegou Saxon— Não imaginei que nós estaríamos juntos dentro — Saxon fechou seus olhos e logo os abriu de novo para olhar a Danger sobre o ombro da Pink. Seu olhar cintilava com um fogo verde de prazer— Vamos foder —disse Danger e ambos flexionaram os joelhos e sujeitaram a cintura da Pink enquanto lançavam seus quadris

para cima dentro de seu ardente vagina. Grunhindo e estirando-se, eles bombeavam seus quadris para cima enquanto forçavam seus pênis dentro de Pink e empurravam seu flexível corpo para que encontrasse o brutal impulso de seus quadris.

Os olhos do Danjer estavam fixos na base de seu pênis e o olhar do Saxon se dirigiu ao lugar onde ele estendia as nádegas dela, onde a brilhante largura de seu grosso membro empurram entre suas pernas. Com uma perna por dentro da de seu amigo e outra por fora, os homens flexionaram seus joelhos de uma só vez enquanto empurravam nela, chegando quase simultaneamente enquanto suas bolas se apertavam juntas como duros frutos. As bolas de um se moviam contra as do outro, deslizando-se e roçando em um explícito beijo masculino ao mesmo tempo que a vagina da Pink se apertou de repente, abraçando seus pênis com uma pressão insuportável e unindo fortemente suas carnes enquanto eles se esvaziaram dentro dela.

—caralho —sussurrou Saxon com sobressalto enquanto os três se mantinham fortemente abraçados, entrelaçados como árvores e videiras. Ele olhou sobre o ombro da Pink — Isto Danjer foi incrível. Nunca gozei com tanta força. A vagina quente e apertado de Pink quase me mata. A força da cabeça de seu pênis montando meu sexo, palpitando contra mim... —lançou um gemido rouco—Caralho —disse, sacudindo sua cabeça, incapaz de falar palavras coerentes.

Danjer só poderia assentir, seu coração acelerado em seu peito, um nó de emoção em sua garganta. Pink ainda fazia pequenos ruídos parecidos com um gatinho. Os sons femininos de pura satisfação o fizeram rir.

—Parece que conseguimos manter sua luz acesa —sussurrou ele contra sua bochecha.

—Mmm-hum! —ronronou ela.

Enquanto Saxon fugava sua cara contra a têmpora da Pink e depositou um beijo sobre sua bochecha, Danjer reclamou seus lábios e bebeu em um profundo beijo de conclusão. Seus dedos sobre a cintura da Pink ainda estavam presos sob a dura armadilha dos fortes dedos do Saxon e, apesar do absoluto prazer que ainda palpitava por suas veias, se resintiu da presença das mãos do Saxon.

Ao mesmo tempo, deu-se conta de que dos dois, Saxon era o mais forte.

O homem mais forte com diferença.

CAPITULO 9

Sentindo-se deliciosamente usada e desfrutando-se em um brilho de aturdido êxtase, Pink se desabou entre os corpos úmidos pelo sexo de seus dois guerreiros. Nunca tinha imaginado que o sexo pudesse parecer-se com isto . Suas experiências passadas não tinham feito nada para prepará-la para este tipo de consumação. Ela nunca tinha compartilhado um orgasmo com um homem antes. Não sabia que isso seria tão... intenso. Tão satisfatório. Falando de fechamento! Sua vagina fechada sobre essas dois magnifico pênis foi certamente o ponto mas alto de sua vida.

Podia dizê-lo agora mesmo, ia necessitar pontos mais altos.

Montões de pontos mais altos, pensou, quando um brilho quente de satisfação queimou por seu sangue.

Estava contemplando a possibilidade de seduzir de novo aos dois homens, quando Saxon se moveu detrás dela, seu enorme corpo ficou rígido quando girou sua cabeça.

—Danjer —adverteu silenciosamente.

Danjer levantou seus lábios da esquina da boca da Pink enquanto girava para procurar o olhar do Saxon. Através da areia. Liberando do enredo suarento de corpos, Danjer guardou seu sexo dentro de seu suspensor e grampeou as calças enquanto ficava em pé entre seus amigos e as magnabikes que se aproximavam silenciosamente, uma vez que esteve em pé, recolheu sua espada do chão e a embainhou rapidamente na capa que estava sobre seu quadril.

Ao mesmo tempo, Saxon recolheu as calças de Pink do chão arenoso e ajudou fantasia enquanto ela subia suas calças por suas pernas, ele recolhia suas próprias calças quando uma dúzia de magnabikes chegaram até eles.

Apreensivamente, Pink olhou para a cara do Saxon e se relaxou quando viu que sua boca se curvava em um sorriso zombador.

Danjer caminhou para os condutores enquanto Saxon se apertava o cinturão e se apressava a unir-se a seu amigo.

—Cheirem, Junkie, meninos! Quando vocês retornaram? Como nos encontraram aqui? —com essa exclamação, Saxon atirou a um homem alto de seu magnabike e o atraiu a um abraço de urso— Junkie!

Junkie riu, apartando sua larga e escura trança sobre seu ombro enquanto Danjer agarrava sua mão. Deixando-os juntos, Saxon se aproximou dos outros homens em seus magnabikes.

—Chegamos A Judipeao faz umas horas —explicou Junkie—. Evidentemente já tinham partido. Au/Banner nos assinalou nesta direção.

—Levou-nos um tempo encontrá-los —disse Cheirem, enquanto acariciava quão prismáticos rodeavam seu pescoço.

—E uma vez que os encontramos, tivemos que olhar um pouquinho para nos assegurar que tínhamos dado com os tipos corretos —lhe cortou Junkie—. Mas reconheceria sua técnica em qualquer parte, Saxon —disse com um malvado sorriso— Por não mencionar seu extraordinário ânus. Não o tinha visto desde a Gevena, mas o reconheci.

—Não é meu ânus o que é extraordinário —disse Saxon com um sorriso zombador.

Cheirem tirou seu relógio do bolso, sacudindo sua cabeça tristemente enquanto olhava para o pequeno quadrado no final da cadeia. O sol dançava sobre seu cabelo encaracolado e cintilava sobre uma espiral de alumínio que decorava uma de suas orelhas. Cheirem sacudiu sua cabeça.

—Já o vêem —disse— Não levamos aqui nem dois minutos e ele já se está gabando de sua equipe.

—Eu? —riu Saxon enquanto agitava sua mão para o Junkie— Não sou o que leva três pedras que anunciam o fato de que tem pênis!

Junkie se encolheu de ombros.

—Não é minha culpa de que só tenha espaço para um cockstone.

—Mas olhe —assinalou Cheirem— É um enorme.

—Não lhe dê mais asas a este bastardo presunçoso —reprovou Junkie— Em realidade pelo pouco que pude ver, quando consegui lhe tirar os prismáticos A Cheirem, é que era a garota a que tinha um ânus extraordinário —se inclinou para um lado para poder olhar a Pink— E acredito que estava na posição mais agradável possível —anunciou solenemente, continuando essas palavras com uma áspera risada.

Pink observou a escura expressão de Danger quando estive olhando para a cara do Saxon. Então Saxon atirou dela para pô-la a seu lado, rodeando-a com um braço de forma protetora enquanto a apresentava aos homens que tinham pertencido à cavalaria do Danger.

Assim que as apresentações foram completadas, Junkie assinalou com seu queixo para os restos do carrapato gigante que se encontravam a uns trinta metros de distância.

—Meninos, vocês acabaram com esse carrapato?

Saxon assentiu.

—Tentava converter a nossa diabinha em seu jantar —explicou.

Os olhos do Junkie se posaram na Pink com um pensativo e muito masculino interesse.

—Ela é um diabinha?

—Isso não é o que ele disse —cortou Danger com um grunhido de desaprovação.

Junkie inclinou sua cabeça, interrogando a Danger com uma sobrancelha arqueada.

—Ele disse que ela é nossa diabinha.

Claramente intrigado com a resposta de Danger, Junkie assentiu ligeiramente sem apartar seu olhar fixo da cara de Danger.

—Como está sua ferida? —perguntou Saxon, enchendo o silêncio que se formou.

—Bem —respondeu Junkie—. Estou preparado para montar. Como está sua cabeça?

—Ainda aqui —respondeu Saxon com uma risada, enquanto passava a mão por sua espessa juba enredada.

—Isso é mais do que pode dizer do tipo que te golpeou, —riu Cheirem— Danger acabou com ele.

Junkie assentiu com vontades.

—desfez-se dele.

—Para que são os amigos? —disse Danger com um malévolo sorriso enquanto a maior parte dos homens lhe devolviam ferozes e burlonas sorrisos de aprovação. Só um homem pareceu empalidecer um pouco enquanto olhava para o chão. Ligeiramente mais pequeno que o resto dos soldados, o homem magro também parecia ser mais jovem que outros.

—Cheirem, Junkie e Scratch tocavam conosco antes de que a guerra começasse —explicou Saxon a Pink— A todos outros os encontramos no caminho. Camp e Blair estavam com o Pumping Iron. Jake —disse assinalando ao jovem pálido—, tocava com os Onze Burned. Perdemos A muitos meninos em D' Almiers —terminou.

Seu tom de voz tinha baixado de repente e seu olhar se tornou sombria enquanto ele parecia procurar no círculo de homens aos companheiros cansados.

—Onze Burned? —interrompeu Pink para trocar de tema—. Te refere ao grupo Onze Burned?

—Sim! —Saxon assentiu—. O grupo. Nós fomos músicos antes de que a guerra começasse.

Pink sacudiu sua cabeça com incredulidade enquanto olhava fixamente para os homens, nenhum dos quais ia sem uma espada longa ou sem uma tocha curta.

—Todos precisamos uma profissão em tempos de paz —disse ele enquanto se afastava para a moto— me Dê um minuto e lhe ensinarei isso.

Saxon chegou até sua moto, abriu uma das alforjas e tirou três partes de hardware que encaixou juntos.

—Tem seu keytar? —disse Cheirem boquiaberto— Cortou seu keytar e o leva contigo?

Saxon se encolheu de ombros.

—Foi idéia de Danjer.

—Mas e o som?

Sujeitando o instrumento em seu cinturão, Saxon ajustou o microfone no pescoço do keytar e jogou um sorridente olhar para sua moto.

—Isso está coberto.

—Não —declarou Cheirem— Não, você não tem um sistema de som incorporado a sua moto.

—Só um pequeno —sorriu Saxon abertamente, logo tocou uma série de chaves enquanto a música explorava em um alto-falante sobre o flanco de seus alforjas.

—Só um pequeno? —gritou Junkie.

—Bom, o sistema de som é pequeno. Danjer resgatou o cartão de um comunicador de mão — Saxon sorriu abertamente— Mas não disse nada sobre os alto-falantes —com essa explicação, Saxon assinalou com seu queixo a seu amigo— Vê por seu tambor, Danjer — sugeriu.

Momentos mais tarde, Danjer esteve junto a ele, com seu instrumento terraqueo contra sua musculosa coxa, aproximando sua cara A Saxon, eles compartilharam o microfone colocado sobre o pescoço do keytar. A dura e torcida boca do Danjer estava a centímetros da do Saxon quando sua voz iniciou a melodia principal enquanto a do Saxon harmonizava.

Mais que um pouco atemorizada, Pink olhou as mãos do Saxon mover-se rapidamente com o passar do instrumento ajustando chaves, empurrando escorregadores, introduzindo violinos sobre um fundo de alaúdes e continuando com apressados tambores grandes e suaves pires. Franzindo o cenho com concentração, conseguiu que os violões entrassem e os dois amigos compartilharam um sorriso zombador quando Saxon e Danjer se uniram outra vez em um coro.

—Não posso acreditar que recorde como tocar —agulhoou Junkie a Saxon quando terminaram a canção.

—Não lhe acontece nada a minha memória —se burlou Saxon enquanto se desenganchava o instrumento do cinturão— Te recordo tentando ligar com um droida na Geveena.

Junkie agachou sua cabeça e a levantou de novo com um brilho de risada em seus olhos.



—Né, era bonital —protestou Junkie—. Como ia Ou seja que era um droide?

—Danjer soube.

—Sim, pois Danjer e podia haver isso dito antes de que eu...

—antes de que fizesse parvo? —sugeriu Danjer— Tenho fé em ti, Junkie. Teria-o sabido quando conseguisse baixar suas calças.

Cheirem se afogou com a risada.

—Sim, teria-o sabido quando conseguisse baixar suas calças e descobrisse que ela não tinha partes em que trabalhar.

Um estrondo de dura risada masculina varreu o círculo de homens e todos sorriram abertamente para o Junkie.

—Não sei como lhe as acertas para distingui-los-se queixou Junkie sorridente— Como faz para sabê-lo sempre?

—Seu tom de pele é muito cinza —explicou Danjer escuetamente.

—Tons de pele? —Junkie se encolheu de ombros enquanto ria e sacudia sua cabeça para seus amigos—Eu Posso? —perguntou a Saxon indicando o keytar.

Passando o keytar de Saxon com cuidadosa reverência, os homens fizeram turnos dirigindo o instrumento como se de uma formosa mulher se tratasse, arrastando os dedos com adoração sobre a larga longitude polida.

Quando se fez claro que a sessão de música improvisada ia durar um momento, moveram-se uns sessenta metros dentro da arvoredo. Três deles se dirigiram rapidamente até a cidade e voltaram com comida shofu e cerveja de limão enquanto os outros desenterravam alguma raiz e faziam um fogo dentro do círculo formado por seus magnabikes. Os homens se tombaram sobre suas pernas estendidas, e seus cockstone brilhando com a luz do fogo e a luz do entardecer. Junkie sorriu abertamente a Pink quando a pegou olhando fixamente as três partes planas de ágata que faziam um triangulo sobre a base de sua braguilha.

Danjer tomou seu turno com o keytar quando chegou a suas mãos. O escuro terraqueo tinha tanto talento como Saxon. Selvagem e potente, a música que ele criou era tão exótica como o planeta de que provinha. Mas com muito, o músico mais dotado era Jake, o homem magro que tinha empalidecido antes quando os homens tinham estado falando da ferida do Saxon, e da vingança do Danjer. Ele podia controlar uma dúzia de instrumentos de uma vez, com inesperados sons de vivazes flautas e quando menos o esperava os violoncelos formavam a melodia principal. O que podia fazer com os instrumentos de percussão era uma verdadeira genialidade.

Tocaram algumas de suas velhas canções e logo algumas das mais novas, até que o sol se ocultou depois das montanhas e a noite degenerou em canções sobre sexo. Uma tormenta seca passou sobre eles sem que caísse uma gota de umidade. Olharam como os raios brilhavam A seu redor sobre o bosque enquanto esvaziavam três caixas de cerveja de limão.

Com seu instrumento de novo em suas mãos, Saxon tocou umas notas e sorriu.

—Uma mais —disse ao grupo, começando uma lenta melodia.

Os homens gemeram.

—Não, uma fodida canção de amor —se queixaram.

—Uma das damas da audiência a solicitou —disse Saxon tranqüilamente, seu olhar fixo na cara da Pink— Danjer? —incitou, mas o escuro homem sacudiu sua cabeça com uma risada superficial. O olhar que Saxon dedicou a seu amigo era de recriminação.

—Bom, esta canção é do Danjer —disse—, mas verei se eu posso tocá-la.

Ao final da canção, o círculo ficou em silêncio enquanto Pink olhava do Saxon ao Danjer.

—Você escreveu esta canção? —perguntou incrédula— Escreveu “Um amor pelo que morrer”?

—Já o escutaste —disse Saxon.

—Todo mundo o escutou. Hard and Fast a cantava.

—Assim é, somos nós. Danjer e eu, Cheirem, Junkie e Scratch. Junkie e Danjer escrevem quase todas as canções, mas a música desta é minha —lhe disse Saxon enquanto ficava em pé— O resto da canção é do Danjer.

Apartando seu keytar abriu a alforja a um flanco de seu magnabike. Pink se uniu a ele passando junto ao Danjer que levava seus sacos de dormir a um lado afastado do fogo.

—Danjer escreveu a letra dessa canção? —perguntou- Pink a Saxon enquanto o olhava guardar seu keytar. Ela não pôde evitar a seguinte pergunta—Para quem a escreveu?

—Para quem a escreveu? —Saxon levantou uma sobrancelha e sorriu para ela—. Não estará... Qual é a palavra?

—Ciumenta?

—Não estará ciumenta, Verdade?

—Deveria está-lo? —gritou ruborizando-se ao mesmo tempo.

Guardando as três partes de seu instrumento em suas capas protetoras, deixou-as em seu lugar.

—Talvez —brincou— A escreveu para uma grande senhora.

O coração da Pink deu um doloroso salto, seus pensamentos voaram rapidamente para a esposa do duque.

—Uma grande senhora? Como de grande? Eu teria ouvido falar dela?

—OH, seguro que ouviste falar dela —riu Saxon.

Fechou a alforja e lhe pôs um braço ao redor dos ombros enquanto a dirigia para o fogo.

—Danjer —chamou enquanto Pink franzia o cenho para ele. Quis pisar fortemente seu pé e calá-lo antes de que a envergonhasse diante de Danjer— A diabinha quer saber para quem escreveu a canção.

Danjer grunhiu na escuridão mais à frente do fogo.

—E por que não o disse?

—Fiz-o! Disse-lhe que a tinha escrito para uma grande senhora.

—Isso é verdade —respondeu— A escrevi para a senhora do ouro. Escrevi-a para o dinheiro,

Pink.

—Dinheiro?

—Todos os grupos de música necessitam uma canção de amor se esperam triunfar—disse claramente— “Um amor pelo que morrer” era nossa grande canção de amor. Infelizmente, converteu-se em um êxito justo antes de que a guerra começasse e a gente estivesse muito distraída para escutar música —se encolheu de ombros— Saxon a canta. Eu não posso pôr... a emoção que necessita.

—O que não pode é fazê-lo com a expressão da cara correta —lhe corrigiu Saxon com brutalidade, a abertamente para a Pink.

Danjer se encolheu de ombros, sacudiu a cabeça para si mesmo enquanto se afastava do fogo. Os homens escreviam canções de amor para as mulheres, para que elas as comprassem. Se as mulheres pensavam que representavam algo verdadeiro, enganavam-se. Era uma sorte para os músicos que fossem umas românticas. Eram as responsáveis do menos a metade das vendas.

Girando sua cabeça, o olhar do Danjer retornou para a zona da fogueira onde Saxon rodeava com um braço os ombros da Pink. Franziu o cenho para o espaço que o separava de fantasia, uma pontada incômoda o possuiu. Era uma mescla de desejo e de ressentimento e de... algo mais.

Algo no que não acreditava.

Apartando essa inoportuna emoção, Danjer escolheu uma posição privada junto a um grupo de jovens árvores. Quando se inclinou para estirar seu saco, uma sombra se moveu perto dele na escuridão. Ele levantou a vista com sua mão no punho de sua espada.

—Scratch? —perguntou com um curioso sorriso.

—me avisem quando tiverem terminado —disse Scratch, suas pupilas enormes e negras e seu olhar fixo no fogo onde Pink se apoiava na curva do braço do Saxon.

—Quero ser o terceiro homem. Nunca hei possuído com uma diabinha antes.

Devagar, rigidamente, Danjer se levantou para ficar em pé junto a ele, seu corpo tenso, preparado para a batalha.

—O que acontece? —riu Scratch—Hei dito algo mau? Você e Saxon a possuíram, Verdade?

—Não funciona assim —disse Danjer com um tom de voz afiado como um escarpelo.

—Não? E então como? —continuou com um sorriso arrogante, sem fazer caso do perigo que brilhava nos olhos do Danjer.

Devagar, Danjer estirou um braço e o passou através das costas do homem atraindo-o rigidamente até seu lado.

—Funciona assim —disse com uma tranqüila voz ameaçadora— Você toca a garota e eu te corto tanto as bolas como o pênis. Logo as dou a Saxon para que ele as empurre por sua garganta.

—Ah —Scratch tragou com força— Assim assim funciona verdade?

Danjer lhe dirigiu um escuro olhar.

—Sim, isso.

—O s-sinto, Danjer —gaguejou—. Não sabia. Eu somente pensava... quando estávamos na Geveena... bom nós... não queria te ofender.

—Sei —respondeu Danjer— E é a única razão pela que não o mate agora mesmo. me faça um favor —acrescentou com sua voz tranqüila como o aço— te Assegure que outros o entendem. Não quero ter que explicá-lo outras doze vezes.

Scratch lhe dirigiu um cauteloso sorriso.

—Sinto-o —repetiu arrependido— O direi a todos —sua expressão se aliviou.

— O direi a Junkie duas vezes.

—Boa idéia —murmurou Danjer sombriamente.

O cruel impulso de arrancar a cabeça do Scratch desapareceu, deu-lhe ao homem um empurrão para dirigi-lo para o fogo.

Não era culpa de Scratch. Era um engano bastante normal. Nos anos que tinham viajando juntos, Danjer nunca tinha dado a Scratch nenhuma razão para esperar algo diferente. Scratch o tinha visto com muitas mulheres, nenhuma das quais tinha valorizado mais que a sua moto ou sua espada ... e inclusive de seu tambor. Mas isso não fazia a proposta de Scratch menos desrepeitosa.

Tragando um grunhido, Danjer tirou seu pulôver sobre sua cabeça e o lançou para o leito.

—Saxon —gritou com irritação, logo olhou satisfeito como Saxon afastava a Pink do fogo.

Baixou as calças por suas pernas e saiu deles, logo separou a Pink do Saxon e a despiu rapidamente enquanto Saxon se desfazia de sua roupa.

—Junkie toma... drogas?(11) —perguntou Pink um pouco mais tarde quando os três estiveram nus, roçando-se agitadamente contra eles. Pink estava sobre suas costas e ambos os homens tinham suas mãos sobre ela, acariciando sua suave pele nua.

11 Junkie significa drogado

—Junkie? —a pergunta da Pink pareceu demorar muito em chegar ao cérebro do Saxon.

—Não —respondeu Saxon—. Junkie toma mulheres.

—O que quer dizer?

—Junkie toma mulheres. É viciado nas mulheres.

—É viciado no sexo —corrigiu Danjer a Saxon com um fôlego áspero.

Convexo sobre seu flanco, Danjer tinha seus dedos ao redor de um de seus peitos, embalado em sua mão o delicioso peso, esfregando com seu polegar o mamilo e apreciando a resposta quando este ficou duro sob seu toque. Moveu seus lábios para a linha do cabelo e formou redemoinhos a ponta de sua úmida e áspera língua sobre a antena mais próxima. A reação de sua antena foi notavelmente parecida com a de seu mamilo. Como um delicado pequeno pistão envolto em suave náilon, a pequena protuberância cresceu em sua boca.

Pink tomou um rápido fôlego.

—Não, não, não, não, não —cantou brandamente. Quando tentou afastar sua cabeça, Danjer a seguiu com sua boca— Ah, ah, com cuidado — implorou ela.

—Saxon —murmurou ele.

A boca do Saxon se moveu para a outra antena e juntos amamentaram as protuberâncias parecidas com diminutos mamilos. Quase imediatamente seus quadris começaram a mover-se para emparelhar-se Às sucções que eles aplicavam A suas antenas.

Danjer riu ofegante quando ele levantou seu olhar para ver os golpes de sua pélvis no ar. Saxon fez o mesmo.

—isto OH é muito doce —sussurrou Saxon contra sua antena— Alguma vez viu algo tão sexy?

Danjer sacudiu sua cabeça na escuridão.

—sente-se bem, Pink?

Ela gemeu.

—Não tem nem idéia —soluçou em quatro agonizantes fôlegos—, as antenas liberam endorfinas em meu cérebro como se não existisse o manhã.

—Sim? —falou Saxon arrastando as palavras com um tom de voz baixo, áspero pela luxúria— E o que está fazendo com seus quadris?

—Erogenomorphins imagino —gemeu Pink para ele.

—Erógeno...

Danjer deslizou sua mão para baixo sobre seu estômago, detendo-se para acariciar a jóia sobre seu ventre antes de deslizar a mão mas abaixo entre os cachos de seu montículo. Colocando um dedo só um pouco em sua fenda, olhou como ela tentava montá-lo durante tanto tempo como pôde suportá-lo. Seu pênis estava pronto para afundar-se nela, queria possuí-la rápido e duro. Seus nódulos roçaram contra Saxon quando a mão do loiro apareceu entre as coxas dela. Grunhindo uma obscenidade, ele lutou contra o impulso de advertir a Saxon.

Separando-a de seu amigo, Danjer levantou os quadris da Pink e a girou sobre seu flanco, encaixando seu curvado traseiro contra sua virilha. Com sua quente e grossa carne contra as bochechas de seu traseiro esfregou sua suave pele contra sua dobra. Em resposta, ela fez rodar seus quadris para esfregar seu ânus contra a pressão de seu pênis.

—Saxon —gemeu ele.

—Tenho-o —respondeu Saxon.

O som de um papel ao romper-se rangeu na escuridão quando Saxon desempacotou os preservativo.

—Abre-a para mim.

Danjer já atirava de seu joelho para pô-la sobre sua coxa. Sujeitando a sensível carne do interior de sua coxa, ele a abriu amplamente.

—Um preservativo será suficiente, Pink?

Ela sacudiu sua cabeça na escuridão.

—Dois seria mais seguro —disse timidamente— As fantasias do diabo têm meninos aos pares.

—Gêmeos?

—Não, pares. Dois meninos. Um para cada um de nossos amantes masculinos. Em matrizes separadas.

—Dois então —grunhiu Danjer, pensando em um menino moreno com um arbusto de cabelo negro jogando com um menino loiro de olhos verdes. Com um movimento impaciente de sua cabeça, apartou a idéia longe.

Estirada sobre o corpo do Danjer, Pink saltou quando os estreitos preservativos empurraram na entrada de sua vagina.

—te relaxe —sussurrou Danjer contra seu ouvido enquanto Saxon deslizava os preservativos em seu lugar. Danjer gemeu—. vamos necessitar muitos mais preservativos —disse a seu amigo dolorosamente, ofegando uma risada.

—me vais dizer —grunhiu isso Saxon com um ofego.

Com a força de uma estaca, Danjer entrou nela de um só empurre. Quando ela abriu a boca para gritar, ele apartou a mão de seus peitos e pôs a palma contra a abertura úmida de sua boca. Em um ataque de loucura sexual, ela se retorceu cravando-se contra seu pênis. Seus lábios estavam molhados e sua palma se deslizou sobre sua boca quando ele apertou seus dedos para amortecer os gritos que lutavam por emergir de seus lábios.

—me espere —se queixou Saxon asperamente.

—me alcance —o repreendeu Danjer, tomando um fôlego.

Quando Saxon empurrou nela, ela se acalmou um pouco, seus gemidos se voltaram mais suaves e pesados quando ambos os homens lutaram por ela, lutaram para apagar sua luxúria sobre ela, lutaram para encontrar o prazer e a liberação dentro do fogo de seu quente, suave e disposta vagina. As mãos do Saxon rodearam sua cintura enquanto os dedos do Danjer se cravaram em seus quadris quando ambos empurraram nela, seus pênis enchendo-a, seus pênis esfregando suas longitudes um contra o outro enquanto eles bombeavam, cada homem tentando levar o mando e reclamando o controle.

Em meio desta luta pelo predomínio, Pink gozou, sua vagina apertou os dois grossas pênis que enchiam sua vagina. Seus dentes se afundaram na palma de Danjer, mordendo fortemente enquanto sua cabeça se sacudia. Ele aumentou seu apertão para amortecer seus soluços necessários sob sua palma.

Quando a vagina dela se apertou em uma série de duros espasmos, a pênis de Danjer foi pressionada fortemente contra Saxon dentro do quente abraço do canal dela. Durante vários deliciosos segundos, o movimento foi quase impossível, quando o vagina da Pink os estrangulou sem piedade. A ponta do Danjer ficou apanhada contra a base do casulo do Saxon. Apertando seus dentes, ele empurrou seus quadris para cima e montou sobre a cabeça da pênis do Saxon que gemeu surpreso, Danjer sentiu os testículo do Saxon, quentes e úmidos que se endureciam de repente contra os seus próprios.

Assim que Pink afrouxou um pouco, o movimento de Saxon se reatou. O prazer era quase insuportável. O impulso dos quadris do Saxon e a resistência brutal da pênis do Saxon contra seu próprio membro, misteriosamente, despertaram um caminho no qual o Danjer não quis pensar. Ele já tinha bastante dificuldade para acostumar-se a idéia de compartilhar à fantasia com outro homem, não necessitava lidar com o pensamento de compartilhar um orgasmo.

Brutalmente, Danjer empurrou seus quadris contra o paraíso entre as pernas de Pink.

—Vou gozar —grunho Saxon duramente enquanto golpeava profundamente dentro dela— Está comigo?

—SIM —gemeu Danjer enquanto a cabeça de seu pênis se arrastava sobre o membro de Saxon uma vez mais e Saxon gritava de prazer, soltando além disso um sortido de obscenas e duras palavras que invocaram o nome de Pink assim como o do Danjer. Danjer sentiu como o quente sêmen de Saxon saía para cobrir sua carne como larva ardente e se introduziu fortemente na Pink para ejacular justo depois de seu amigo.

O pescoço do Danjer se inclinou e ele enterrou seus lábios no pescoço da Pink para silenciar suas próximas palavras, para deter-se de gemer o nome dela.

—Jesus —murmurou enquanto apartava sua mão molhada da boca dela e rodeava com seus dedos seu peito. Seu pênis estava ainda dentro dela, frouxa mas pulsando contra a grossa, usada carne do Saxon.

—Saxon —gemeu protestando— Fez bastante ruído para despertar aos mortos.

Ouviram a risada do Junkie ao longe.

—Não estamos mortos, Danjer. Tampouco estamos dormidos — somou uma risada a sua queixa. Houve silêncio uns instantes então se escutou Danjer.

—te cale, Junkie.

—Está um pouco muito duro para dormir —respondeu Junkie —, o estou acostumado a — acrescentou no último momento—. Por não acrescentar outras coisas.

—Não me conte seus problemas —grunhiu Danjer em resposta— lhe arrumasse isso e pronto, Junkie.

Na escuridão, Danjer se levantou sobre um cotovelo e olhou para o fogo onde os outros homens estavam acampados.

Houve um som quando Junkie ficou em pé e ficou contra sua moto magnabike.

—Acredito que o farei, Danjer —anunciou.

Danjer sorriu quando Junkie estendeu suas pernas e tirou seu comprido pênis, a carne do Junkie brilhava sob a luz do fogo quando ele utilizou seu punho para bombear várias vezes e esvaziar-se na terra em vários jorros. Mais gemidos o seguiram com o som de mais homens abandonando suas motos e suas camas. Com um sorriso satisfeito esquentando-o, recostou-se de novo acomodando-se contra Pink.

—Farei a primeiro guarda —se ofereceu Saxon jogando uma olhada ao fogo e Aos homens que acampavam junto a ele— Guardas curtos esta noite? Há muitos para as compartilhar.

Danjer sacudiu a cabeça.

—Ainda estamos em guerra. E a baronesa ainda busca à fantasia . A única pessoa em que confio além de ti, é em mim.

—Não confia nos meninos? —perguntou Saxon com um bocejo e Danjer sentiu a grossa carne do Saxon ao longo de seu membro quando ele se retirou da vagina úmida de Pink.

—Nem sequer nos meninos —disse Danjer enquanto Saxon colocava as calças e se dirigia para o fogo.

Com seus braços rodeando a Pink, Danjer pressionou um beijo privado contra seu pescoço antes de deslizar-se no sono por umas horas.

CAPITULO 10

Danjer estava acordado e preparado quando o resto do acampamento se levantou finalmente com o sol. depois de um café da manhã rápido com palitos energéticos secos e restos do Tofu, o grupo saiu do palácio do duque no Judipeao. Os homens do Danjer o seguiram para voltar a reunir suas filas de cavalaria no Palácio de Ferro.

Os dois dias que seguiram estiveram excepcionalmente ocupados para Danjer, assim como terrivelmente frustrantes. Passou cada noite e boa parte de cada manhã no pequeno dormitório com a Pink e Saxon. Inclusive em que pese a que Saxon se ocupava das necessidades de Danjer de dominar no que se refere a assuntos sexuais concernia, de algum modo ainda não era suficiente.

Danjer desejava mais.

À terceira manhã de volta no palácio, Danjer despertou no pequeno e fechado quarto que o Duque tinha convertido no dormitório da Pink. a julgar pela quantidade de luz que se filtrava sob a porta de dormitório, era o alvorecer bem passada. Estirando-se enquanto se avivava, surpreendeu-se de encontrar a cabeça da Pink sobre seu peito, seu braço posto ao redor de sua cintura enquanto ela dormia. Em geral, Saxon a reclamava de noite, enredando-se ao redor dela para que fora a primeira e a última coisa em que pensava. Perguntando-se a respeito a este pedaço de fortuna, Danjer se moveu enquanto olhava através da grande cama para o enorme loiro. Mas Saxon não estava.

Seu estiramento tinha despertado a Pink e ela se moveu contra ele em uma larga e lânguida onda de seus membros suaves e magros.

Imediatamente, sua ereção matutina palpitou com apaixonado interesse e rodou seu corpo a metade de caminho sobre o dela, enquanto esfregava um beijo em sua boca quente e sonolenta. Sem abrir seus olhos, ela rodeou com seus braços seu pescoço, respondendo a seu beijo com um doce e convidador que apertou seus pulmões e arrepiou as bordas de seu coração. Durante vários segundos, esqueceu-se de respirar enquanto seu sangue se espessava em seu membro. Seu coração se expandiu com uma pontada quando se perguntou se Pink sequer sabia quem a beijava, se Saxon ou ele.

perguntou-se se acaso lhe importava.

—Danjer —murmurou contra seus lábios, respondendo a sua pergunta como se tivesse lido sua mente. Nesse instante, quase se sentiu afligido com a ternura da mulher baixo ele. Inexplicavelmente orgulhoso e contente além da razão, sentiu seu membro apertar-se e estender-se contra sua suave coxa.

Ele continuou beijando-a, pressionando sua boca úmida e aberta, o que parecia de certa forma algo ilícito em ausência do Saxon. Como se roubasse este momento preciosamente privado. Como se compartilhasse um pouco proibido ou ao menos negado. Enquanto seu fôlego se ia espessando e seu sangue começava a palpitar incomodamente em sua virilha, perguntou-se quantos minutos ou segundos mais poderia roubar com ela antes de que Saxon voltasse para quarto.

Desejava-a. Queria-a toda para ele. Teria que ser rápido.

Rodando longe dela, volteou a Pink sobre seu estômago e elevou seus quadris até deixá-la sobre seus joelhos. Seu traseiro se movia provocativamente no ar enquanto ele se ajoelhava detrás dela, rapidamente movendo-se entre suas pernas, tomando um breve momento para apreciar a inclinação travessa de seu traseiro enquanto empurrava no ar.

Passou suas mãos sobre seu traseiro em forma de coração, enquanto seus olhos se fixavam na extensão de suas arredondadas nádegas. Suas pernas estavam bastante separadas para expor o apertado orifício na fenda de seu traseiro e o pesado caldeirão de sua vagina mais abaixo. Seus atrativos lábios eram grossos e profundamente rosados, incluindo o profundo coração vermelho de sua abertura. Sua vagina derramava um irresistível aroma. A tentação e lutou contra o impulso de baixar sua boca aos sensíveis lábios de seu sexo.

Tinha sido montada brutalmente a noite anterior, retiraram-se uma vez e então, em meio da noite, ambos os homens a tinham procurado agitadamente. Juntos tinham lutado corpo a corpo em uma mixórdia de membros enredados e talheres de suor, membros úmidos, bolas empapadas e lençóis perfumados a sexo enquanto Pink gritava e gozava, apanhada entre a dura pressão de seus corpos.

Mas as noites, as manhãs e o sexo sempre eram compartilhados com Saxon. Hoje se podia tomaria sozinho.

Estendendo a mão através dos lençóis enrugados, procurou entre um pequeno montão de papéis e pacotes vazios até que encontrou dois palitos de dessecção não usados. Rasgando o pacote com os dentes, esvaziou-o sacudindo seu conteúdo em sua mão e empurrou dois dos palitos transparentes na dobra da vagina de Pink. Ele passou sua palmas ao longo de sua abertura, recolhendo um pouco de sua umidade com sua mão antes de estender seus joelhos para empurrar suas pernas mais abertamente.

Com a cara enterrada nos travesseiros, murmurou seu nome outra vez. Ele quis responder. Quis responder com o nome dela e algo mais, mas em vez disso a abriu e se introduziu adiante.

Imediatamente ela reagiu como um cabo vivo, saltando insanamente enquanto ele se ajoelhava detrás dela. Com a ponta de seu membro se assentou firmemente detrás de sua vagina, sustentando-a firmemente pela virilha. Fechando os olhos, permitiu-se uns segundos de puro prazer enquanto ela dançava como um brinquedo louco ao final de seu pênis.

—D-D-Danjer —soltou ela em um gagueira—D-D-Danjer. A-ajuda.

—Tenho-te —murmurou ele— Te tenho, Pink —ele abriu seus olhos para olhar sua parte posterior lhe sacudindo-se possuía-me, amor. Simplesmente sujeita lhe.

Durante uns largos momentos ele se conteve, apanhado no prazer carnal das paredes de sua vagina apertando seu sexo. Olhou seu pequeno casulo rosado apertado enquanto sua vagina engolia seu membro e se deleitou no apertão que esmagavam e espasmos de sua vagina. Então, lançando uma olhada detrás dele, para a porta do dormitório, Danjer atuou. Com seu membro enterrado no topo de sua abertura de relógio de areia, estendeu sua mão entre sua virilha e seu traseiro. Rapidamente, inundou dois dedos na seção inferior de sua vagina, embalando suas bolas em sua mão molhada enquanto esfregava seus dedos ao longo de seu sexo dentro dela.

—Aqui vai, amor.

Ela soltou vários soluços, ruídos de afogamento e ele sentiu sua vagina abraçar brutalmente a longitude de seu membro, ao mesmo tempo que ondulava ao redor de seus longos dedos. Ela gozou e ele se precipitou para unir-se a ela, dando-a uns empurrões curtos, agudos e selvagens enquanto fazia rodar suas bolas em sua palma molhada. Apertando os dentes, experimentou uns instantes em branco, silencioso e esmagado êxtase, vazio de toda sensação e som além do prazer enraizado na base de seu membro. Então disparou dentro dela, enchendo-a com sua semente quente em uma larga quebra de onda que esvaziou sua alma e o esgotou até o centro de seu coração.

Intimidado, observou fixamente suas costas. Ele piscou olhando seu suave e firme traseiro acomodando-se contra sua virilha em um beijo quente de carne sobre carne. Retirando-se, deixou seu membro livre de sua vagina enquanto se inclinava para beijá-la no traseiro e acariciar a pele sob sua mão. Sentindo-se tanto animado como satisfeito, ofegou, vermelho de prazer e satisfação, extremamente satisfeito de saber que não necessitava do Saxon para levar a diabinha ao clímax.

E ela não necessitou a Saxon.

As seguintes palavras o assustaram porque foram do Saxon.

—Podem deter-se durante um minuto?

Ficando de joelhos, Danger entortou os olhos Através do quarto para onde Saxon estava parado na soleira da porta. Sua euforia escapou gradualmente enquanto Saxon fechava a porta detrás dele. Olhando fixamente a Saxon, Danger gastou aproximadamente dois segundos perguntando-se quanto tempo tinha estado em pé ali, antes de que ele se desse conta de que Saxon deveu ter aberto a porta enquanto ele culminava. Essa era a única maneira em que Danger poderia ter passado por cima o som da porta abrindo-se assim como o feixe de luz no quarto.

O que significava que Saxon sabia o que ele sabia agora.

Pink não requeria no absoluto de dois amantes.

Saxon tocou um pequeno painel redondo sobre a parede para ativar a luz de néon do quarto antes de que avançar para eles. Deixando cair sobre a cama ao lado deles, o loiro sorriu abertamente enquanto mostrava uma pequena caixa quadrada em sua mão que estendeu A Pink.

—Abre-o —instruiu Saxon com uma risada satisfeita.

Enquanto Danger se moveu longe dela para estender-se sobre a suave, confortável e nível cama, Pink dobrou seus joelhos debaixo dela e rodou até ficar sentada. Com um olhar de interrogação por volta de dois homens

Saxon, estendeu a mão para a diminuta caixa recostada entre os travesseiros de encaixe. Quando deslizou a tampa da caixa, ofegou ao ver o anel em seu interior. Olhando a Saxon, logo lançou uma rápida olhada ao rosto do Danger.

Eclipsado por seu melhor amigo, Danger apartou seus olhos enquanto sentia sua boca achatarse em uma mediatubunda linha de desaprovção.

—É absolutamente formoso, mas não posso aceitá-lo disse Pink a Saxon em uma apressada cascata de palavras _é de longe muito caro.

Saxon riu.

—Foi comprado, pago e tem seu nome gravado no interior. Não acredito que o joalheiro no Judipeao o queira de volta. Certamente que pode aceitá-lo!

Pink olhou fixa e preocupadamente o jogo formoso e brilhante da pedra na platina e logo seu olhar fixo viajou outra vez ao Danjer.

—Toma o anel, Pink, —grunhiu em um tom plano sem olhar o fabuloso pedaço de joia—Saxon pode permitir-lhe estive trabalhando sobre algo para ti eu mesmo —mentiu rapidamente, logo fez uma pausa— Eu lhe teria dado isso antes mas não quis se sobressair sobre meu melhor amigo —com estas palavras, lançou um fulmegante olhar acusatório a Saxon enquanto o sorriso do homem se voltava um pouco pesaroso.

Com seus lábios voltando-se para baixo, o olhar fixo de Saxon mudou incertamente umas vezes para descansar finalmente sobre a mão esquerda de Danjer, ainda molhada com os sucos da Pink.

—Não esqueça lavar suas mãos —disse ao Danjer enquanto levantava seus olhos para encontrar o olhar do Danjer— Não quer te atar acidentalmente.

Houve uns instantes de animosidade compartilhada enquanto Danjer desafiava a seu amigo com um solene olhar.

Saxon lhe devolveu o olhar resolutamente. Saxon sabia.

Não foi a não ser até a manhã seguinte que Danjer chegou com o presente que tinha prometido a Pink. Ela suspeitou que ele não havia, de fato, pensando em nada antes dessa manhã quando a tinha tomado só sem o Saxon. De qualquer forma, ele tinha desaparecido o resto desse dia, deixando-a para que o passasse com o Saxon.

O bondoso guerreiro era uma boa companhia e ela desfrutava das horas largas e relaxadas que passava com ele. Ao mesmo tempo, sentia saudades da presença extremamente enérgica do Danjer. assim como não havia duvida em sua mente a respeito de que amava a Saxon sem reservas, também reconhecia que Danjer era o homem de que estava apaixonada.

Saxon a fazia derreter-se. Mas Danjer a fazia arder.

Quando Danjer não apareceu para o jantar, Saxon foi para buscá-lo e voltou com um zombador sorriso de segurança.

—Chegará logo —lhe disse. Mas quando se fez tarde, quase dormiram juntos, totalmente vestidos e enterrados no profundo e luxuoso leito do duque, esperando a Danjer no quarto do Saxon. Quando Saxon a beijou, acariciou com sua mão a longitude de sua grossa ereção de uma vez que esfregava sua palma em sua virilha. Mas lhe separou a mão— Esperaremos a Danjer —disse e a beijou de novo, quase castamente esta vez.

Ela marcava a diferença entre os dois homens. Danjer nunca teria perdido uma oportunidade como esta. Em ausência do Saxon, Danjer a teria tomado em um batimento do coração . Mas Saxon não aproveitaria a ausência de seu amigo.

A não ser que ela o fizesse.

Pink estava bastante segura de que havia alguns costumes que um homem não podia rechaçar.

Estava preocupada a respeito de que Saxon podia sentir que o tinham deixado à parte depois do que tinha visto essa manhã quando os tinha encontrado a ela e ao Danjer unindo-se sem ele. Queria que Saxon entendesse que ele era tão importante para ela como Danjer. Além disso, tinha um

profundo e privado interesse em provocar ao aprazível gigante. Como mulher, sentia-se intrigada por sua implacabilidade. Queria saber se podia liberar a paixão primitiva que estava segura que ele guardava em segredo em presença do Danjer. Só com ele, pensava que poderia ser capaz de soltar o lado agressivo de sua natureza.

Despindo-se rapidamente, estirou-se ao lado dele e se roçou contra ele, pressionando seus peitos contra seu peito e friccionando contra seu membro.

Ele grunhiu.

Colocando a mão entre seus corpos, ela o acariciou umas vezes.

—Pink —lhe advertiu.

—Não vou a... não vou a...

—Não —afirmou ele— Não o fará —ele soltou um suspiro enquanto se afastava dela alguns centímetros— Mas suponho que não faria mal se brincasse um pouquinho... com meu membro.

Imediatamente, ela se moveu para baixo sobre seu corpo enquanto ele rodava para ficar de costas. Não tomou muito tempo conseguir desatar e tirar seu enorme e pesado sexo fora de suas calças. Sulcado e abraçado por escuras veias, sua impressionante ereção parecia bastante boa para comê-la. Esfregou seus lábios sobre a ampla coroa. A magra pele que cobria seu pênis duro como o ferro parecia o mais fino dos bocados contra seus lábios. Ela observou seu rosto. Suas pálpebras estavam metade fechadas e as comissuras de seus lábios rugosos se curvavam perezosamente para cima enquanto ele via seus lábios sobre sua verga.

Enquanto ela brincava com seu pênis, suas pernas se separaram e seu peito se elevava em breves e baixas ondas. Deslizando sua mão mais abaixo, entrou no meio de suas roupas, tocou seu testículo, recolhendo e recordando o peso de seu escroto em sua mão. Seus quadris começaram a mover-se levemente, respondendo ao ritmo com o que ela o acariciava. Com sua bochecha contra sua longitude que se estirava, roçou seu rosto contra seu membro e logo girou seus lábios e beijou lentamente toda a longitude de seu sexo. Quando chegou a ponta, tomou a cabeça do pênis dentro de sua boca. Ali foi onde Saxon cruzou a linha.

Normalmente, o paciente até o extremo Saxon, perdeu sua calma mais rápido do que ela teria acreditado possível. Ela se equivocava a respeito do que acreditava que um homem não podia rechaçar. Saxon podia rechaçar seus avanços. Embora não era fácil para ele. E tinha que atá-la para assegurar-se de que os rechaçava.

Rodando longe dela, ele colocou seu membro de novo entre suas roupas de couro antes de desaparecer na sala para urinar.

A com ar de culpabilidade, Pink colocou suas pernas baixo ela, sentando-se enquanto olhava a porta da sala para urinar. Houve um som áspero de pano rasgando-se e então apareceu Saxon com os restos de uma toalha escura em uma mão.

Ela só teve uma possibilidade de chiar antes de que ele a apanhasse pelo tornozelo. Ele a atirou sobre seu ventre e logo a arrastou para os pés da cama onde estendeu suas pernas enquanto ela se meneava e protestava e lhe chamava por distintos nomes, nenhum dos quais ajudava no mais mínimo. Quando terminou com ela, ambos riam, mas ela estava atada. Firmemente atada.

Rasgando mais tiras de suave tecido, Saxon atou os extremos curtos ao redor de seus tornozelos e fixo seus pés ao piso de madeira com dois nós cruzados. Logo empurrou o flanco de seu rosto contra os lençóis e pôs seus braços A um e outro lado do colchão. Suas mãos não alcançavam os borde da ampla cama, pelo que se viu obrigado a usar os pedaços mais compridos de toalha, a que enrolou ao redor de suas mãos e da mesma maneira ao piso.

Ela não apresentou uma luta verdadeira. Pensava que Saxon era o bastante forte para fazer o que quisesse com ela, Ao que parecia estar inclinado. Prazeramente para ela, ele parecia bastante inclinado.

—Isto não é muito cômodo —se queixou ela, rindo enquanto ele atava o nó final. Não era assim. Dado que suas pernas eram tão largas, havia quase um pé de largura entre seu estômago e a cama.

—Não estou preparado —argüiu bruscamente. Agarrando vários travesseiros suaves, pô-las sob seu ventre— Como está agora? — perguntou em um divertido rugido, parecendo contente consigo mesmo.

Ela soltou um suspiro contente.

—Assim está melhor.

—Bem —grunhiu Saxon. Logo arrastou uma cadeira Através do quarto e se lançou em cima. Um espelho na parede ao lado de lhe permitia ver a maior parte do Saxon enquanto se sentava detrás dela. Nos seguintes momentos sua expressão contente se evaporou lentamente, voltando-se faminta e intensa enquanto ele enfocava seu olhar entre suas pernas. Tirando seu membro de suas roupas, acariciou seu sexo enquanto olhava sua vagina.

Olhou seu próprio reflexo. Suas pupilas normalmente pálidas estavam quase completamente negras. Seus lábios estavam frouxos enquanto ofegava brandamente.

Neste silêncio carregado se introduziu o som discordante da porta abrindo-se. A vagina da Pink se apertou em avara antecipação. A primeira coisa que Danjer veria seria seu sexo, estendido e esperando-o. A porta se fechou rapidamente. Houve uns segundos de silêncio, logo a voz do Danjer.

—O que estão fazendo?

—te esperando —grunhiu Saxon da cadeira— E tampouco não foi fácil.

Pink ouviu os passos do Danjer enquanto cruzava o quarto. Viu-o no espelho antes de que ele entrasse em seu campo visual ao pés da cama. Devagar, ele se sentou ao lado de sua cabeça, inclinndo-se longe dela para deslizar algo sob um travesseiro no alto da cama. Embora ela supunha que isso era o presente no qual ele tinha estado trabalhando, não foi capaz de ver algo antes de que desaparecesse sob a capa branca.

—por que está atada? —perguntou Danjer, seu tom áspero e baixo.

—Para que não me deixasse sozinho —respondeu Saxon.

Danjer sorriu enquanto olhava seu rosto, voltando-se para a cama.

—foste uma moça travessa, Pink?

—um pouco —admitiu ela com uma risada tola e agitada.

—E olhe onde te levou isso.

—Sim — ofegou alegremente— Funciona, verdade?

—Apresentou verdadeira luta?

Saxon soltou uma estrondosa e dura risada.

—Só o suficiente para fazê-lo interessante.

—Interessante... ou excitante?

—OH merda —soprou ele—, estava excitado antes de que nós começássemos.

Danjer estendeu a mão e colocou uma pálida mecha de seu cabelo detrás de seu ouvido.

—Tentou foder com o Saxon sem mim? —perguntou com uma voz sedosa que se deslizou como uma faca.

Pink só vacilou um instante.

—Amo ao Saxon —disse ela corajosamente.

—Não me importa se amas ao Saxon sem mim —lhe disse com um sorriso severo— Só que não te quero possuindo sem mim. Obteve-o, Pink?

—Saxon não me deixou —argüiu ela—, por que cre que estou atada?

—Porque Saxon é um bom amigo. E você é uma moça travessa —lânguidamente, roçou seu dedo ao redor de sua mandíbula—Está cômoda, Pink?

Ela meneou seu traseiro no ar.

—OH deus sim, mas...

—Mas?

—Mas te desejo —gemeu— Os desejo a ambos. É que não sei como vocês dois vão entrar em mim.

—Não se preocupe —murmurou Danjer— Pensaremos em algo — olhou fixamente através do quarto a Saxon— Como quer fazê-lo?

—Com vocês dois —respondeu Pink.

Danjer riu tranqüila e profundamente.

—Não te perguntava ti —lhe disse.

Ela fez um som leve ao soprar, misturado com uma risada tola.

—Não tenho nada que dizer respeito ao assunto?

—Não —responderam ambos os homens ao unísono.

—Você é o que a deixou atada —indicou Danjer tranqüilamente enquanto se parava e ficava detrás dela— Então, como quer fazer isto? —perguntou ao Saxon outra vez.

Saxon trocou seu peso de um pé ao outro enquanto olhava seu polegar, embutido contra a fenda na cabeça de seu membro.

—Comigo em pé detrás dela.

Houve uma larga pausa silenciosa cheia com os ofegos da Pink.

—Você debaixo dela, —adicionou Saxon firmemente.

Houve mais silêncio. Ao este parecer arrumação em particular não agradava ao Danjer.

—Hey! —ofegou Pink enquanto se retorcia— Se vocês não se podem pôr de acordo sobre como fazer isto, irei ver os homens aos barracos. Estou segura de que eles terão algumas ideia.

—Você não irá a nenhuma parte —disse Danjer com voz de advertência— De fato, o único lugar ao que irá está na parte posterior.

Pink riu bobamente.

—É toda conversação, Danjer. Toda conversação e nada de pênis.

A mão do Danjer conectou com seu traseiro com um golpe de som agudo.

—Oh! Saxon! Não o deixe fazer isso!

—Sinto muito, Pink —falou Saxon arrastando as palavras— Mas esse último comentário foi um pouco... Qual é a palavra?

—Provocador? —sugeriu ela.

—Não.

—Insultante —declarou Danjer misteriosamente.

—Essa é a palavra —concordou Saxon alegremente.

—Insultante —repetiu Danjer—. Eu pensaria que alguém, com o traseiro ao ar seria um pouco mais... cuidadoso.

Pink soprou.

—Ela não parece tomar isto muito seriamente —adverteu Danjer ao Saxo.

—Pessoalmente, acredito que deveríamos pensar um pouco mais ao respeito.

Saxon se encolheu de ombros.

—Eu gosto desta maneira.

Pink sentiu o calor do Danjer deslocando-se por seu corpo enquanto ele se parava a uns centímetros de sua parte posterior.

—Eu gosto desta maneira também —disse em um sussurro, seus olhos fixando-se entre suas nádegas. Deslizou um dedo por sua ranhura.

—Ela está molhada. O que estiveste lhe fazendo?

Saxon sacudiu sua cabeça, seus olhos seguindo o dedo do Danjer passar por sua vagina.

—Só a olhava.

—Só a olhava? Ela está terrivelmente molhada para "só havê-la olhado". O que aconteceu, Pink?

—Hey! —respirou ela— sou fácil.

—Conseguiu os palitos? —perguntou Danjer depois.

—Estão preparados quando você o quizer —lhe disse Saxon.

A mão do Danjer roçou a pele acalorada onde ele a tinha açoitado. Seus dedos se apertaram sobre seu quente traseiro, logo se afrouxaram para acariciar sua carne outra vez.

—Eu tomarei por atrás —desafiou a Saxon.

Mais silêncio.

Saxon limpou sua garganta.

—Conto sendo o bastante forte para te atar a ti também, Danjer.

—Poderia ser capaz —admitiu Danjer com voz perigosa—, se não lhe mato antes.

—Se não me matas —concordou Saxon com calma.

—Bom inferno —disse Danjer finalmente—, suponho que se o põe assim... —Danjer voltou ao lado da Pink, tirando o casaco e desatando suas roupas. Empurrou suas calças e o objeto de roupa que sujeitava suas genitálias ao realizar exercícios para baixo por suas pernas escuras, fracas e musculosas, e deu um passo fora deles. Seu brutalmente comprido pênis se balançava em um arco enquanto ele se movia para ela. Inclinando-se, deixou cair um beijo sobre a boca suave e úmida de Pink. depois de tirar os travesseiros de debaixo dela, meteu-se baixo ela. Enquanto Danjer trabalhava seu caminho entre ela e os lençóis, Pink podia ver Saxon no espelho, lançando sua roupa sobre a cadeira.

—Olá, formosa —disse Danjer desde aproximadamente dois centímetros de distância. Pondo uma mão ao redor de seu pescoço, ele atraiu sua boca. Ela reagiu imediatamente deslizando-se sobre seus lábios quentes, gemendo descaradamente enquanto sua língua tomava sua boca. Suas pernas estavam entre as dela, seus joelhos dobrados e seus pés no chão. Seu corpo quente, úmido, tudo masculino estava sob ela e suspirou contra ele, absorvendo sua textura dura e rugosa ao longo da longitude inteira de seu torso. Seu membro era uma linha imponente de aço pressionando contra seu ventre e alcançando seu diafragma.

Ele se sentiu bem. Saboreava algo bom. E ela estava tão pronta para isto, faminta e impaciente e cheia de calor atormentado. balançou-se contra ele enquanto sua língua sondava entre seus lábios e empurrou profundamente dentro de sua boca.

Então sentiu o Saxon detrás dela, separando suas nádegas amplamente enquanto introduzia dois palitos protetores contra sua entrada, pressionando-os em toda sua largura. Agarrando seus quadris, ele atirou seu traseiro para sua virilha e esfregou seu membro entre suas nádegas. Suas coxas estavam contra as dela, seus pés acomodados justo na parte exterior de seus pés. Suas duras pernas de aço estavam úmidas com o suor. Sua virilha estava úmida, seu membro molhado e provavelmente gotejando na cabeça enquanto o arrastava por suas dobras. Sua voz foi profunda e tensa quando perguntou:

—Está preparada, Pink?

Sua resposta foi capturada pela boca de Danjer com sua mão sobre sua nuca a obrigava a aceitar a intrusão áspera de sua língua.

—Mmm, —gemeu ela, enredando sua língua com a do Danjer e empurrando seu traseiro para trás contra Saxon.

—Coloque seu membro, Danjer.

—Bem —ofegou Danjer, separando seus lábios do calor acetinado da boca da Pink— Mas me dê uns minutos dentro dela. Não acabo de passar duas horas a sós com ela. vai tomar me uns segundos antes de estar preparado para gozar.

Deslizando-se para baixo por seu corpo, Danjer colocou a cabeça de seu pênis contra sua entrada e empurrou dentro dela. Imediatamente, ela começou a ter um orgasmo, gritando e golpeando tanto como suas ataduras o permitiriam. Danjer aspirou um fôlego.

—Isto não deveria tomar muito tempo —disse ao Saxon.

—Não —disse Saxon— Não tomará muito tempo.

Danjer quase se afogou quando sentiu as mãos do Saxon sobre suas bolas.

—O que faz? —levantou sua cabeça para poder fulminar com o olhar por cima do ombro da Pink ao gigante loiro.

—Só me asseguro de que isto não tome muito tempo — respondeu Saxon com um sorriso malvado. Com uma mão enorme, tocou os testículos do Danjer enquanto tomava suas próprias bolas com sua outra mão.

Danjer apertou os dentes enquanto a vagina da Pink e o toque do Saxon o propulsava para o clímax a toda velocidade.

—Merda — cuspiu enquanto o canal quente da Pink estrangulava seu membro e o toque do Saxon o levava para a loucura.

—Está aí? — perguntou Saxon.

Os quadris do Danjer começaram a saltar espasmodicamente.

—Bastante perto — riu Saxon sem fôlego justo antes de que se introduzisse dentro de Pink com um enorme impulso.

Danjer gritou quando o membro de Saxon rodou ao longo da longitude de seu membro a ponto de explorar.

—Maldição, Saxon. Te vou matar maldito. Vou a...

A grossa barra do Saxon seguiu rodando sobre o pênis do Danjer. Quando Saxon se retirava e entrava de repente em casa, seu testículo se balançava pesadamente até se chocar contra as bolas de Danjer. Enquanto Danjer ejaculava em largas quebradas de onda sem parar, rugidos estrangulados de prazer exploravam a coluna de sua garganta. Então sentiu que tudo se espremia ainda mais ao redor de seu membro quando Saxon se dilatou ao lado dele. E todo se voltou quente e molhado e tranquilo, e incrivelmente cheio enquanto o pênis do Saxon pulsava contra o dele e o enorme homem abria caminho de afogadas obscenidades.

Maldito inferno.

—Saxon — resmungou Danjer — se alguma vez me tocar de novo, juro que será a última coisa que faça na vida.

—Eu só tentava ajudar — disse Saxon com um ofegante sorriso satisfeito.

—E uma merda! Só ajudava a ti mesmo, bastardo impaciente.

—Por que te queixa? — perguntou Saxon brandamente — Funcionou, verdade?

—Que por que eu... Quando necessitar ajuda para possuir a uma mulher, Saxon, vou pedir... por meus últimos ritos. Entende-o?

—Sim — grunhiu ele em resposta, como um tigre maravilhosamente satisfeito —, entendi, Danjer.

Pink dormiu ao lado do Saxon. Quando despertou, o enorme e arejado dormitório estava cheio com a gloriosa luz da manhã entrando pelas janelas. O corpo comprido e magro do Danjer se estendia ao lado do dela, tendo substituído o marco enorme que era Saxon. Descansando sobre o travesseiro entre eles, o presente do Danjer brilhava sob os raios oblíquos do sol matutino.

Levantando-se e colocando suas pernas baixo ela, Pink estendeu a mão para o estranho pedaço de joia a mão. Formado por uma cadeia grossa com terminações enroscadas e amplas, muitos fios de cabo de cobre tinham sido torcidos para lhe dar a forma de um círculo plano e aberto. ao longo da circunferência, pendurando em intervalos igualmente espaçados, brilhavam pequenos conectores quadrados e elétricos do mesmo material. Os conectores de diversas formas tinham sido cuidadosamente adornados com gemas que simulavam a forma do sol para que apanhassem e refletissem a luz matutina que se filtrava pelas janelas. Quando Danger se revolveu ao lado dela, rapidamente ficou o colar no pescoço. Embora grosso, o fino cabo se sentia leve sobre suas clavículas. Que Danger o tivesse feito para ela com suas próprias mãos fazia que o coração da Pink se sentisse apertado e pleno. Embargada pela emoção, olhou seu rosto adormecido, suas negras pestanas bordeando seus olhos fechados, seu cabelo negro esparramado sobre a travesseiro branco sob sua cabeça, sua mandíbula sombreada com pelos negro de sua barba depois da noite.

O escuro guerreiro parecia de algum modo desconjurado no elegante dormitório palaciano. Como se não pertencesse de maneira suficiente aos dormitórios cômodos com leitos suaves e brancos, e travesseiros de encaixe. Como uma pantera escura que se desliza pelas quadriculadas ruas de uma ordenada cidade, Danger parecia pertencer a outra parte. Danger pertencia a todas as coisas primárias e elementares. Pertencia aos bosques e os planos, e infinitas extensões de areia. Ele era muito selvagem para ser mantido entre paredes.

A porta do dormitório se abriu, passos arrastando-se trouxeram para Saxon. Pôs uma taça de chá de ervas em suas mãos enquanto sorria abertamente ao ver o colar.

—Ele realmente se esmerou com isto —brincou Saxon com voz tranqüila, apontando seu queixo para o homem dormindo ao lado dela.

Lhe sorriu de maneira insegura.

—Ele esvaziou seu jogo de ferramentas para ti.

Seu sorriso tentativa se afrouxou enquanto seu coração galopava só um pouco mais ligeiramente.

—Não pareça tão decepcionada —a tranqüilizou Saxon com risada nos olhos—. Ele não teria desfeito do conteúdo de seu jogo de ferramentas a não ser que planejasse te manter com ele. Pensa nisso. O que vai fazer para obter peças de recâmbio se ele alguma vez te perder? —Saxon bebeu a goles de sua própria taça, exalando, então tocou o colar de cobre ao redor de seu pescoço— Para um tipo como Danger, isto é como se tivesse dado a chave de sua casa.

Ela cabeceou ironicamente.

—É lamentável que não tenha uma casa —adicionou Saxon com ligeireza—. Só não te surpreenda se ele tiver que tomar emprestado um conector algum dia.

—Que lhe dêem —grunhiu Danger com voz sonolenta, esfregando uma grossa mão sobre seus olhos antes de abri-los— Se necessitar qualquer peça de recâmbio, roubarei-as de seu magnabike —rodando até sentar-se, Danger sorriu a Pink antes de estender a mão e girar o colar sobre seu pescoço, ordenando-o para que os finais abertos ficassem colocados sob seu queixo— Lhe Deve pôr isso assim —lhe disse gentilmente.



A porta se abriu de repente e Danjer empurrou a Pink detrás dele sobre a cama enquanto Saxon saltava sobre seus pés, espada em mão. Mas era o Duque o que estava em pé ofegando na entrada aberta, vestindo sua espada ao redor de sua cintura.

—Ela está se movendo —lhes lançou em duas palavras— A baronesa. Reunião em cinco minutos.

CAPITULO 11

Depois de uma viagem rápida ao banho com a Pink, Danjer se vestiu em um tempo recorde. Ele encabeçou o caminho enquanto o trio baixava ruidosamente a escada de pedra para unir-se a Au'Banner e o resto de seus capitães no salão. Os homens e mulheres se moveram agitadamente, suas armas rangendo contra o couro, reveste-as de pregos golpeando de maneira sistemática sobre o flexível chão de estirenomadera. Pequenos rachos apareceram sobre a suave superfície do piso, fechando-se devagar com o tempo.

Au'Banner encontrou o olhar do Danjer e se colocaram na cabeceira da mesa enquanto seus oficiais se apressaram para organizar-se e encontrar assento. Saxon colocou Pink diante dele, entre ele e a Senhora.

A imagem feminina do Chloe tinha desaparecido, seu vestido solto tinha sido substituído por couro, sua bandagem dourada trocada por um cinturão para as armas apertado ao redor de seus quadris. Danjer sorriu. A Senhora ficava magnífica com um vestido. Mas estava ainda melhor com uma espada no quadril.

Em benefício da rapidez, Pink se tinha posto um dos vestidos emprestados da Senhora, atendo-lhe ao redor da cintura enquanto abandonavam o dormitório. Agora, Danjer se encontrou seguindo com o olhar as delicadas dobras que cobriam seus ombros e peitos. O suave tecido era de cor branca cremosa e, embora a ausência de cor destacasse o rubor em suas bochechas, ele desejava vê-la com algo brilhante e valente como o azul real ou vermelho profundo.

Au'Banner se deixou cair em seu assento e o quarto ficou imediatamente silencioso enquanto os soldados esperavam as ordens do Duque.

—A Baronesa está em movimento —lhes disse— Aleya?

Uma pequena e atrativa mulher com um corte de cabelo extremo iniciou a explicação.

—Consegui comunicação por rádio faz vinte minutos com Farra. Disse-me que a Baronesa abriu suas portas Às 5:00 da manhã. Uma coluna de dez mil soldados saiu e se dirigiu ao norte. Meus exploradores estabeleceram uma substituição de transmissões, justo por diante dela. Estava intacto faz trinta minutos, mas, certamente, eles tentarão golpear nossas posições. A cidade da Marpena está sitiada neste momento —declarou Aleya com gravidade.

—A guarnição na Marpena pode resistir durante umas horas, mas temos que nos mover —resumiu Au'Banner—. Liderarei com meu guarda pessoal. A cavalaria do Danjer nos seguirá. A

infantaria montada do Damen detrás dele. Depois Betta, Antón e Jason com suas unidades de infantaria —O Duque posou seu olhar sobre Danjer— E Warm e Terra ficarão com suas companhias protegendo o palácio, junto com a Senhora e seu guarda pessoal. A Senhora estará ao mando aqui até minha volta —com estas palavras, o Duque ficou em pé enquanto seus capitães saíam do salão.

Danjer vacilou enquanto seu olhar ia da Pink a Saxon. Não gostava da aparência que estavam tomando os acontecimentos. Tinha esperado que a Baronesa evitasse a pequena cidade da Marpena e golpeasse diretamente ao norte quando ela finalmente fizesse seu movimento.

—Quero-os a ambos comigo —ordenou o Duque, lançando um agudo olhar a Danjer antes de que se desse a volta e atravessasse as portas. Imóveis um instante Danjer e Saxon travaram seus olhares com preocupação. Danjer se voltou para a Senhora.

—Isto poderia ser simplesmente uma tática de distração planejada pela Baronesa para apanhar a Pink —declarou.

—Sei, Danjer —informou a Senhora resolutamente—Por isso é que Pink fica aqui, em vez de te acompanhar à frente. Por isso AuBanner deixou duas unidades mais das que ele normalmente deixaria para proteger o palácio. me deixe fazer meu trabalho —lhe disse—Tenho mais anos de experiência que você —sua expressão se suavizou quando ela sorriu compreensivamente—Se você fizer seu trabalho, nós nunca veremos o exército da Baronesa.

Absolutamente convencido e nem muito menos feliz, Danjer assentiu bruscamente a Senhora. Enquanto Saxon dava um beijo de despedida em Pink, Danjer saiu do salão com sua mão sobre o punho da espada.

—AuBanner deveria ter enviado notícias já —disse a Senhora a Pink ao final do dia, incapaz de ocultar a preocupação que tingia sua voz— Não há nada no transmissor mas não é insólito. É difícil manter uma linha de comunicação intacta durante uma batalha. De todos os modos tinha pensado que ele enviaria a um de seus homens a estas alturas.

Franzindo o cenho pensativamente, a Senhora olhou atentamente através das janelas do grande salão para o céu escurecido do sul.

Em pé ao lado de Chloe enquanto esta passeava, Pink movia seus pés com agitação. A prega de seu vestido roçando contra o chão de estirenomadera. As tormentas da tarde tinham mantido seu curso e tinham desaparecido pelo oeste.

De repente, Chloe se girou com o cenho franzido para a Pink.

—O que vais fazer sobre o Saxon e Danjer? —perguntou.

—O que quer dizer?

Chloe se encolheu de ombros.

—Eles estão obviamente apaixonados por ti. Como vais escolher entre eles sem destruir sua amizade?

Pink a observou seriamente.

—Não vou escolher. Necessito-os a ambos.

—Como funciona isso?

—As fantasias do diabo estão feitos para ter dois amantes, —ela vacilou— fisicamente, funciona bastante bem.

Chloe pareceu digerir a informação.

—E como funciona emocionalmente?

Agora era o momento da Pink para encolher-se de ombros mas a ação não foi tão despreocupada como defensiva.

—Não vejo como isto pode funcionar —persistiu Chloe em voz suave—. Danjer é tão... apaixonado.

—Quer dizer dominante? —respondeu Pink.

—Se isso for o que se poderia dizer —vacilou Chloe— Não vejo como isto vai funcionar porque Saxon não é do tipo para ser dominado. Ele é muito... forte. Danjer tem que dirigir. É por isso que é capitão e Saxon não. É obvio, da ferida do Saxon, ele provavelmente não poderia mandar sua própria unidade. Mas inclusive antes de que fosse ferido, Saxon preferiria lutar junto ao Danjer que tomar a dianteira. Mas Saxon é forte. Saxon é um lutador —Chloe fez uma pausa— A diferença é que... Danjer é um assassino.

Pink assentiu.

—Saxon é forte. Acredito que conto com sua força para fazê-lo funcionar. Conto com sua força para nos manter unidos —ela fez uma pausa, perdida em seus pensamentos, antes de levantar seu olhar uma vez mais para a Senhora.

—Como era ele... antes? —perguntou.

—Saxon? antes de sua ferida? Bastante similar. um pouco mais seguro de si mesmo. um pouco mais arrogante —riu Chloe— Se for capaz de imaginar isso.

Os lábios da Pink se curvaram em um pequeno sorriso enquanto tratava de imaginar um Saxon até mais arrogante. Mais perguntar sobre seus amantes lhe vieram a ponta da língua, mas lhe distraíram uns gritos repentinos fora das muralhas do palácio e o som das enormes e couraçadas portas abrindo-se de repente para deixasse passar aA um cavaleiro solitário.

—Quem é? —murmurou a Senhora, seus olhos na janela embora já se dirigia para a porta—. Não é um dos homens de meu marido.

—É Jake, —gritou Pink, dando-a volta rapidamente para segui-la—. Um dos cavaleiros do Danjer. Um de seus amigos — saindo do salão e precipitando-se pelo corredor, as duas mulheres se apressaram pelas degraus de entrada do pátio.

A magnabike de Jake estava apoiada em terra e se aproximou uns passos para as mulheres que vinham a ele. Sua jaqueta de couro estava rasgada em vários lugares. Sua cara estava suja e sulcada de linhas de cansaço enquanto se endireitava e com uma mão se estabilizou sobre o ombro da Pink.

—vim que a Marpena — disse ele antes de que a Senhora tivesse possibilidade para lhe fazer perguntas—. O exército da Baronesa se retirou —Deu uma olhada a cara da Pink— com um alto custo —olhou a Senhora depois—. Au' Banner está de volta, viajam devagar. Há muitos feridos.

A Senhora soltou um tenso fôlego de alívio.

—Por que Au'Banner não enviou a um de seus próprios homens?

Jake sacudiu sua cabeça.

—Não pode prescindir de nenhum. Saxon me enviou por diante. Ele não queria abandonar ao Danjer.

Pink emitiu um pequeno grito enquanto suas mãos voaram a sua boca. Os tensos nós que haviam duro seu estômago durante todo o dia ferveram em feias sensações de terror e durante vários segundos pensou que ficaria doente.

Danjer não. Por favor, Danjer não.

—Golpearam-lhe... forte. Eles lhe trazem de volta mas... está mau, Milady.

—me leve com ele —disse Pink imediatamente, movendo-se para a magnabike do Jake.

—Não... não acredito, Pink —Jake sacudiu sua cabeça vacilante— Saxon me matará se algo te ocorre... também.

—Assim é, Pink —assegurou Chloe rapidamente— Nem Danjer nem Saxon quereriam arriscar sua segurança. Sabe perfeitamente.

Levantado a larga saia do vestido até quase seus joelhos, Pink se sentou Escarranchado sobre a magnabike.

—me leve a ele —ordenou, obrigando as palavras cheias de terror A sair de sua apertada garganta, tentando desesperadamente parecer forte e inflexível—. Agora.

Jake esperou a ordem da Senhora.

Os olhos da Pink se entrecerraram para o Chloe.

—Iria se fosse Au'Banner —assinalou Pink e a Senhora negou rigidamente.

Jake se encolheu de ombros para a Senhora desculpando-se.

—O caminho está espaçoso entre o palácio e nosso exército — ofereceu—. Estão a aproximadamente uma hora daqui.

A Senhora o olhou irada, mordendo o lábio em tanto que considerava a decidida expressão da Pink.

Jake se aproximou da esposa do Duque.

—Não acredito que ele possa agüentá-lo —disse Jake em voz baixa—. Se formos, temos que partir agora.

Várias horas depois, Danjer foi o primeiro homem que atravessou as portas couraçadas do Duque, Saxon a seu lado enquanto os risonhos homens desmontavam. Uma coluna de magnabike seguiu Aos avançados pelo pátio de palácio, as luzes de seus faróis atravessando a escuridão como fêmeas de javali fantasmales. O exército do Duque entrou no pátio em ordenadas unidades, dirigindo seus magnabikes as ranhuras de recarga enquanto estacionavam em nítidas filas.

Lançando uma perna sobre a traseira de seu magnabike, Danjer apertou um botão. Seu veículo se depositou no chão enquanto as luzes se apagavam. Com o braço de Saxon Através de seus ombros e o casco sob seu braço, giraram-se para unir-se ao Duque antes de dirigir-se ao palácio.

Mas o Duque estava franzindo o cenho ao ver através do pátio a sua esposa, quem corria para eles. O pátio estava iluminado completamente e quatro sombras saltaram aos pés dela como negras pétalas arrancadas por um vento maligno.

—Algo vai mal —resmungou Au'Banner.

O estômago do Danjer se atou ao ver a expressão do Chloe. Apreensivo, explorou o iluminado pátio em busca da Pink.

—Deixei-lhe levar a Pink —informou Chloe ofegando, parando-se bruscamente justo antes de alcançar aos homens, olhando ao Danjer e revisando seus membros com os olhos— Banner! Deixei-lhe levar a Pink. O Jake, o amigo do Danjer. Chegou aqui faz três horas, informando que Danjer estava... mortalmente ferido. Pink insistiu em ir com ele para encontrar-se com a coluna de volta. Pela Princesa! Pensamos que ele a levaria junto a ti!

O Duque se aproximou imediatamente para sua esposa, rodeando a causar pena mulher com seus braços.

—Está bem —lhe disse—. A recuperaremos.

Ela se separou dele, sua expressão de absoluta mortificação.

—Sinto muito, Danjer.

Levou-lhe a Danjer um segundo o reunir suas idéias.

—Jake se ofereceu voluntário para voltar para palácio quando estava claro que tínhamos a batalha ganha. Deixamo-lhe trazer a mensagem, melhor que enviar a um dos soldados do Au' Banner para mantê-lo fora da batalha porque Jake é... Jake é...

—Por que faria isto? —perguntou-se bruscamente, dando-a volta para seu melhor amigo em busca de ajuda, olhando a cara do Saxon enquanto expressava a pergunta— por que Jake se levaria a Pink?

O gesto do Saxon era de pânico e absoluta culpabilidade.

—Ele a entregou a Baronesa.

Danjer sacudiu sua cabeça com atordoamento.

—Como... como poderia saber sobre a Baronesa?

Saxon devolveu o olhar a Danjer miseravelmente.

—Porque eu o disse —respondeu em voz baixa— Disse a todo mundo o assunto da Pink e a Baronesa aquela noite ao redor do fogo. Eram os meninos... —tratou de justificar Saxon.

Sem uma palavra, Danjer se girou e se dirigiu a sua moto.

—Caralho ! —explodiu Saxon, enterrando as mãos por seu cabelo como se desejasse poder arrancar-se o da cabeça. tomou um momento para lhe dirigir a Senhora um doloroso gesto de compaixão— Não foi sua culpa —lhe disse enquanto se afastava dela— A recuperaremos.

—Recarregaremos e sairemos tão rápido como podemos —lhes gritou o Duque— Estaremos justo detrás de vocês!

Saxon se deu por informado com um golpe de seu queixo então se girou para correr para seus arreios. Juntos, os homens se apressaram Através das portas enquanto o exército do Au'Banner seguia entrando no pátio.

Quando a alvorada se arrastou sobre a terra e derramou um pouco de pálida luz através dos desertos de areia do sudeste do Judipeao, Danjer olhava com ira a terra. No arenoso chão sob seus pés, podia-se distinguir claramente o rastro de uma só magnabike que se separava do caminho pavimentado e se dirigia ao sul através de campo aberto.

—Ele a leva para a Baronesa —declarou Danjer rotundamente. Levantando sua cabeça, fulminou com o olhar o caminho, para o sul, a rota que os levaria a palácio da Baronesa.

Junto a ele, Saxon estava sentado escarranchado sobre sua moto.

—Não se manteve na estrada a Marpena? —perguntou Saxon com vacilante esperança.

Danjer sacudiu sua cabeça, logo explorou.

—Maldito Jake! No que estava pensando? Romperia-lhe seu fracote pescoço se não fora tão fodidamente patético.

—Jake sempre foi...

—Um covarde —ladrou Danjer—. Um covarde de merda! O que pensava você, falando com todos sobre a Pink? Não há nada mais perigoso que um tipo assim.

—De acordo! —rugiu Saxon com repentina fúria—. Bem! Ele é um fodido. Mas Jake não é um covarde. Ele somente tem medo. Ele sempre teve medo. Tenta passar sua vida inteira sendo golpeado a ver como resulta —gritou—. Ao menos você tinha pais que lhe amavam.

—Que lhe foda —gritou Danjer ao céu— Não me faça compadecer do pequeno bastardo.

—Ele nunca deveria ter sido recrutado —discutiu Saxon inutilmente— Os tipos assim não deveriam ser enviados a guerra. Ele não fará mal a Pink —terminou Saxon com um escuro e defensivo grunhido.

Danjer olhou fixamente ao seu amigo com incredulidade. Então sua voz cortou o ar como uma faca.

—Mais lhe vale que não faça mal a Pink, Saxon. Porque, deixe te dizer, que se encontro e se foi machucada, de qualquer modo, Jake não vai ter medo nunca mais. Porque Jake não vai estar vivo absolutamente!

—Ela estará bem, Danjer.

—Talvez. Mas Jake pode lhe dizer a Baronesa que ele viu seu orgasmo. Depois disto, eles colocarão todo tipo de coisas nela. E não serão de cristal ou de borracha! —afastando-se, Danjer olhou além do Saxon.

—É este o caminho ao sul? —perguntou Saxon, girando sua moto para segui-lo.

Danjer sacudiu sua cabeça.

—Vamos primeiro A Marpena. Há uma loja de reposições neste lado da cidade —lhe disse Danjer sem olhar atrás—Quero visitá-la antes de que nos dirijamos ao sul.



Saxon jogou uma olhada ao relógio de seu guidão.

—Ainda estará fechado quando chegarmos ali —se aventurou apreensivamente.

—Então a abriremos —disse Danjer com determinação—Necessitaremos umas coisas e peças se formos fazer as modificações das que falamos em nossas magnabikes.

CAPITULO 12

Danjer piscou com o cedo sol de amanhã enquanto permanecia em pé com o Saxon no meio do pátio da Baronesa. Duas molas de suspensão estavam apontando-os enquanto Danjer desabotoava cuidadosamente seu cinturão de armas, grampeava-o de novo e o deixou pendurado sobre o guidão de sua moto. A seu lado, Saxon fez o mesmo.

Devagar, casualmente, Danjer levantou suas mãos ao ar.

—Somos músicos —anunciou com as mãos levantadas por cima de sua cabeça—. seguimos a nossa noiva até aqui. Ela é uma diabinha. Viram-na? Cabelo claro? Olhos pálidos?

—Largas pernas? —acrescentou Saxon com voz lhe sugiram e sorriso entusiasta.

Quando os arqueiros levantaram suas molas de suspensão uma fração mais e olharam através da longitude de suas armas, Danjer mudou de tática.

—Viemos aqui para entreter a Baronesa. antes de que nos mate, sugiro que lhe deixem saber que dois membros do conjunto Hard and Fast estão no pátio.

Quinze minutos mais tarde foram conduzidos longe de seus magnabikes, suas mãos algemadas A suas costas e dois arqueiros e dois guardas mais os acompanharam pelas portas de palácio, por um corredor até o grande salão.

—Agradável lugar —assinalou Saxon com um grunhido, estirando o pescoço para ver as enormes janelas que foram do gentil piso de estirenomadera até o alto teto do salão circular—. Não há mudado muito desde que atuamos aqui faz... Três anos?

—Mas uns quatro —respondeu Danjer.

—Foi quando o Duque de Cobre ainda estava vivo —rememorou Saxon tranqüilamente— antes de que a Baronesa começasse seu avanço para o Norte —suspirou, sacudindo sua cabeça—Durante uns meses quase o conseguimos. Nossa carreira musical esteve a ponto de separar. Então começou a guerra. Que fodidamente bagunceira é esta mulher!

Os homens da Baronesa os encadearam a um dos enormes pilares de metal-madeira que suportavam a cúpula. Com seus estoques elétricos desencapados e piscando com um fogo azul, os dois guardas se separaram para unir-se aos arqueiros. Dali, os soldados vigiavam aos cativos a uma distância segura. Saxon e Danjer se encontraram com seus braços atados ao redor do amplo diâmetro do poste, suas mãos com grilhões atrás do grosso pilar.

Depois de uma longa espera, Saxon se deslizou até o chão, uma perna dobrada com o pé calçado descansado sobre o piso de estirenomadeira, e a outra longa perna estendida sobre a brilhante superfície do piso.

Danjer permaneceu em pé, com os ombros apoiados contra a superfície lisa, metálica do pilar. Silencioso e tenso, estava preocupado pela Pink e perguntando-se onde estaria a fodida Baronesa.

Não ia estar em pé ali contra aquele poste eternamente.

Finalmente, as portas foram abertas por dois corpulentos guardas que entraram no salão e as mantiveram sujeitas, deixando passar ao séquito da Baronesa. A senhora ia precedida por seu guarda pessoal de quatro soldados e seguida por seus assistentes. As portas permaneceram abertas enquanto vários membros de seu corte a escoltaram.

Os colares de ouro da Baronesa rangeram metálicamente quando se deslocou através do salão para um assoalho elevado no outro extremo do quarto. Uma dobra penetra de pesado brocado negro e dourado se arrastava atrás dela enquanto varria como uma vespa através do espaço. Um sutiã negro acentuava as flexíveis curva de sua figura de relógio de areia e um turbante de tecido dourado adornava sua cabeça, ocultando seu cabelo.

A Baronesa era atrativa, embora Danjer não gostasse de muito batom negro que ela tinha aplicado a seus lábios.

Acomodando-se suntuosamente sobre o trono, a elegante aristocrata cruzou suas largas e sardentas pernas, e inclinou sua cabeça enquanto silenciosamente avaliava aos homens encadeados.

—Viemos por nossa diabinha —anunciou Saxon sem preâmbulos desde seu lugar no chão. Sacudindo sua cabeça, ele retirou seu enredado cabelo de seus olhos.

A Baronesa pareceu mais divertida que ofendida pela audácia do Saxon.

—Quais são? —Perguntou com calma.

—Somos músicos —adicionou Danjer—Diabinha é nossa noiva. Queremo-la de volta.

—Não parecem músicos —disse a Baronesa arrastando as palavras, olhando suas botas de pregos com uma sobranceira delicadamente arqueada— Parecem soldados.

Saxon moveu suas pernas sobre o gentil piso e olhou com pensativo cenho franzido suas botas durante um momento.

—É parte da atuação —explicou a Baronesa com um zombador sorriso de sátiro— Os pregos são atrativos. As garotas os adoram.

A Baronesa lhe lançou um sardônico sorriso meio lado.

—O que lhes faz pensar que sua noiva está aqui?

—Ela partiu com um de nossos amigos —respondeu Danjer— O rastreamos até aqui.

—Um, Hmm —murmurou cinicamente— O rastreamos através do baldio de areia.

—Assim é —respondeu Danjer.

—Danjer poderia rastrear um escaravelho em uma tempestade de areia —disse Saxon com orgulho.

—Só se for verde brilhante —resmungou Danjer.

—O que quer dizer? —O olhar suspeito da Baronesa se dirigiu ao Danjer.

—Pensamos que ele poderia havê-la gasto aqui —expressou Danjer mais claramente— Ele sabia que você a buscava. Podemos vê-la? — perguntou com voz dura, tentando mascarar ao menos um pouco de sua preocupação.

Durante uns segundos, a Baronesa olhou perplexa e curiosa ao Danjer. Então se apoiou de lado e sussurrou a um assistente.

Com o queixo apoiado em sua mão, a Baronesa olhou aos dois cativos enquanto seu assistente abandonava o salão com um guarda. Seu olhar lento, lascivo viajou pelas largas e fortes pernas de seus cativos antes de que se deslizasse mais acima para fixar-se em seus musculosos antebraços e amplos ombros.

Saxon girou seus ombros em uma provocadora demonstração de poder masculino enquanto Danjer apertava seus lábios para ocultar um sorriso. Durante vários momentos o grande salão esteve em silêncio antes de que a porta se abrisse outra vez e o guarda voltou, empurrando a Jake diante dele.

O sorriso do Danjer se evaporou enquanto sua boca se apertou em uma fina linha.

Franzindo o cenho para o homem que o tinha empurrado até o salão, Jake entrou no quarto e então se congelou quando viu os dois homens algemados a pilar no centro do quarto. Com cuidado, deu uns passos mais a um lado, mantendo a distância que o separava do Danjer enquanto se dirigia ao extremo do perímetro do enorme salão circular.

—Olá, Jake! —disse Danjer com voz brandamente mortal— Estávamos dizendo a Baronesa, que somos músicos. Estou encantado de que pudesse estar aqui para nos respaldar.

Jake cabeceou nervosamente, deslizando uns passos mais para a Baronesa.

—Ihe diga que somos músicos, Jake. Ihe diga a verdade e te deixarei viver o suficiente para poder gastar todo o ouro que ela te pagou pela diabinha, se Pink estiver ilesa, claro.

Lambendo seus lábios nervosamente, Jake cabeceou outra vez, e foi evidente para todos no grande salão que Jake estava aterrorizado pelo escuro homem que estava em pé no centro do quarto, independentemente do fato que tivesse postos grilhões e estivesse encadeado a um enorme poste.

Inconscientemente, quão soldados vigiavam ao Danjer moveram seus pés enquanto punham uns centímetros mais entre eles e o te intimidem cativo. A Baronesa olhou com cenho franzido a seus soldados. Elevando sua cabeça, pareceu reconsiderar ao formoso homem que virtualmente gotejava uma escura auréola de fria e desumana violência, antes de devolver seu olhar ao nervoso jovem que havia lhe trazido diabinha.

—Ela está bem, Danjer. Pink está bem —insistiu ele com inquietação.

—Como conseguiu trazê-la aqui sem danificá-la? —exigiu Danjer, sua voz cortante como uma faca—Ela deve ter apresentado resistência.

Rapidamente Jake negou, girando sua mão, a palma para cima.

—Ela passou dormindo toda a viagem até aqui. Injetei-a com este anel, —explicou apressado, ensinando a pequena agulha do anel no interior de sua mão

— Pus...somente minha mão sobre sua coxa —disse enquanto Danjer o olhava.

— Não é o ouro —suplicou Jake com voz afogada— Estou simplesmente cansado de ter medo, Danjer. Só quero sair de...

Mas Danjer o cortou com um grunhido de repugnância.

—Só lhe diga a Baronesa que somos músicos, Jake.

—Só quero escapar do país... —persistiu Jake.

—Então espero que tenha dado muito ouro, Jake. O bastante para que possa ir longe, o suficientemente longe de mim. Agora diga-lhe Jake.

Jake seguiu negando enquanto alcançou a relativa segurança ao lado da Baronesa.

—Assim é —gritou, seus olhos indo da Baronesa para o Danjer—. Eles são músicos. Saxon e Danjer, dos Hard and Fast.

—Músicos —repetiu a Baronesa com um sorriso zombador, percorrendo de cima abaixo ao Danjer, demorando seu olhar nas musculosas coxas— Bem —falou arrastando as palavras— Se vocês forem músicos, eu sou virgem. Se forem músicos suponho que deverão conhecer canções de amor — com um estalo de seus dedos ela assinalou ao seu assistente— Que venha meu quarteto —pediu. Um sorriso zombador lento e malévolo começou a curvar-se na comissura de seus lábios negros e brilhantes—. Tragam a diabinha também.

Comporta-as se abriram e a gente se precipitou apressada enquanto a Baronesa sorria com ar de suficiência e seus músicos entraram com os instrumentos. Danjer olhou a porta com penetrante atenção e conteve o fôlego quando Pink apareceu na entrada.

Ainda estava vestida com o vestido comprido e branco do Chloe. Este caía de seus ombros e abraçava as gentis curva de seu corpo totalmente até chegar ao chão. Parecia estar um pouco aturdida. Talvez confusa. Mas quando seus olhos se encontraram, sobressaltou-se e afogou um pequeno som de surpresa enquanto seus olhos verdes se alargaram, primeiro com alívio quando compreendeu que ele estava vivo, logo com preocupação enquanto se dava conta que não poderia permanecer assim durante muito mais dado que agora estava detento pela Baronesa.

Sem pensar, ele se moveu para ela, o tinido de cadeias e cadeados enquanto observava seu corpo com faminto olhar. Encontrando-a ilesa, seu olhar se posou inquisitiva sobre sua cara. Quando ela moveu seu queixo levemente, ele conteve um agradecido suspiro. Eles não tinham sido capazes de fazê-la ter um orgasmo ainda.

A voz da Baronesa se filtrou em sua avaliação enquanto os guardas moveram a Pink de pé do soalho. Ali, obrigaram-na a sentar-se sobre os degraus de mármore.

—Por que não cantam para sua fantasia de diabo uma canção de amor? — sugeriu a Baronesa vilmente— Tenho uma melodia favorita. É um pouco melancólica, mas extremamente apropriada para a ocasião, considerando o que vou fazer lhes se não poderem cantar.

Inclinando-se para frente com seus braços estirados e atados atrás dele, Danjer lhe fulminou com o olhar por debaixo das escuras mechas de seu cabelo enquanto os músicos se moviam nervosamente. As cadeiras raspavam o chão pela pressa das arrastar do perímetro do salão enquanto o quarteto se organizava diante do soalho. Três homens e uma mulher acenderam seu keytars e esperaram a que a Baronesa pedisse sua canção.

—Um amor pelo que morrer —anunciou esta a silenciosa assembléia. Junto a ele, Danjer ouviu Saxon dar um bufo de surpresa— Isto não deveria ser nenhum problema se forem, como afirmam ser, músicos.

—Não lhes dará nenhum problema —falou Pink tranquilamente. Ela lançou a Danjer um sorriso orgulhoso enquanto tocava o grosso colar de cobre ao redor de seu pescoço. O anel que Saxon lhe tinha dado não o tinha, sem dúvida roubado pela gente da Baronesa.

Realmente, Pink estava bastante desorientada. A última coisa que recordava era que se dirigia ao sul na moto com o Jake. Tinham viajado possivelmente uma hora antes de que ela dormisse. acabava-se de despertar em um quarto deprimentemente familiar quando os guardas da Baronesa tinham chegado para escoltá-la ao grande salão.

Devia ter acontecido horas dormindo, compreendeu, quando viu fora das janelas o pátio iluminado pelo sol.

Fazendo uma tentativa de pôr tudo em seu lugar, ela sacudiu a cabeça enquanto seus olhos seguiam pegos ao Danjer, bebendo com a vista seus compridos, e musculosos membros ilesos, inteiros, sem dano. Saxon estava ao seu lado sentado com os ombros recostados com ar de completa indiferença, como se o fato de que estivesse encadeado a um poste não preocupasse no mais mínimo. Não parecia que fora um farol, entretanto. Quando lhe pilhou olhando, lhe fez uma piscada. Lhe lançou um incerto cenho em troca.

Girando sua cabeça, seu olhar voltou para trono e a Baronesa, onde Jake estava em pé imóvel a seu lado. Ela franziu o cenho quando viu seu olhar aterrorizado sobre Danjer. Algo ia mau. Certamente Jake não... teria traído a seus amigos?

A idéia apenas se formou em sua cabeça e sentiu pena pelo Jake.

Danjer o mataria.

Outra vez sacudiu sua cabeça, surpreendida de estar mais preocupada com a segurança do Jake que pela do Danjer e Saxon.

Mas claro, Danjer era um terraqueo.

Apaixonado, violento, imprevisível. E, sobre tudo, imaginativo.

A música começou com uma curta introdução antes de começar com a melodia. Uns poucos compasses se foram sem acompanhar antes de que a voz do Danjer recolhesse os seguintes um pouco vacilante. Inclinado adiante contra as cadeias que lhe atavam, sua voz era tranquila, seus olhos semicerrados, fixos no chão enquanto sussurrava as primeiras palavras da canção. Então ele inclinou sua cabeça, encolhendo-se e olhando ao chão enquanto cantava a segunda estrofe um pouco mais forte. Suas sobranceiras se levantaram mas seus olhos permaneceram fixos no piso e cantou a canção, quase desculpando-se, À polida estirenomadera a seus pés. Quando chegou ao estribilho, sua voz se reforçou e elevou seu olhar a Pink e então continuou.

Um a um, grupo a grupo, os ocupantes do salão ficaram quietos e acalmados, as conversações cessando enquanto suas caras se voltavam para homem encadeado no centro do quarto. Outra vez, seu olhar voltou a entrelaçar-se com a da Pink, quieto e tranquilo seu olhar com repentina segurança. Enquanto seu olhar ardente se mantinha nela, a música se elevou e sua voz se elevou com ela, forte e

masculina e cheia de profunda e clara emoção. Sua áspera voz se agarrava as sensíveis palavras. Devagar, piscou e voltou a posar seus olhos sobre a Pink, sentindo a silenciosa e crescente paixão enquanto cantava sua canção à diabinha cativo, fechando seus olhos durante o estribilho, aparentemente perdido na balada, seguindo seu caminho através das notas altas, aparentemente inconsciente de sua audiência e lugar.

Em algum momento ao longo da atuação os músicos se esqueceram de si mesmos também e, movidos pela crua energia do cantor, mergulharam-se na música, tocando instrumentação acrescentada em seu esforço por acompanhar ao enigmático cantor. A música se elevou e se chocou em um assustador crescendo enquanto os artistas tentavam emparelhar a paixão da voz do Danjer, a paixão que derramava na canção.

Ao final da terceira estrofe, os olhos do Saxon estavam acesos de orgulho, cheios de admiração enquanto ele levantava seu traseiro contra o poste para ficar em pé ao lado de seu amigo. Danjer abriu seus olhos e dirigiu um sorriso ao homem encadeado a seu lado, então agarrou fôlego para o último verso. Juntos, fizeram o coro final encadeados juntos no poste, suas bocas movendo-se juntas, separadas por escassos centímetros.

Aceso os olhos do Saxon se posaram sobre seu amigo durante uns instantes antes do mover-se Através do quarto para unir-se Ao olhar do Danjer e atar-se a Pink, a voz do Saxon baixou uma oitava com um suave e rico alto, harmonizando até as últimas cinco palavras da canção.

A música se acabou e os fechados olhos do Danjer se abriram e queimaram uma vez mais sobre a Pink. Saxon sorriu a seu amigo, o orgulho acendendo seu olhar enquanto Danjer repetiu as últimas cinco palavras sozinho.

—Um amor como o teu.

Enfeitigada, Pink contemplou o brilhante olhar do Danjer, hipnotizada pela expressão que atormentava seus formosos rasgos. Em algum lugar do silencioso grande salão, alguém espirrou.

A Baronesa fez um gesto depreciativo, um gesto impaciente de resposta.

—Bem —concedeu a contra gosto, olhando airadamente a um de seus músicos quem pressionou uma mão sob as janelas de seu nariz—. São cantores. Ao menos, certamente conhece como fazer uma atuação e entusiasmar a uma multidão. Esta não é a versão que conhecia antes de que o soundnet saísse —fez uma pausa—. É melhor.

Um silêncio pesado seguiu as palavras da Baronesa, cheias de espera e agitada emoção enquanto Pink ofegante esperava ver que passaria depois.

—Levem ao moreno a meus aposentos —ordenou bruscamente a mulher—. Encadeiem-no perto de minha cama —quase no último momento, agitou uma mão perfeitamente manicurada para o Saxon— Matem ao outro —acrescentou casualmente.

A Pink lhe pôs o coração de repente na garganta, estrangulando o protesto que tentou vocalizar.

—Não! —Danjer respondeu a Baronesa enquanto era desatado—. Vivemos ou morremos juntos —disse rapidamente, apoiando-se no Saxon enquanto se afastava dos guardas que lhe ameaçavam com seus estoques.

—Fala por ti —murmurou Saxon, lhe lançando um receoso olhar e lhe dando uma cotovelada. Pink falou rapidamente enquanto Saxon era desencadeado e os dois homens estiveram ombro com ombro.

—Eles trabalham melhor em juntos —disse a Baronesa.

A mandíbula do Danjer se abriu e olhou a Pink enquanto Saxon assentia energicamente, seu olhar aberto e esperançado centrando-se na Baronesa.

A Baronesa suspirou como se lhe aborrecessem.

—Vamos ver a equipe —lhes disse. Vacilantes, os homens intercambiaram uma olhada—. De ambos —esclareceu com um movimento impaciente de sua mão.

Tanto Danjer como Saxon engancharam seus polegares nas cinturillas de suas calças de couro e atiraram para baixo, o justo para expor o pêlo encaracolado que protegia as grossas bases de seus pênis.

Os olhos da Baronesa se alargaram um pouco, logo baixaram um pouco mais para comprovar o couro volumoso sob seus polegares, ocultando o resto da potente equipe masculina talher pelas calças. Ela assentiu de repente.

—Levem-nos a ambos os as minhas habitações. Despe-os e encadeia-os perto de minha cama. Podem viver por agora. Durante o tempo que sigam me divertindo.

Os dois arqueiros mantiveram suas molas de suspensão apontadas para os cativos enquanto os dois guardas que dirigiam os estoques se aproximavam, suas fortificações elétricos rangendo com ameaçador fogo branco. Enquanto os guardas se aproximaram para levar-lhe Danjer lançou um olhar esperançado à fantasia enquanto Saxon lhe sorriu com uma piscada.

Então os homens se detiveram.

—Não abandonaremos este salão sem fantasia —anunciou Danjer, girando seu fascinante olhar a Baronesa— Mas lhe ajudaremos a conseguir o que deseja antes de que nos partamos — sussurrou, ignorando o repentino ofego da Pink.

CAPITULO 13

A Baronesa lançou a Danjer um frio olhar de advertência, mas levantou uma mão para deter os guardas que se aproximavam deles.

—Como sabe o que quero?

Danjer fez um gesto com a cabeça, assinalando à fantasia de diabo.

—Ela nos disse isso. Disse-nos o que lhe fez a última vez que pôs suas mãos sobre ela. Podemos lhe ajudar a conseguir o que quer — repetiu.

—Por que querereria fazer isso? —perguntou a Baronesa com maliciosa cautela.

—Faremos em troca de sua liberação. Faremos uma só vez. Faremos que tenha seu orgasmo. Então nos deixará ir. A todos nós.

—Danjer, não! —gritou Pink enquanto a Baronesa ponderava a oferta do Danjer.

—Ela não pode ter o orgasmo sem nós —grunhiu Danjer, coagindo a Baronesa com a mentira que saiu de seus lábios.

A elegante aristocrata arqueou uma sobrancelha curiosa.

—Isto não é cientificamente possível.

—Não falo de ciência. Falo de emoções. Você não pôde fazer que gozasse antes —Indicou— Tem que ser nós. Tem que nos ter a ambos.

—Por que?

—Porque ela está apaixonada por nós. Uma diabinha só pode culminar com dois homens que goste. Temos que montá-la ao mesmo tempo.

—É isso certo? —perguntou a Baronesa à fantasia com voz sarcástica.

As bochechas da Pink avermelharam profundamente mas não respondeu.

—Não quero seus fluidos mesclados com o seu —afirmou a Baronesa depois de pensá-lo um momento.

Danjer sorriu, sabendo que a capitulação da Baronesa estava ao alcance da mão.

—De acordo —falou Saxon— Estamos de acordo, Não Danjer? Usaremos os dedos.

—Saxon —pediu Pink com seus olhos movendo-se inquietos entre os dois homens— Danjer, se fizer isto, milhares de homens podem perder suas vidas.

—Não me importam esses milhares de homens! —respondeu Saxon.

Seu queixo se elevou, embora mostrava um nu tremor.

—Se preocupa por Cheirem e Junkie.

Saxon vacilou.

—Não muito —disse ele, lhe olhando aos olhos e sacudindo sua cabeça— Não tanto como me preocupo com ti. Danjer?

—Não, não muito —estive de acordo Danjer, cravando-a com seu olhar—. vamos ter que fazer isto, Pink.

—Mas —discutiu ela rapidamente, umedecendo seus lábios com a ponta de sua língua—, existe a possibilidade de que nos mate de todos os modos.

—Pink! —cortou-lhe. Dissimulando o orgulho que sentia por ela, Danjer olhou a Pink com expressão significativa— vais ter que confiar em mim.

—Não acredito que ela nos mate —declarou Danjer com tranqüila segurança.

—Pelo menos, estou disposto a aproveitar a oportunidade —concluiu ele, trocando seu olhar aos olhos entrecerrados da aristocrata.

—Prepare-se —aconselhou a Baronesa, lhe dirigindo uma maliciosa e masculino sorriso— Porque estaremos duros como pedras quando acabarmos com diabinha. depois de possuí-la com nossos dedos, estaremos realmente ligados. Necessitaremos liberação. Podemos nos masturbar... ou podemos nos reservar para você —Danjer lançou a Baronesa uma lenta e sexy sorriso, cheia de fria arrogância

masculina e a promessa de uma fodida dura e agressiva— Espero que esteja pronta para a cavalcada de sua vida.

A Baronesa olhou aos dois homens com especulativo interesse.

—É isto parte do acordo?

Danjer inclinou sua cabeça.

—Possuiremos fantasia de diabo com nossos dedos. Depois a possuiremos a você —ele deixou passear seu olhar sobre o corpo da Baronesa com tentadora apreciação— E depois, iremos livres.

Durante vários segundos, a Baronesa lhe olhou fixamente, seus olhos indo a deriva para sua entreperna. Como estímulo final, ele estirou uma mão algemada para recolocar seu pacote e depois esfregou a palma de sua mão pela cremalheira.

—Encadeiem o fantasia de diabo — ordenou a Baronesa bruscamente.

—O que? —soltou Saxon enquanto o guarda se moveu imediatamente para cumprir a ordem.

—Hão dito que não abandonariam o quarto sem ela —comentou a Baronesa com uma malvada e preguiçoso sorriso— Simplesmente quero me assegurar que ela fica aqui até que se goze.

—Dispan-na primeiro —disse a Baronesa a seus homens.

Elos metálicos chiaram e rangeram quando Danjer lutou contra os homens que sustentavam suas cadeias.

—Nos deixe a sós —protestou enquanto tentava aproximar-se de Pink.

—Não te moverá até que diabinha esteja encadeada —lhe espetou a Baronesa— Tragam meus cientistas —disse a um assistente.

Levou-lhes a ambos os guardas assim como a Saxon conter ao Danjer enquanto gente da Baronesa despia a sua mulher. Movendo a Pink para o centro da enorme sala, os guardas rasgaram seu vestido e suas calcinhas antes de obrigá-la a ajoelhar-se. Fechando as pesadas esporas de ferro ao redor de suas mãos, cruzaram uma cavilha de dobro cabeça pelo extremo de suas cadeias. Um dos guardas da Baronesa tomou a tocha de seu cinturão e fixou a cavilha ao piso de estirenomadeira usando o silvestre da tocha para cravá-la.

Nua exceto por seu colar de cobre, Pink estava ajoelhada com suas coxas amplamente estendidas, seus braços estirados e atados ao chão ao lado de suas pernas dobradas, as curtas cadeias lhe permitiam pouca margem de movimento.

A luz que atravessava as altas janelas da sala delineavam os finos e femininos músculos da Pink. A visão dela atada, apanhada e necessitada, seus compridos e nus membros estendidos em uma erótica exposição, foi suficiente para voltar louco ao Danjer. Lutando contra os homens que lhe sujeitavam, ele se lançou para a Pink. O som metálico através do corredor assim como as cadeias de ferro impediram a Danjer alcançá-la.

Os olhos da Pink estavam aterrorizados enquanto lutava contra suas cadeias, seus ombros suspensórios enquanto seu olhar acusador esbofetou a cara do Danjer. Ele se congelou baixo aquele fulgor verde de frustração, sacudindo sua cabeça defensivamente enquanto seus lábios vocalizavam seu nome.

Quando três cientistas vestidos de branco cruzaram a soleira, Danger e Saxon finalmente foram liberados de suas cadeias. Os guardas que levavam a fortificação elétrica os empurraram para a Pink. Os dois guardas acompanharam aos cativos, vigiando-os estreitamente, golpes elétricos a mão enquanto permaneciam detrás deles. Além disso, cada um ainda estava coberto por um arqueiro a três metros de distância, a mola de suspensão carregada com seis flechas de ferro que ameaçavam com uma morte rápida.

Pink deixou de lutar, caíram seus ombros derrotados enquanto Saxon se ajoelhou ao lado dela.

—Está bem —insistiu ele com um sussurro— Está bem, Pink. Danger e eu temos um plano —disse brandamente, embalando seu queixo com sua mão grande enquanto a beijava.

A suas costas, a Baronesa soprou ante a confiança do homem.

—Agora mesmo, somente necessitamos sua cooperação, amor. quanto antes possa te gozar, melhor. Não lute contra isso, amor. me prometa que não lutará —separando suas próprias pernas, ele encaixou um de seus joelhos dentro das dela enquanto sustentava sua cara e beijou sua boca.

—Isso, Pink —lhe tranquilizou Danger, ajoelhando-se e apertando uma perna entre a suas, pega a do Saxon, entre os dois defendendo a vista de seu corpo da Baronesa e sua audiência.

Então, ambos os homens começaram a beijá-la, os lábios do Danger se apertaram contra a comissura de sua boca enquanto Saxon esfregava seus lábios no outro extremo. O fôlego do Danger era áspero, com apaixonada ferocidade enquanto lutava por sua parte de sua pequena boca e Saxon lançou um profundo gemido de completa necessidade masculina.

Ela sentiu a quente presença de seu testículo, envoltos em suave couro e descansando contra seus joelhos dobrados enquanto os dedos do Danger se moviam através de seu ventre e os cachos sobre seu sexo. Vacilando no alto de sua fenda, ele empurrou com cuidado entre os frágeis lábios ao mesmo tempo que os dedos do Saxon rastreavam por sua fátia, evitando a roseta de seu ânus e seguindo entre suas nádegas para encontrar a sensível abertura. Involuntariamente, ela saltou com o rude contato dos fortes dedos do Saxon sobre a suave superfície de sua entrada.

—Tranquila, amor —a acalmou—. Pode fazer isto, Pink. Amamos-lhe.

—Pode fazer isto, Pink —sussurrou Danger contra sua orelha— Abre os olhos, amor. me olhe, Pink. Vê como de duro estou dentro de minhas calças? Quanto te quero? Saxon e eu estamos preparados para nos derramar, queremos estar dentro de ti desesperadamente. Isto nos está matando. Mas, Pink, quero que tenha um orgasmo com nossos dedos. Cre que poderia fazê-lo?

Com seus olhos sobre o enorme vulto apanhado dentro dos couros de Danger, ela assentiu imperceptivelmente.

Danger esfregou seus lábios contra seu cabelo, medindo suas delicadas antenas com a sensual pressão de seus beijos.

—Nos avise quando estiver perto —lhe sussurrou. Esta ordem foi seguida por umas poucas instruções sussurradas em seu ouvido, então ele beijou sua orelha enquanto ofegava pequenas promessas entre as úmidas incursões de sua língua.

Enquanto seus dedos acariciavam a zona entre sua vagina e o ânus, Saxon gemia com seus quadris movendo-se, esfregando a base de seu sexo forrado de couro contra o tremente joelho da Pink. Ao mesmo tempo, Danger enrolou e acariciou o delicado broto de seus clitoris com as pontas

ásperas de seus dedos. Sua outra mão descansava sobre sua coxa deixando-a sentir seus dedos colocados sob suas calças que agarravam seu próprias bolas.

Saxon gemeu de novo, ofegando enquanto colocava uma mão abaixo um de seus cheios peitos, levantando-o até sua boca para chupar o arrepiado mamilo com a abrasiva ponta de sua língua.

Uma úmida capa de suor brilhava sobre seu corpo enquanto ela tremia em mãos de seus dois amantes. Choramingou enquanto lhe sussurraram promessas de escura, forte e completa culminação, se o pedisse. Quando simplesmente lhes desse o sinal para possuir sua vagina com o profundo impulso de seus dedos.

—Não te contenha —rogou Saxon enquanto sua mão se separava de seu seio e sua palma esfregou a dura e rígida linha de seu pênis apanhada pelo couro da calça.

Sua cabeça caiu para trás enquanto seu pescoço desenhou um comprido arco e seu corpo se moveu como uma onda enquanto dançava a bordo da liberação, atravessada pelo prazer, necessitava só seus dedos deslizando-se dentro dela antes de que começasse a entrar nas escuras e feras ondas da culminação. Quando Danjer passou seu polegar sobre uma de suas antenas, ela gritou de angústia.

—Tenha a sua gente preparada —grunhiu Danjer a Baronesa— Ela vai gozar. Saxon!

Com aquelas palavras, Saxon e Danjer empurraram dois dedos profundamente dentro de sua vagina.

Sua cabeça se sacudiu grosseiramente enquanto os homens paravam e baixaram suas caras, tentando seguir sua cabeça com as suas, lutando para conseguir pôr suas bocas sobre a sua, competindo pelo ocasional louco toque de seus lábios. Mas antes de que ela terminasse de culminar, os guardas os arrastaram a distância de sua mulher enquanto aos cientistas da Baronesa se colocavam no centro entre suas pernas. Três cientistas se inclinaram para recolher os fluidos de diabinha enquanto este gotejava de sua vagina e gotejava sobre os engrossados lábios e dobras de seu sexo.

Lutando por retornar com ela instintivamente, os dois homens se lançaram contra os guardas armados com os estoques elétricos que tentavam mantê-los longe de sua diabinha.

Saxon lançou um murro selvagem na boca de um guarda ao mesmo tempo que a descarga elétrica conectou com seu ombro. Ele caiu de joelhos, gritando de dor.

Enquanto Saxon encurvava seus ombros em agonia, o guarda sacudindo sua cabeça e lambendo seu lábio ensangüentado enquanto olhava com cenho franzido as pessoas que trabalha entre as pernas da Pink.

—Não —gritou Danjer, lutando por chegar ao Saxon. Com uma mão agarrou e torceu a mão do outro guarda apartando o estoque, e Danjer colocou seus dedos na boca do guarda— Agora, Pink —gritou.

—Ataquem aos arqueiros —gritou Pink, sua cara movendo-se a esquerda e direita enquanto fazia contato visual com os dois guardas. Ainda lambendo de seus lábios o gosto embriagador dela, os dois soldados saltaram para obedecer à fantasia de diabo.

Enquanto Saxon ficava em pé, o guarda mais próximo se lançou para o arqueiro, A três metros de distância, quem sustentou sua mola de suspensão martelada e apontou. Saxon correu atrás do guarda, usando ao homem como escudo. O arqueiro vacilou, tentando fixar sua vista em Saxon. No último momento, o arqueiro girou sua arma noventa graus, sustentando-a longe de seu corpo enquanto

soltava os seis disparos em uma tentativa de acertar a Saxon. Como Saxon se jogou a um lado, três flechas se cravaram no chão enquanto os três restantes encontraram objetivos mortais no corpo do guarda da Baronesa.

Afogado em seu próprio sangue, o guarda caiu sobre seus joelhos diante do Saxon enquanto o guerreiro loiro lançou seu enorme punho por um lado e nocauteou ao arqueiro. Arrancando a mola de suspensão das mãos do soldado, Saxon agarrou o clipe de munições que pendurava do cinturão do homem. Enquanto Saxon recarregava a mola de suspensão, o segundo guarda tinha desarmado a outro arqueiro e sustentava sua mola de suspensão. Enquanto isso, Danjer tinha espaçoso o caminho entre o Saxon e a Baronesa, empurrando aos cientistas ao chão. Saxon balançou a arma até pô-lo a nível do peito da Baronesa.

Chegaram gritos do corredor e apareceram mais soldados na porta aberta, mas se pararam quando viram que as molas de suspensão apontavam a sua senhora.

Finalmente, o guarda pessoal da Baronesa reagiu. Infelizmente para esta, os quatro homens de seu guarda ao parecer tinham sido escolhidos por seu aspecto mais que por seus cérebros ou força física. Saxon soltou um disparo e matou ao primeiro homem que se moveu.

—Tenho mais que suficientes para o resto de vocês —disse aos homens agora vacilantes, congelados pela indecisão enquanto permaneciam em pé ao lados de sua senhora.

A expressão da cara da Baronesa era de aborrecimento, atordoamento e impressão tudo ao mesmo tempo.

—Nunca sairão vivos daqui —declarou firmemente. Com uma mão, assinalou aos homens que bloqueavam a entrada da sala— Há cinquenta homens entre vocês e as portas do palácio.

—Não iremos através das portas de palácio —riu Danjer em resposta, então franziu seus lábios para emitir um assobio.

Segundos mais tarde houve uma rajada seguida de uma explosão de luz. Brilhantes faíscas de resplendor intermitente encheram o quarto enquanto as enormes janelas da sala exploraram em um milhão de lascas de cristal.

A Baronesa olhou assombrada como dois magnabikes se deslizaram até parar-se ao lado do Danjer.

Rapidamente, Danjer alcançou uma pesada guilhotina que pendia do cinturão que se balançava sobre seu guidão. Com a guilhotina em uma mão, tirou também sua pequena mola de suspensão de mão do cinturão e a sustentou.

A Baronesa sacudiu sua cabeça.

—É engenhoso —declarou com temor—. Gênio puro.

Danjer negou com orgulho enquanto salvou os poucos passos que o separavam da Pink.

—Isto foi idéia do Saxon.

Enquanto Danjer liberava a diabinha e a sujeitava a seu lado, a Baronesa olhou ao Saxon, ainda em pé no centro do quarto. Suas pernas estavam abertas em uma postura relaxada com a mola de suspensão apontada sobre seu peito.

—Por que, —resmungou Saxon, —todos pensam que sou um... um...

—Imbecil? —ofereceu Danjer.

—Não ...

—Idiota? —Pink disse a palavra com um sorriso carinhoso.

—Sim —Saxon falou arrastando as palavras—. por que todos pensam que sou idiota? Meu sentido de direção poderá estar um pouco machucado e posso esquecer algumas palavras as vezes, mas não sou estúpido.

—Levarei-me estes —afirmou Danjer, avançando um passo e recolhendo os instrumentos metálicos planos dos cientistas da Baronesa, tomando um momento para cuspir neles antes de colocá-los pela cinturilla de suas calças— Levarei sua bata de laboratório também —informou a um dos cientistas quem rapidamente a tirou. Danjer cobriu a Pink com ela.

Com as amostras asseguradas e Pink coberta dentro da branca bata, Danjer se deu a volta para falar com a Baronesa.

—Você vem conosco —a informou.

Fulminando-o com o olhar, a Baronesa apertou seus lábios.

—Pode vir conosco viva ou ficar aqui morta —lhe informou Danjer claramente.

Os olhos da Baronesa voaram através do quarto onde Saxon sujeitava a mola de suspensão apontada a seu peito.

—Não mataria a uma mulher desarmada —declarou tentativamente.

—Take! —ladrou Danjer enquanto levantava sua pequena mola de suspensão de mão e apontava a Baronesa.

O homem mais jovem se estremeceu.

—Ele vai fazê-lo —gaguejou Jake enquanto se apressava a dizê-lo-os terraqueos são... são animais quando os provocam. Lhe matará em um batimento do coração.

Danjer sorriu tristemente.

—E logo seu coração nunca pulsará outra vez.

—Ele há MA-matado ao Duque de Prata... e a seus homens —disse Jake.

Saxon levantou a ponta de sua mola de suspensão.

—Eu ajudei —adicionou, cortando um inquisitivo olhar do Jake.

—Ele matou ao Duque com suas mãos nuas —continuou Jake— Destruíu a um tipo gigante com nada mais que uma faca.

A mandíbula do Saxon se desprendeu ante o exagero do Jake, assim como por sua omissão. Devagar, ele sacudiu sua cabeça enquanto sua formosa cara se franzia de repugnância.

De todos os modos a Baronesa vacilou.

—Os homens das muralhas não abrirão os portões.

—Farão-o se pensarem que vamos matar lhes.

—Os homens do portão são andróides —argumentou ela nervosamente, claramente preocupada de que poderia morrer se o andróide rechaçava abrir as portas—. Só respondem as ordens de voz de seus superiores. As ameaças de me matar não conseguirão que abram as portas.

—Então você lhes dará uma ordem de voz —respondeu Danjer.

—Nunca me ouvirão desde dentro da torre que abre as portas.

Danjer e Saxon intercambiaram uma breve e desagradável sorriso.

—O bom é que trouxemos nosso próprio sistema de som, —disse Saxon com sorriso zombador.

Devolvendo a guilhotina a seu cinturão, Danjer abriu uma alforja e tirou a cabeça de um keytar, uma larga peça acabada em um microfone.

—Você pode dizer a seu andróide que abra as portas — mencionou Danjer indiferente—. E também poderiam depor suas armas ao mesmo tempo. Espero alguns amigos logo. chegou a conhecer duque de Ferro?

Horrorizada, a Baronesa negou com um movimento de cabeça.

—Bem, fará-o logo.

A frustração e a raiva desfiguraram a cara da Baronesa, convertendo seus encantadores rasgos em uma feia máscara de fúria. Seus olhos zangados fulminaram a Jake e depois ao Danjer.

Danjer assentiu.

—Se por acaso você não o tinha entendido ainda, somos músicos e também soldados —lhe disse.

CAPITULO 14

Danjer estava em pé ao lado da Pink no grande corredor de seu chalé recém adquirido, um presente da rainha em agradecimento por seus serviços na guerra. O corredor era muito comprido e luminoso com grandes janelas pelas que o sol da tarde caía sobre o ladrilhado. As paredes eram de estuque pintadas de um suave branco. Mas os chãos sob seus pés estavam ladrilhados com mármore rosado.

Gostava das janelas grandes. E as grosas paredes. Mas sobre tudo gostava dos chãos de mármore velho. Quando olhava fixamente pelas janelas que davam ao sul, as montanhas se elevavam a sua direita. Um denso e povoado bosque verde detrás da casa baixava serpenteando por toda a propriedade. À frente estavam os campos abertos de alta erva que conduziam aos baldios areais.

Um mês tinha passado, desde que a baronesa tinha ordenado que as portas do palácio estivessem abertas. Sem dúvida, a ponta de sua espada colocada sob seu queixo tinha sido um grande estímulo. E o microfone keytar do Saxon definitivamente tinha sido prático. Comporta-as se balançaram para dentro a sua ordem, assim era como Au'Banner os tinha encontrado quando tinha chegado com seu exército uma hora mais tarde.

A baronesa tinha sido destituída de sua estação e dali em adiante passaria o resto de seus dias encarcerada em uma torre cômoda no Iverannon, onde o rei estaria feliz de vigiá-la. Rei tinha devotado ao Danjer o palácio da baronesa, com o título de Duque De Cobre, mas Danjer rapidamente o tinha rechaçado. Ele não queria estar preso a uma propriedade tão grande da qual não poderia afastar-se sempre que tivesse vontade. Pelo contrário, ele se tinha conformado com um chalé que se estendia agasalhado contra as montanhas, ao sul da Aranthea. Planejava desenvolver sua afeição pela música com um estudio de gravação.

Ele já tinha o pessoal. Um. O guarda novo de Pink. O guarda que tinha estado destinado a Pink depois de sua liberação, ao qual não tinham matado os arqueiros da baronesa, tinha-a seguido ao chalé.

Brevemente, Pink tinha pensado ordenar a Molera para que voltasse felizmente para sua vida passada. Mas o soldado de carreira não parecia ter uma vida passada de qualquer tipo, nem família para falar com ela. Ele se uniu ao pessoal de Danjer.

Danjer se alegrou ao saber que o homem tinha alguma experiência em fazer brandy.

Inclinando-se para baixo sorriu a mulher que estava a seu lado. Danjer compreendeu que provavelmente deveria comprovar o resto de sua nova propriedade mas estava muito contente nesse momento. Com ela a seu lado. Em sua casa. Só com ela.

Saxon enviou Molera a explorar as terras. Esta era uma propriedade grande. Com sorte, estaria fora muito tempo.

Os dormitórios estariam acima, disse-se quando alcançou sua mão e a levantou seus lábios, arrastando a boca devagar sobre seus dedos, deleitando-se no prazer de sua lisa pele contra seus lábios, bebendo da textura de seda de seus magros dedos.

Saxon tinha tido razão sobre ela. Não tinha um só lugar que não fosse suave. Com sua outra mão, atirou-a contra seu corpo e inclinando sua cabeça empurrou com seus lábios os dela deslizando sua língua em um pequeno beijo, na rosada e fina boca. Quando sondou suas úmidas curvas, começou a tremer, gemendo pela dor que sentia em seu pênis, enquanto planejava uma sedução lenta. Levaria-a escada acima e a tombaria sobre a cama. Sentando-se ao lado dela, tiraria a blusa das calças e a desabotoaria, tomando-se seu tempo, deixando a blusa desabotoada como um marco para seus coquetos peitos e seus impertinentes e rosados mamilos, antes de começar A desatar suas calças.

—É difícil —murmurou ela ao redor de sua língua. Ele assentiu.

—Desejo-te —lhe repetiu sussurrando—. Te desejo debaixo de mim, com meu pênis estirando sua vagina enquanto te cavalgo. Quero que estenda suas pernas para mim e que estas me abracem os quadris. Quero tomar como um homem toma a sua mulher. A mulher que ama.

O sapateio de uns passos sobre o chão de madeira interrompeu esta confissão sem fôlego.

—Até aqui a sorte.

Suspirando, Danjer se deu a volta para olhar a arcada, enquanto Pink aplaudiu seus flancos provocativamente.

—Não está mal para uma primeira casa —anunciou Saxon agradecido, dando um passo, atravessou o arco olhando para trás por cima de seu ombro a entrada. Jogando uma olhada ao redor do quarto comprido, cruzou o estou acostumado a banhado pelo sol para unir-se A seus amigos. —E... como se sente ser um Lorde?

—É agradável finalmente ser seu igual —Danjer lhe respondeu, sustentando os quadris da Pink selando-a o ventre contra a dura longitude de ferro de sua ereção.

Saxon esfregou uma mão sobre o fronte de suas calças de couro.

—Necessitará outra polegada se for a isso ao que vai!— Saxon riu quando Danjer pôs os olhos em branco, com um sorriso miserável curvando a acidentada linha de seus lábios.

Separando-se de Danjer, com um ligeiro franzido em suas expressivas sobrancelhas Pink perguntou:

—Você é um Lorde? Lorde Saxon? —perguntou com calada admiração.

—Sim —Saxon riu com uma torcida careta—. Mas nasci assim, assim logo que conta.

—A família do Saxon tem propriedades a todo o longo da costa —informou Danjer, fazendo uma careta incômoda quando colocou sua ereção a um lado.

—A costa? —perguntou fracamente—.Mas... adoro o mar.

—Teremos que fazer uma viagem então —Saxon sorria, seu olhar quente quando a olhou fixamente aos olhos—Desejo que conheça minha família, de todos os modos —ele vacilou, assegurando-se que tinha a atenção do Danjer— Possivelmente poderíamos nos casar também enquanto estamos ali —indicou com cuidado.

Quando Danjer se girou afastando-se sem comentar nada, Saxon continuou:

—Meus pais estarão muito agradecidos. Conseguirão a uma nova filha... assim como outro filho. Minha mãe quer especialmente a Danjer e ela te adorará, Pink.

Mas Danjer não teve uma ocasião de responder a esse comentário porque um esbelto homem se parou no arco pelo qual Saxon acabava de entrar. Danjer lhe jogou um olhar, antes de cruzar o quarto para a longa barra de alumínio pendurada na parede do este. Toda a superfície vertical da barra de metal estava gravada em relevo com uma detalhada cena de uma batalha comemorando alguma antiga vitória. Alcançando uma garrafa Danjer verteu a bebida.

—O que faz aqui? — perguntou-lhe quedamente.

—Estou cansado de ter medo —começou Jake — Eu não sou um soldado, Danjer. Eu não sou como você e como Saxon. Tive medo durante cada segundo de cada batalha em que alguma vez lutamos. Agora a guerra finalizou e... ainda estou atemorizado. Passarei o resto de minha vida atemorizado, me perguntando quando virá por mim para me matar —ele respirou fundo—. Se quer me matar faz-o agora, Danjer. Porque estaria mas bem morto que vivo passando o resto de minha vida com este temor.

Danjer sacudiu a cabeça lentamente quando se girou da barra, o curto copo na mão.

—Eu não te matarei, Jake. Possivelmente o teria feito, se Pink tivesse ficado ferida. Alguns homens nunca devem ir a guerra. Você é um deles. É um músico, não um soldado. Mas eu te direi algo a respeito de ti mesmo, Jake. Algo que não sabe —atravessando o quarto, pôs o copo na mão do Jake—. Ainda assustado como estava no vestibulo da baronesa, nunca tivesse permitido que Pink fosse danificada. E se a baronesa tivesse ordenado minha morte, você teria dado um passo entre seu arqueiro e eu. Houvesse feito o mesmo pelo Saxon.

Jake pendurou a cabeça.

—Eu... eu quero pensar isso, Danjer.

—Obrigado pela verdade, Jake, quando lhe disse a baronesa que fomos músicos. E obrigado pela mentira, quando lhe disse que nós a mataríamos, desarmados —Danjer pôs a mão no ombro do jovem—. Desejo que lhe umas A meu pessoal, aqui na casa de campo. Eu te desejo na banda. Quero que nos unas rapidamente e com força.

Jake baixou a cabeça, sacudindo-a.

—Caralho —arranhou com voz rouca—caralho , é um bastardo Danjer —levantou sua cara e havia lágrimas nela.

—O que pensam os meninos a respeito do que aconteceu no Palácio de Cobre e sobre o que eu fiz?

—OH!! Infernos —Danjer bufou— Eles pensam que nós quatro planejamos tudo, para entrar no palácio e tirar a baronesa dali.

Por vários segundos Jake pareceu que se enrugaria.

Muito resolutamente, Danjer continuou sorrindo.

—Obrigado —disse Jake ao final. Levantando sua bebida, atirou o licor por sua garganta então, pôs o copo na mão do Danjer, agarrando-o por vários segundos logo se girou e atravessou a perna do quarto. Danjer soltou um suspiro e olhou ao Saxon, a silenciosamente ao lado dele.

—Ele é só um menino —lhe disse Danjer.

Saxon cabeceou para o arco.

—Considero que ele morreria agora, antes de permitir que algo acontecesse a ti ou a algo teu. Penso que acaba de fazer do Jake um homem valente.

Danjer esteve calado até que viu o arco vazio. Os segundos se engrossaram e o silêncio se espessou. Seu pênis pulsava de maneira significativa, o ambiente na habitação se espessou devido à expectativa. Tomando um lento e comprido fôlego foi soltando o ar pouco a pouco. Soube-lhe como o sexo. Por último Saxon rompeu o tenso silêncio.

—Ainda não provaste o dormitório?

Danjer sacudiu a cabeça.

—Estava me esperando? —retumbou o loiro com uma voz sensual.

—Você o deseja? —perguntou Danjer com um áspero grunhido.

—Não pensa que nós deveríamos?

Danjer se esforçou por sorrir quando Saxon se moveu entre a Pink e ele, pondo seu dourado e comprido corpo contra dele e levando-a pelo cotovelo lentamente, afastando a do Danjer para o arco aberto. Olhando-os com os dentes apertados, Danjer sentia seu sangue espessar-se e sua respiração acelerar-se. Seu pênis estirando-se e pulsando dentro de suas calças de couro. Quando eles desapareceram pelo arco os seguiu, lhes alcançando entre o arco e o pé da escada.

Agarrando pelo braço da Pink, Danjer a afastou de Saxon. Ele sabia que estava equivocado, mas se ressentiu com o Saxon. Ressentido por sua presença em seu lar. O lar que nunca tinha tido. Sabia que não devia sentir-se assim. Que não tinha o direito de sentir-se assim. Saxon sempre tinha compartilhado tudo o que possuiu com ele, sem pensar nisso. Sem sequer dar-se conta de que o deixava.

Inclusive Pink.

Mas Danjer entretanto, se ressentiu. Isto era seu lar. E queria tomar a sua mulher em seu lar, em seu dormitório. Só, com a mulher amava.

Jesus céus, desejava-a. E por esta vez nada mais, não queria a Saxon ao redor. Só por uma vez queria fingir que Saxon não existia. Que só estavam Pink e ele.

Somente ele reclamando-a com o martelar de seu pênis.

Atirando a Pink contra seu corpo, Danjer inclinou sua cabeça para trás e cobriu sua boca com um beijo de marcação. Segundos mais tarde, perdeu-se em seu sabor e textura, arrasando sua boca avidamente, empurrando a língua pelos lábios para reclamar o oco úmido com total dominação masculina. Não deixando abertura para que seu melhor amigo colocasse pé.

As mãos se moviam inquietas e possessivas por suas costas, reclamando-a como própria, marcando-a com áspero agarre, agarrando-a o ânus e apertando os curvos globos com as mãos quando atirou apertando-a contra a parte baixa de seu corpo moendo sua grossa ereção em seu firme ventre. Dedicando-se esta a apaixonada agressão gemia impotente enquanto continuava com o beijo, exigindo seus lábios, dominando sua boca, com mãos se desesperadas procurava cegamente um atalho por sua roupa. Pingando no delicado Top de algodão que ela tinha metido em suas malhas, gemeu como um viciado impotente, drogado pela luxúria, seu pensamento tão afastado que não podia esclarecê-lo suficiente para entender coisas tão complicadas como botões e fechamentos.

Então torceu a boca sobre a sua, esfregando os lábios em um beijo úmido boquiaberto, as mãos ansiosas se roçavam contra grandes dedos masculinos. pouco disposto a reconhecer a presença do Saxón, ignorou o toque transgressivo deste e voltou a colocar os lábios em cima dos seus tragando um fôlego lhe solucem. A próxima vez que abriu os olhos, os seios e uns impertinentes mamilos estavam nus, olhou-os finalmente maravilhado.

Aturdido e agradado por encontrá-los expostos e preparados para seu alcance, cavou suas mãos ao redor deles adorando-os, então baixou a cabeça para chupar um mamilo inchado brandamente entre seus dentes. Ela gritou e se arqueou em seus braços quando capturou seu mamilo com a língua e jogou com o broto rígido contra o paladar. Quando ela choramingou, abriu os olhos para olhar sua cara, logo baixou seu olhar outra vez ao montículo de perfeição que eram seus seios e à cor rosada que tinha florescido neles devido ao roce de sua barba sem raspar contrastando com a palidez de sua pele.

Na periferia de sua visão, era vagamente consciente de mãos grandes que se deslizam para baixo por suas pernas, mãos que estavam ligeiramente salpicadas de um fino pêlo dourado, empurrando suas calças por suas pantorrilhas e levantavam os delicados tornozelos livres de suas malhas.

Sua roupa caía.

Pela neblina carnal que empanava sua mente, era apenas consciente de como isto estava passando. Tudo o que sabia era que sua roupa lhe era tirada. Era tudo o que lhe importava.

Então, esteve ao fim nua. Belamente lisa e sedosa onde quer que a tocava com suas mãos que se deslizavam por toda parte que podiam alcançar, absorvendo seu calor de cetim com as palmas abertas. Seu pênis pulsou, uma massa da dor estrangulada dentro de sua roupa de couro, de repente se obcecou com uma necessidade singular. Quis fecundá-la. Quis estirá-la em seu corpo e estacá-la com seu pênis, a carne te pulsem enterrada até a raiz, profundamente dentro de seu quente e tremente vagina. Desejava-a com uma urgência animal que não podia negar nem podia controlar.

Imediatamente.

Aqui e agora.

Em meio da entrada.

Devagar, ela ia a deriva longe dele e, sem compreendê-lo, ele ia com ela, detrás dela, guardando seu corpo contra o seu, seus lábios em sua boca e sua língua sondava agitadamente entre seus dentes,

usando-a para possuir sua boca do mesmo modo que queria possuir sua vagina. Era como se tivesse uma correia. Como um animal preso a uma cadeia ofegando e quase espumando, louco pela necessidade de possuí-la, mas a correia o impedia.

Como um jovem novato escravizado pelo aroma de um vagina virgem, Danjer seguiu a sua mulher através da entrada ladrilhada, agarrando seus quadris e rogando pelo instante em que ela o incitaria lhe apresentando o vagina pedindo ser montada. Mendigado em silencio ela empurrou seu sexo nele. Para ser fodido duramente. Dando o sinal para montá-la e conduzir seu pênis acima por sua terra rachura através de sua vagina. Tragando o ar que atormentava seus pulmões, Danjer a seguiu quando Saxón a afastou dele.

Bruscamente, seu pés tropeçaram com a escada e tomou um fôlego ofegante quando caiu de bruços no segundo degrau. Assustado, encontrou-se com sua cara no peito, olhando para os inclinados peitos de um rosa delicado. Quando baixou o olhar, encontrou as coxas estiradas sobre Saxón que estava sentado na escada. Vagamente, perguntou-se quando Saxón tirou sua roupa de couro. O guerreiro dourado a tinha apanhada em seu colo, olhando para o fronte, as pernas estendidas sobre as musculosas e grossas coxas abertas do guerreiro. O vagina foi estirada indecentemente amplo, os lábios profundos e rosáceos, separados em um erótico convite.

Sufocando um gemido de necessidade, Danjer se moveu entre as pernas estendidas do Saxón, alcançando a carne úmida com a mão, arrastando um dedo lentamente pelo fogo molhado, dobrando e estirando dentro de sua preciosa vagina, reunindo seu mel escorregadio e fundido. Quando molhou um só dedo em sua abertura de relógio de areia, olhou sua vagina estacado contra o marco imenso do Saxon.

Necessitada e exposta, apanhada no êxtase, ela se retorcia ante ele. Tirou o dedo que revoava em sua vagina, começou a esfregar com os dedos mais alto, por suas dobras para seus clitóris onde beliscou o pedacinho com cuidado. Sua quente e molhada vagina, fervia ao redor de seus dedos, dando a bem-vinda a seu toque, junto com seu aroma almiscarado, tentador e embriagador, enchendo o ar úmido entre seus corpos suarentos.

Ele respirava de forma lenta e desigual, enchendo seus pulmões com o aroma único, condimentado de seu doce sexo, cheirava e sabia como uma promessa do céu, fragrante e misteriosamente aditivo, parecido a um licor antigo, embriagador. Perdido em um transe sexual, uma bruma de total necessidade, queria mais. Queria seu gosto sobre sua língua. Queria enterrar sua cara em sua vagina e lambê-la enquanto gozava. Deslizando-se para baixo um degrau, moveu sua cara entre suas pernas e abriu sua boca.

Na distância ele era consciente da pergunta do Saxon:

—Quer ajuda Pink?

Sentindo como ela sacudia a cabeça justo antes de que Saxon gritasse:

—Danjer!

Quando a profunda voz masculina se meteu em seu estupor produzido pela luxúria, Danjer vacilou. Lambu seus lábios com ânsia e olhou a vulva que brilhava, a umas polegadas de sua boca. Seu cérebro nublado pelo sexo aproximou seus lábios ao profundo e rosada vagina, chamado pelo aroma do delicioso arifício.

—Danjer! —repetiu-lhe Saxon—. Isso não.

Danjer sacudiu sua cabeça, sentia-a pesada e brumosa como com afrodisíacos.

—Enloqueceste —murmurou enquanto fixava a vista na atrativa entrada que derramava seus sucos. Seu aroma enchia seus sentidos e como uma traça, foi direto a sua combustão, para a chama molhada.

E havia mais. Um pouco mais cru, queimando que a dor da fome. Da neblina de pura necessidade que nublava sua mente e turvava sua visão, Danjer via este passo como uma saída. Um caminho para a felicidade pelo esquecimento. Provar à diabinha correndo-se e seria livre. Ao fim, sem o ressentimento de má vontade e a invejosa avareza que tinha estado perseguindo-o desde que tinha posto os olhos sobre ela. Um beijo e alcançaria a aceitação, sua própria aceitação do homem com o que sempre teria que compartilhar seu amor. Com a boca aberta, tocou seus lábios para sua fenda.

Imediatamente o punho do Saxon agarrava seu queixo.

—Não te deixarei fazer isto —lhe disse Saxon— Tira seu pênis —lhe sugeriu cuidadosamente—Possuí-la.

Com os olhos pegos ao vagina da Pink, Danjer tratou de sacudir da perssão e liberar-se aproximando sua boca outra vez das rosáceas dobras colocadas entre os lábios de seu sexo.

—Pink diga o ordenou Saxon com uma voz de repente tremente— Lhe diga que quer ser montada e fodida.

—Se —desesperada Pink soluçava, com rota voz. Os olhos do Danjer se fixaram em sua cara quando ela lutou da pressão pelo Saxon— Me Monte, Danjer. Não quero seus beijos. Quero seu pênis.

Piscando com incerteza, sacudiu sua cabeça, Pink se retorcia sugestivamente dentro dos braços do Saxon.

—Quero que me possua —lhe pediu—. Quero seu sexo enterrado dentro de mim.

Bruscamente, a decisão de beijar-se ou foder foi arranco das mãos de Danjer quando Saxon se levantou e a girou. Um fogo repentino de cólera se levantou dentro dele quando Saxon se fez com o mando e o controle da situação sem contar com ele. Os joelhos do Saxon estavam agora entre as pernas da Pink, as empurrando abertas, ela estava em pé no chão ao final da escada. Danjer grunhiu olhando ao Saxon que estava beijando-a na boca antes de que pressionasse sua cara mais abaixo, em sua virilha.

O olhar fixo do Saxon era inflexível quando cravou seus olhos no Danjer.

—Possu-a —lhe ordenou.

Terá que foder. Amaldiçoou ao Saxon por sua interferência.

Os olhos do Danjer se estreitaram sobre seu amigo.

—Bem —lhe disse finalmente, com frieza. Agarrando com suas grandes mãos ao redor dos quadris da Pink, Danjer deu um puxão a sua parte posterior para ele. Empurrando com os pés entre os seus, impulsionou suas pernas para que se abrissem mais. Com seus olhos pegos a suas dobras enquanto separava o mais possível as pernas, olhava sua vagina reluzir alargando-se, agarrando ambos os globos de seu ânus, separando suas bochechas e estirando o ânus e o vagina mais amplamente, via como a umidade juntada na base da atrativa fatia gotejava, brilhante, na costura de seu sexo.

Atirando de sua braguilha a abriu e empurrou seu suspensório para baixo, tirando sua pesada e escura ereção, então retirou os quadris e agarrando seu pênis passou a cabeça desta, pelo estremecido e molhada vagina. Encaixou a cabeça larga e escura contra sua entrada, esfregando o suave e molhado veludo de sua vagina com a zangada e dura cabeça de seu membro .

—Bom —murmurou com um profundo grunhido— Você o pediu.

Permitiu que as bochechas se alviassem ao as deixar fechar-se ao redor de sua lisa cabeça logo aplaudiu suas traseira e suas coxas. Logo voltou a passar suas mãos pelas bochechas de seu ânus.

Outra vez encontrou o olhar fixo do Saxon.

—Mas desejo que ela olhe isto.

Pink ofegou quando Danger apertou a quente largura da cabeça de seu pênis contra sua abertura. Com um soluço de alívio, ela frisou a língua ao redor da ponta da pênis do Saxon, inexplicavelmente agradecida pela intervenção do homem grande. Saxon tinha distraído ao Danger e o tinha detido de tomar o beijo que o ataria a ela tão completamente, como ao guarda desgraçado e zombi que a tinha seguido do Palácio de Cobre. Arraigando a ponta da língua na abertura na cabeça, ela chupou as primeiras e largas polegadas do Saxon. Mas Saxon apartou a boca de seu pênis. Quando se separava de seu queixo, ela alcançou seu pênis com a língua, lambendo a salgada umidade da ponta embotada.

—Não quer ver isto? —perguntou com gentileza—. Não quer ver como Danger te monta?

Agarrando o lábio inferior entre os dentes, elevou os olhos e viu o carinho com que Saxon a olhava, um instante depois girou a cabeça para olhar por cima do ombro. Poderia ter beijado a ambos os homens por permiti-la seguir seu impulso lascivo. O cabelo lhe tampou um olho e ao momento sentiu os dedos do Saxon retirando a comprida mecha fora de seus olhos. Danger enganchou seu morno olhar dentro da luz violeta da sua. Sacudindo a cabeça, o cabelo suarento caiu por seus ombros, ao baixar o olhar observou como se engrossava seu pênis na pequena vagina.

Pink sentia como a delicada pele de seu pequeno canal se estirava ao empurrar nela, ouviu um grunhido de masculina aprovação quando a grossa raiz raspava na sensível pele, que rodeava sua faminta fatia. Durante muito tempo ele seguiu empurrando seu grosso eixo. Quando golpeou acima contra sua nuca, ela perdeu controle. Ele ficou quieto detrás dela com a cabeça de seu pênis assentada no mais profundo de sua vagina, ao girar-se e ver sua cara ela se perdeu em um delírio de luxúria. A expressão do Danger era de escuridão, de fome evocadora ao ver como seu corpo se retorcia contra sua verga. Os dedos escavaram seus flancos e começou a possuí-la duramente, enterrando sua cara de novo no regaço de Saxon ela entrou em um orgasmo aberto e interminável.

Os olhos do Danger despediam fogo enquanto martelava os quadris com fortes investidas, sentindo as pulsações do orgasmo interminável dela em seu pênis. Tirou várias polegadas de sua verga, para penetrá-la outra vez com força e profundidade.

—Você o pediu —lhe grasnou respirando em ásperos ofegos— Saxon —lhe grunhiu— seus clitóris.

Pink sentiu a mão do Saxon lhe esfregando sobre seu montículo e separando seus lábios. Os dedos do Saxon manipulavam o clitóris e Danger a esmurrava com as bolass, a cabeça gorda da pênis

se alojou contra o mais profundo de sua vagina, Pink chiava e se retorcia por chegar ao final de seu orgasmo. Instintivamente, ela se balançou para encontrar-se com seus impulsos. Então começou a castigá-la com golpes largos, duros e profundos, depois afundou seus polegares profundamente nas suaves bochechas de seu ânus, as abrindo e as estirando ao máximo, montando-a asperamente, levando-a ao bordo de um prazer abrasador.

Ela gritou desesperadamente quando ele a sustentou ali, apanhada para sempre ao bordo de um prazer demolidor, quando penetrou nela com uma intensidade animal absolutamente brutal. Ao mesmo tempo, Saxon lhe sustentava sua cabeça no colo, os quadris brandamente ondulantes enquanto esfregava seu grande pênis contra a úmida cara e seus dedos dançavam em seus clitoris.

—Danjer —Pink ouviu Saxon sobre o cru som de seus impotentes gritos intervir— Permite-a gozar-se.

—Não interfira —chiou Danjer entre ofegos enquanto seguia amassando contra ela— Ela o pediu. Você, ambos o quiseram

Saxon grunhiu lhe advertindo.

—Dá-lhe seu dedo, Danjer. Agora! Ou lhe darei o meu pênis.

—Você não estará entre nós Saxon! Não esta vez!

—Pois para isto, Danjer! está-a torturando.

—Ela o pediu —disse Danjer entre dentes, seguiu conduzindo-se contra ela, quase vencido pelo ressentimento, olhando esforçar-se a Pink entre suas mãos, seu corpo atormentado por convulsões eróticas.

—A esta castigando.

Castigando-a pela presença e a interferência do Saxon.

—Ela acaba de impedir que a beije! —gritou-lhe Saxon— De te encadear a ela!

—Não! —gritou Danjer, plantando seu pênis detrás de sua vagina e sustentando seu corpo brilhante pegando seu membro, as mãos descendo por seus quadris, uma capa de perfumado e quente suor, a recubria.

As seguintes palavras do Saxon foram espantosamente tranquilas.

—Faz-te isto se te sentir poderoso, Danjer? Por isso faz isto!

Saxon não se mofou, não, embora ele possivelmente podia fazê-lo. Não havia crueldade em sua voz. Havia só calada força. Amaldiçoou a Saxon por sua bondade. Fodido Saxon, podia ir ao inferno.

—Não! —gritou-lhe odiando-o por sua bondade e gentileza. Evitando encontrar-se com seus olhos. Envergonhando-se dele e suas ações.

—Danjer —disse Saxon com calma— me olhe.

Apertando com força seus olhos, voltou-os a abrir para encontrar o fixo olhar do Saxon que lhe repreendia.

—Não lhe faça isto.

Um zangado grito rasgou seus lábios, Danjer se empurrou contra Pink saindo-se dela, seu pênis se balançava pesado e molhado. Fulminando com seu olhar Saxon. Ofegando com frustração elevou uma mão para retirar o escuro cabelo da cara.

—Bern, Saxon —disse Danger atirando dele—. Faz-o a sua maneira —grunhiu. Com estas palavras, ele envolveu os dedos ao redor de seu sexo e começou a bombear seu pênis, cavalcando seu punho acima e abaixo por toda sua longitude até que um jorro de brilhante sêmen se derramou.

—Quer fode-la sem mim? —gritou-lhe— Adiante segue! —rugiu.

Saxon lhe lançou um severo olhar de recriminação, sacudindo a cabeça agarrou Pink e a sustentou outra vez em seu colo. O corpo pálido e esbelto se retorcia enquanto Saxon a estirou em seu corpo pela segunda vez. Recostou a cabeça no ombro de Saxon respirando em pequenos e rápidos ofegadas, girando sua cara os lábios se moveram contra o grosso e passado os braços no pescoço do Saxon.

O quarto pareceu obscurecer-se quando Danger parou no fundo da escada, as pernas completamente separadas, a pênis na mão, o corpo esmagado com uma escura necessidade, suas emoções ainda bordeando com a ira e o ressentimento ao olhar o pequeno beijo da Pink contra o pescoço de Saxon, o coração lhe rompia de remorso quando olhou para baixo, A sua flacidez, isto desbastou seu corpo. Com cuidado, Saxon relaxou as pernas outra vez.

—Isto não é do que se trata, Danger. E sabe. Vêem —lhe disse Saxon—. Faremos isto juntos. Possuí-la o mesmo que a amas, brandamente —lhe recordou.

Com os instintos cautelosos de um animal repreendido, Danger se refreou, fixou o olhar na úmida cara da Pink, na cabeça recostada sobre o ombro do Saxon. Seu tranqüilo olhar levantado fazia ele, desfazendo-o pela compreensão e a aceitação que encontrou no resplendor verde e generoso dos olhos, o amor incondicional, singelo, brilhava com luz intermitente nas profundidades caladas de seu olhar lhe perdoadando.

—Pink —grunho em uma crua suplica. Esperava que soasse como uma desculpa, porque seguro como inferno que o sentia assim. Essa só e difícil palavra se sentia como se o tivessem rasgado a alma e quebrada o coração.

—Danger —lhe respondeu ela com um lânguido sorriso— Vêem.

Embora Danger tivesse lutado para negar-se a ordem de Saxon, não podia negar-se a mulher. Não podia negar-se a Pink. Não podia rechaçar a brilhante e rosada abertura de sua vagina e seu calor molhado, a promessa de liberação na bridadeira apertada de seu canal, culminando. Necessitava seu fogo de veludo rodeando seu eixo. Aproximando-se das pernas abertas, deslizou a cabeça da pênis pelos lábios inchados do vagina, para a entrada escorregadia. Tentava cegamente quando Saxon a elevou para facilitar a penetração, então pouco a pouco várias polegadas foram penetrando no estreito canal enquanto a deslizavam fazia abaixo.

Ela enlouqueceu de repente quando Saxon a penetrou e Danger a perdeu. Estrangulando-se com a necessidade, Danger deslizou a mão entre as pernas, tocando-a desesperadamente, procurando a pequena abertura com os dedos que patinavam pelas molhadas dobras, raspando de uma vez contra os áspers e úmidos testículo do Saxon.

—caralho —grunhiu fora de si com frustração, tratando de montá-la. Então a mão do Saxon estava na base de seu sexo, cavando suas bolas. Saxon o alcançou sob sua própria perna e o alinhou a

pequena abertura. Os dedos de Saxon o enrolaram firmemente entre as pernas abertas da Pink e introduziu o pênis do Danjer em sua vagina.

Estrangulando um grito cru de alívio e prazer, Danjer se afundou dentro dela. A chamada mais cedo de Saxon de atuar com precaução e calma se perdeu quando Danjer começou a conduzir-se contra ela, atirando de seus quadris e fechando-se de repente nela quando Pink se sentou empalada no grosso pênis de Saxon. O gigantesco loiro sustentou seu sexo de duro aço parecido no corpo dela, que se retorcia sobre ele para receber os impulsos selvagens de Danjer, sua vagina se estirou e ampliou colocando-se onde Danjer poderia esfregar mais forte, quando dobrou os joelhos e se dirigiu contra ela.

Uma e outra vez, Danjer martelou em seu canal quente, com as mãos se agarrava as coxas suadas do Saxon justo por cima dos joelhos, a cabeça arredondada de sua glândula subia e baixava para baixo pela longitude do eixo do Saxon até que este rugiu e gozou, ao momento Pink chiava e gozava ao mesmo tempo. Tudo estava incrivelmente quente e molhado, o pênis do Danjer foi banhada no feminino mel da Pink e a ejaculação liberada do Saxon. Dando um puxão aos quadris, penetrou nela uma última vez e começou a gozar rápido e duro dentro dela, afogando-se inclinou para frente unindo seus lábios aos do Saxon, para depois enterrar sua boca contra o pescoço da Pink.

Os lábios do Saxon se moveram contra Danjer enquanto este seguia correndo-se em difíceis quebras de onda. Tremendo chupava na delicada carne da Pink, quase vencida pelo excesso de emoções. A mão do Saxon embalava sua cabeça e com a boca aberta fazia uma úmida linha através da mandíbula do Danjer. Sentindo-se drenado ao ponto de esgotamento, Danjer exalou um fôlego profundo e levantou a cara do pescoço da Pink. encontrou-se o fixo e verde olhar de Saxon que lhe perguntou com solene expressão:

—Está bem?

Danjer não respondeu porque não sabia. Nunca havia sentido tão fodidamente confundido em toda sua vida. odiava-se a si mesmo pelo que tinha feito com Pink. Pelo que quase tinha feito. O orgasmo foi intensamente prazeroso. Mas quanto tempo pode uma mulher culminar sem voltar-se louca? Quanto tempo se podia estar agoitando-se até a morte empalada ao pênis de um homem? Odiava a Saxon por ser o forte. Ao mesmo tempo que amava a Saxon mais que nunca.

O grande, bom e aprazível Saxon que tinha tomado o controle quando tinha sido necessário. Quando Danjer se perdeu na luxúria e a ira, na violenta necessidade de deixar sua marca na moça, Saxon se manteve fresco e sereno lhe ajudando com firmeza a encontrar o amor profundo enterrado em sua luxúria, lhe recordando a devoção que disparou sua violenta paixão. Saxon o tinha parado quando ele poderia havê-la prejudicado. Pelo que ia estar para sempre agradecido. E lhe tinha parado antes de que ele pudesse prejudicar-se a si mesmo. Quando Danjer se dispôs a sacrificar seu livre-arbítrio, Saxon tinha tomado o mando com firmeza, lhe impedindo de adotar essa medida irrevogável, enquanto ele estava cegado por sua necessidade carnal envolto em um estado febril de luxúria impulsionada pela antecipação.

Danjer gemeu enquanto se esfregava a queimação em seus olhos apoiado na têmpora da Pink.



O pior disso foi a consciência de que ele não poderia fazer isto sem Saxon. Que não poderia amar a Pink sem a força de seu melhor amigo para protegê-los. Por desgraça, não pensou que a poderia amar com seu melhor amigo.

Tais pensamentos o levaram de novo a seus passos anteriores... o beijo da diabinha, quanto mais pensava nisso mais se convencia que era a única saída.

CAPITULO 15

Passaram o resto da tarde juntos, andando pelos caminhos da nova propriedade de Danjer. Saxon sustentava a mão da Pink quando Danjer os arrastou mal humoradamente. Pink lhe deu espaço e tempo, esperando ter mais tarde um momento em privado. Não conseguiram esse momento até o final do dia. A noite encontrou a Pink com o Danjer no dormitório que ele tinha eleito para si mesmo. Tinham deixado ao Saxon na cozinha. Tinha prometido o jantar em uma hora.

—Pode cozinhar Saxon? —perguntou Pink a Danjer.

Danjer apoiou seu traseiro nos armários largos e baixos, construídos sob as largas janelas de cristais tintos, que atravessavam a parede sul de seu dormitório. detrás dele, os céus estavam escuros como uma tormenta que se junta no este, preparando-se para fazer uma carreira para o oeste. Embora ela estava a poucos pés de onde se apoiava contra o gabinete, Pink sentia que uma grande distancia os separava. Algo tinha mudado e isto a assustava. Algo tinha mudado quando tinha atuado para lhe deter, ao tomar aquele beijo alterando sua vida, quando o tinha empurrado para montá-la na escada.

Tinha medo das emoções que tinha desatado nele, não o lado escuro de sua natureza, não. Em vez disso, temia o modo escuro, implacável, mal-humorado de sua personalidade. Temia que tivesse feito algo pelo que não pudesse ser capaz de perdoar-se a si mesmo. Algo que não fosse capaz de esquecer ou deixar atrás. Ao mesmo tempo, perguntava-se com que frequência esta situação se voltaria para repetir no futuro com o Danjer lutando por superar suas escuras emoções e a luta de seu instinto de dominação.

Tinha estado tranqüilo e distante durante toda a tarde, assustou-se. Tinha medo da tensão que o rodeava como um sudário negro. Medo da tensão que sua presença punha em sua relação com o Saxon. Medo de perdê-lo. Medo de perder aos dois.

Aproximando-se dele, tocou seu braço.

Deu um coice a seu tato, como se tivesse esquecido que ela estava ali.

—Pode Saxon cozinhar? —perguntou de novo.

Atraindo-a entre suas pernas estendidas, deslizou a mão dentro de sua blusa de algodão para acariciar seu anel no ventre com seu polegar. Durante vários segundos olhou o movimento do polegar sobre a pedra brilhante.

—Memorizou algumas receita —disse distraído— Estará bem enquanto não haja nenhum ingrediente como... estragón ou manalasta.

—E se o há?

—Subirá aqui e pedirá ajuda para recordar.

Danjer ficou calado outra vez enquanto continuava acariciando com o polegar sobre a covinha do ventre. Tinha os olhos abatidos e sua expressão afiada com o descontentamento. Por último, falou.

—Saxon é... gentil —indicou.

Ela assentiu em resposta

—Ele é suave contigo —outra vez ela cabeceou.

—Eu deveria ser mais suave —indicou, seu olhar infeliz encontrando o seu.

Ela sacudiu a cabeça rapidamente.

—Eu gosto como Saxon faz o amor —disse brandamente— Mas adoro a maneira com a que você... toma. Adoro sua paixão e inclusive sua violência. eu adoro seus braços ao redor me estreitando. Eu gosto de sentir seu pênis dentro de mim, pulsando contra meu ponto escuro, me rasgando em submissão para o orgasmo... — sorriu brandamente, rastelando seus dedos através da escuridão de seda de seu espesso cabelo— Por favor, não peça desculpas pelo que aconteceu esta tarde. Eu adorei o que me fez. Desfrutei de cada longo e angustiante segundo disso.

Danjer sacudiu a cabeça.

—Não só é isso —lhe disse—Desejaria te amar da maneira que Saxon te ama. Eu gostaria de poder te compartilhar com a generosidade que ele o faz. Não entendo como pode fazê-lo. Como pode te compartilhar comigo sem querer... me matar —lhe disse a com ironia.

—É que não o vê? —perguntou-lhe, inclinando a cabeça, tentando capturar seu olhar— Não compreende, Danjer? Saxon te ama.

Uma emoção sem nome tremeu atravessando os duros contornos de sua formosa boca, antes de endurecê-la em uma severo careta.

—Não mais do que eu o amo. Mas isso não me detém de querer destruí-lo quando te toca.

Pink sacudiu a cabeça.

—Não entende. Saxon não me compartilha mais do que compartilha a ti. Ele te ama tanto como a mim. Quando me faz o amor, também lhe faz isso a ti. Saxon nunca consideraria a possibilidade de tomar só para ele. Ele reza por não trair seu amor por ele... ou o que ele sente por ti.

Danjer a olhou fixamente com incerteza.

—Não —lhe disse— Saxon é tão... masculino como eu. Saxon não me ama. Não da maneira que diz. Seguro que não.

—Compreendo o que trata de me explicar, Danjer. Mas estou convencida que há mais de uma classe de amor.

Lhe tirando o cabelo dos olhos e sujeitando-lhe detrás da orelha, Danjer procurou seu olhar. Enquanto acariciava com seu áspero polegar a casca de sua orelha, ela acreditou ouvir o fecho da porta. Inclinou sua cabeça para escutar mas nesse mesmo momento um estrondo longínquo de trovões encheu o quarto.

—Isso não o faz diferente —Danjer disse finalmente— Nada disto marca uma diferença, porque nada faz que seja mais fácil te compartilhar —disse, um sorriso triste marcava os duros rasgos

de sua boca— Cada vez me faz mais duro —sacudiu sua cabeça— Eu não quero perder a Saxon. Mas... acredito que não posso te compartilhar mais —riu silenciosamente sem humor— Mais? Não quis te compartilhar do primeiro momento.

Seu coração quase parou.

—Me estas pedindo que escolha, Danjer? Que escolha entre você e Saxon?

Pergunta-a pareceu lhe surpreender.

—Não —murmurou rapidamente— não. Estou te pedindo que me deixe me atar a ti.

—Danjer!

—Não. Escuta. me escute até o final antes de te negar — parou um momento, sua formosa e crua cara preocupada enquanto pensava em seu argumento— Te amo Pink. Faria algo por ti de todos os modos, ainda sem o beijo da diabinha. Faria tudo por sua felicidade, não vejo então, que diferença pode haver se te provasse. Não sei como alguém seria capaz de diferenciá-lo. A única diferença seria que... eu poderia ser feliz. Ou ao menos estar contente. Saxon é meu melhor amigo. Não posso te separar dele —lhe explicou em voz baixa—Se soubesse... meus sentimentos, estaria em seu magnabike e fora daqui. Sei que sacrificaria sua própria felicidade pela minha. Não posso permitir que faça isso. E não só por causa de seu... sentido da justiça —separando os braços do corpo os estendeu— Não é justo lhe fazer isto. Nego-me a lhe deixar fazer esse sacrifício.

—E entretanto, sacrificaria seu livre-arbítrio.

—Que diferença pode haver?

—Não sei —argumentou— E... se já não te amar?

Seus olhos se alargaram com surpresa.

—O que?

—O que devo fazer se eu não gosto do novo Danjer? O Danjer sem livre-arbítrio. O conteúdo Danjer, que me ame sem paixão ou ciúmes, que não me adule ou me adore. Que nunca discuta comigo ou me exija nada em troca. Que nunca seja impaciente, cínico ou zangado. Que não tenha bordos ásperos. Danjer... —lhe sussurrou brandamente, arrastando sua mão pela pele escura que se estirava sobre seus robusto bíceps—. Danjer, se soubesse. Se só soubesse quantas vezes desejei um momento tranquilo, silencioso e privado contigo. Como tive saudades disto para nós. Não é que não ame ao Saxon, porque o faço. Mas as vezes somente quero estar contigo. Despertar ao seu lado e te olhar com a palidez do alvorecer, esperando que o sol da manhã se derrame na habitação em uma brilhante esteira de luz. te olhar a cara antes que desperte, e ver como excursões para mim quando abre os olhos, compartilhar palavras sussurradas, segredos, pensamentos privados. A classe de coisas que não podem ser compartilhadas quando há... outros. Amo a Saxon —disse ela— Mas, também amo a ti, muito. Quero-te apesar da violência crua de sua natureza... ou possivelmente devido a isso. Não é suficiente... saber que me sinto assim?

Embora ainda franzia o sobreceixo, certa paz se refletiu na expressão do Danjer. Tendeu a mão para apartar a cortina de cabelo que protegia seus olhos e os examinou.

—Suponho que terá que valer —lhe disse brandamente.

Ao outro lado da porta do dormitório, Saxon soltou um fôlego retido, seus ombros caíram e se apoiou contra a parede. Apertou seus olhos fortemente fechados, sentia o coração como um pesado montão de chumbo em seu peito.

Havia algumas segredos que, para um homem, era melhor não saber. E ele teria dado algo, para não haver-se informado do que Danjer e Pink sentiam um pelo outro. Sabia que Danjer estava apaixonado. E soube que era a primeira vez para o Terrestre. Mas, Apesar da paixão do Danjer pela Pink e apesar de sua natureza agressivamente possessiva, Saxon tinha esperado de algum modo entrar na equação.

Porque ele estava apaixonado, também.

Seus ombros se afundaram um pouco mais enquanto um suspiro baixo assobiou entre seus dentes. Danjer nunca ia ser feliz enquanto tivesse que compartilhar o amor da Pink. E apesar da reclamação da Pink de amar a ambos os homens, Saxon sempre sentia que havia algo especial entre o Danjer e Pink. Estava seguro de que Pink nunca lhe amaria com a mesma classe de paixão elétrica que ela reservava para seu melhor amigo.

Em silêncio, amaldiçoou-se a si mesmo e a pergunta que o tinha levado acima. Se somente lhe funcionasse o cérebro, nunca teria subido a escada para perguntar pela palavra que tinha esquecido sua mente. Apertando os lábios com determinação, girou-se e deu um passo afastando-se da porta antes de parar-se de novo.

Danjer seguiria só, deu-se conta. Danjer lhe seguiria se ele partir. Voltando-se atrás para encarar a porta, contemplou-a durante vários segundos comprimidos. Finalmente apertando seus punhos e quadrando seus ombros, pegou um sorriso decidido em sua cara e empurrou a porta. Um forte rangido seguido de um retumbar embotado, anunciou as primeiras cruéis chicotadas elétricas da tormentosa tarde.

Encontrou-os juntos, Danjer estava agarrando o queixo da Pink, sustentando sua cara, seus lábios movendo-se com úmidos e largos beijos ao redor de sua boca, suaves murmúrios saíam de sua garganta. Saxon riu a gargalhadas e eles se separaram de um salto, a expressão da Pink culpado enquanto Danjer ficou a defensiva. Seis largas e decididas pernadas lhe bastaram para atravessar o dormitório, agarrar com uma mão o pulôver do Danger. lhe dar um puxão fazia ele, adiantar um pé, jogar para atrás o outro punho e lançá-lo a cara do Danjer.

Bifurcações as gema iluminaram com seus brilhos detrás da janela tinta. Houve um ruído surdo, embotado da pele ao rasgar-se junto com o grito de incredulidade da Pink. Danjer se cambaleou para trás, mas Saxon o manteve firme ao o ter fortemente sujeito com seu punho pelo pulôver.

Saxon riu.

—Sacrifício? Pensou que eu me sacrificaria por ti? Por isso? Por ela? —ele cuspiu— Pensou que eu me sacrificaria por um amigo infiel e esta pequena... pequena... insensível —tinha a garganta fechada e quase se estrangulou com a palavra cruel que não recordava.

Danjer limpou com o dorso da mão sua boca ensangüentada, fulminando ao Saxon com um olhar que pareciam adagas.

—Não faça isso! —gritou Danjer— Para, não diga algo que não poderei te perdoar. Não te atreva a dizer uma palavra contra ela, Saxon.

—Não se preocupe, Danjer. Não esbanjaria uma palavra em nenhum dos dois! Ao menos talvez para lhes dizer adeus —chiou ele.

—Sei o que está pensando, Saxon. Mas não a pode abandonar —Danjer replicou imediatamente— Te necessita tanto como a mim...

—Necessita-me como necessita o dedo do meio —Saxon cuspiu.

—fazia atrás Sugiro que o utilize para completar o circuito. Ou que utilize o suave extremo de um ferrolho de mola de suspensão. Isso deve valer! Enviarei o mais grosso que possa encontrar.

—Isso não é do que falo, Saxon, —Danjer se apressou para argumentar— Falo de todo o resto. Falo do que aconteceu esta tarde e do que quase aconteceu. Necessita-te, Saxon —lhe insistiu ele— Eu te preciso —adicionou com voz rouca.

Mas Saxon riu em sua cara.

—Se o que está fazendo Saxon —Danjer lhe advertiu, com voz se desesperada— Não permitirei que te sacrifique por mim.

Saxon riu outra vez e voltou a agarrar o pulôver do Danjer pelo peito.

—Não, não entende —raspou ele— Não tem a menor ideia o que faço. Aqui está seu sacrifício —Saxon grunhiu e flexionou para trás seu cotovelo pela segunda vez, vacilando um pouco quando se deu conta que Danjer não ia defender se nem proteger-se.

Chiando os dentes até que pensou que lhe romperia a mandíbula, Saxon relaxou sua boca. Pink pendurava do braço agressor, chiando seu nome, lançou o punho outra vez com toda a força que podia. A cabeça do Danjer se desprende para trás perdendo o conhecimento quando recebeu o murro do Saxon. No exterior, o céu retumbava e grunhia com zangado descontente. Saxon sustentou o corpo inconsciente do Danjer quando se desabou para o piso. Com suavidade, Saxon o recostou no chão, e estendendo dois dedos fazia seu pescoço comprovou seu pulso.

Durante um momento cruel, fixou seu olhar em Pink, que estava de joelhos ao lado do homem inconsciente, sustentando a escura cabeça do Danjer em seu regaço. Abriu a boca em um intento por dizer algo desagradável, mas só apertou os lábios juntos outra vez, incapaz de fazê-lo.

Sacudiu a cabeça.

—Adeus, Pink —grasnou, então girou rapidamente a cara e pôs-se a andar com grandes pernadas através do dormitório e a porta.

Fora se escutava o repico das primeiras gotas de chuva contra as janelas anunciando a tormenta... Horrorizada, Pink olhava fixamente a porta vazia. Então começou a esbofetear a cara do Danjer.

—Desperta, desperta, desperta —gemeu— OH por favor, Danjer. Desperta!

Ficando em pé de um salto, atravessou o quarto para agarrar um vaso com flores de seda do deserto. Jogando no chão a espuma das flores, correu para o Danjer e lhe lançou a água a cara. Com impotência, olhou fixamente seus olhos que continuavam fechados, caindo de joelhos agarrou seu pulôver pelos ombros. Gritando com grandes e profundos soluços, sacudia-lhe os ombros violentamente gritando seu nome. Fora houve uma rápida e intermitente sucessão de luz, então se

escutou o retumbar do trovão de acompanhamento. Mas isto, não ocultou o zumbido das portas da garagem ao abrir-se.

Danjer começou a abrir os olhos.

—Saxon —ofegou.

Imediatamente Pink começou a arrastar pelos pés, dirigindo-se para a porta. Como um zombi, sacudiu a cabeça quando ela atirou dele, lhe agarrando com seus punhos o pulôver. Tropeçou, e caiu de joelhos.

—Levanta, levanta, levanta! —implorava-lhe ainda atirando em seu pulôver.

—Pink! —ladrou, e apartando-a ficou em pé— Para! — Então, seus sapatos começaram a patinar pelo estuado acostumado a ladrilhado quando se lançou fora do quarto, para a escada, para baixar dois pisos mais abaixo, à garagem.

A ranhura da recarga de Saxon estava vazia e a porta de garagem fechada, Danjer se propulsou para baixo pela escada com Pink tentando alcançá-lo. Não vacilou quando encontrou a tocha enterrada no monitor de seu sistema de rastreamento. Arrancando o de seu console, arrojou-a a um lado.

—Suba —gritou sentando-se Escarranchado sobre sua moto, deixando cair na cadeira. Alcançando o console, jogou ao ar vários interruptores, amaldiçoou violentamente, escamoteou-os longe de sua posição e alcançou mais abaixo, a um lado da moto, para reiniciar o circuito diferencial. Pink o sentia respirar e como agüentava a respiração quando tentou arrancar de novo.

—Não! —quase gritou quando empurrou para trás a cadeira e ao abrir o compartimento de energia... encontrou o espaço quadrado com ranhuras, vazio.

— Bastardo! —gritou em uma fúria perfeita— Fodido bastardo!

Estirando a perna sobre o fronte de sua moto, sei lançou escada acima outra vez, voltando em menos de um minuto com um sortido de obleas quadradas de armazenamento resgatadas de vários eletrodomésticos da casa, nenhuma dos quais se ajustava a ranhura no compartimento de energia.

—Me dê seu colar, —ordenou-lhe rapidamente deixando cair um joelho ao lado da moto. Atirou dos fios de cobre e os arrancou de um puxão, separou-os com mão hábil e retorceu os arames de cobre junto com os quadrados raiados, introduzindo os conectores aos lados da oblea maior de armazenamento.

Advertindo sua expressão aturdida, disparou-lhe com um sorriso torcido. —Sempre terá que ter um plano de reserva —lhe disse—. E sempre manter um jogo de ferramentas perto.

Ela franziu o sobreceixo enquanto olhava trabalhar.

—Isso não será suficiente —lhe indicou rapidamente, alcançando para uma segunda oblea— Conecta-os em série —o instruiu.

Seguindo suas instruções, encaixou a ensambladura resultante no compartimento de energia. Quase imediatamente, tirou-o outra vez para enroscar e cortar os arames. Contendo a respiração, baixou o acerto a caixa de energia outra vez, deslizando os conectores raiados para baixo, Às saídas ranuradas do compartimento.

—Cruze os dedos —lhe disse.

Assentindo, ela se tornou atrás na cadeira da magnabike, deixando espaço para que ele subisse. Atirando de um interruptor, arrancou-a. Uma ordem de voz abriu a porta da garagem e se apressaram fora na negra noite, rasgada por relâmpagos. Atirando de outro interruptor quando saiu da garagem, uma antena curva saiu na parte traseira da magnabike, com o funcionamento estável do coletor, estalaram fora nas rajadas de chuva.

Durante ao menos cinco minutos, Pink permaneceu completamente em silêncio de modo que Danjer pudesse concentrar-se no rastro do Saxon. A chuva esfaqueava com flechas viciosas, cintilando no feixe de luz do farol da moto. Com o sistema de navegação para tormentas da moto, esta se estabilizou e virou bruscamente para evitar concentrações de energia elétrica.

Danjer fez um repentino virada a esquerda. Finalmente, Pink não pôde suportar mais o silêncio e transbordando de ansiedade, atreveu-se a lhe perguntar.

—Pode ver seu rastro?

Com os olhos no chão, Danjer cabeceou sem falar.

—Aonde vai?

—A nenhum lugar —Danjer falou sobre seu ombro— Reto, a nenhum lugar.

—O que significa reto a nenhum lugar?

—Ele não tem seu sistema de navegação de tormenta. Viaja de linha reta.

—Mas vai se matar! —gritou em voz rouca, sua voz ainda rasgada pelas lágrimas anteriores.

Danjer assentiu e aumentou a velocidade.

—O que é o que vê? —perguntou-lhe depois de vários momentos em silêncio.

—Insetos —lhe disse.

—Insetos?

—Insetos —repetiu, reduzindo a marcha de sua moto ligeiramente quando explorou a terra—

Insetos de areia. Quando as motos passam sobre a terra, trocam o campo magnético. Os insetos não sabem abaixo. Eles emanam da terra e se cambaleiam parecendo bêbados um momento antes de que possam reorientar-se. A metade deles morre antes de poder retornar sob a terra, no sol quente ou a noite fria ou a tormenta úmida.

—Sigo os insetos mortos.

—Mas... como os pode ver em eYona? —demandou, olhando fixamente no chão e não ver nada— Eles são diminutos! Não maior que o mais pequeno dos calhaus.

Danjer cabeceou de acordo.

—Eles são verdes —lhe disse.

—Verde? O que é verde?

—É uma cor —lhe disse Danjer.

Pink sacudiu a cabeça na confusão.

—O que é a cor?

—Os terrestres podem ver em cores —explicou Danjer brevemente—. Os eYonans não podem. Por isso eu sou melhor rastreador que Saxon... e que cada eYonan do planeta —sacudiu a cabeça— Vejo as coisas de forma diferente que você. Os insetos da areia são brilhantes, fluorescentes, de uma

viva cor verde, destacam-se como se fossem... incrivelmente de luz ou densamente escuros. É como... seguir um raio de luz. A cor se apaga com o tempo, é obvio. Mas isso acaba me ajudando, restrição um rastro de outro, um rastro mais cedo de um posterior.

—Não acabam indo eles do caminho?

Ele se encolheu de ombros.

—Finalmente. Mas se o rastro é fresco, eu só necessito uns poucos para seguir.

Com esta certeza consoladora do Danjer, Pink posou a bochecha contra suas largas costas e apertou o abraço que lhe rodeava a cintura. O vento e a chuva aumentaram, caindo gotas cortantes sobre os ombros e as pernas, esbofeteando na roupa de couro do Danjer, ela olhava fixamente na escuridão.

—Quantos cores há?

—Milhares —respondeu— Três cores primárias, três mais secundários. Milhares de variações.

—De que cor sou eu? —perguntou-lhe ela.

Jogando sua mão para atrás agarrou sua perna.

—É rosada em sua maior parte —disse enquanto a apertava asperamente na coxa—. Como o diamante que leva no ventre. Seu cabelo é da cor brilhante do sol e seus olhos são verdes, da cor do bosque.

—Pensei que o sol era branco —se aventurou ela— Então seus olhos —balbuciou—devem ser da cor do fogo?

Ele sacudiu a cabeça.

—Mas bem como a cor do céu ou do mar.

Ela sacudiu a cabeça contra suas largas costas.

—Isso não é possível —lhe insistiu ela— Seus olhos... queimam.

A magnabike se desviou nesse momento quando um raio se estrelou contra o chão detrás deles.

—De que cor é o relâmpago? —perguntou-lhe.

—Em sua maior parte branco —respondeu—. E azul ao redor das bordas.

—De que cor são seus olhos? —perguntou-lhe depois.

—Azul —respondeu.

Com esta resposta ela assentiu com a cabeça, finalmente satisfeita.

—Danjer! —chiou Pink de repente. Mas ele já o tinha visto, uma magnabike caída sobre um lado e mais adiante a uma distância de trinta pés(12) uma escura figura enrugada no chão. Dirigindo seu magabike a direita, o farol do Danjer iluminou o grande corpo vestido em couro do Saxon amontoado com estupidez no chão. Com a luz do farol, a juba dourada do Saxon estava mesclada com uma cruel coroa de sangue negro. Um relâmpago cintilou e o sangue ficou vermelha por um duro e breve instante.

12 9 metros.

No momento que se apagou a magnabike, Pink se baixou e pôs-se a correr pela areia molhada para o Saxon, Danjer investigou a escuridão daquele pesadelo.

—Por favor —rezou sussurrando enquanto arrastava os pés como se tivesse chumbo neles, queria chegar a Saxon mas temia o que se pudesse encontrar— Por favor, não permita que ele esteja morto.

Perto dali, a negra noite foi partida por dois raios gêmeos bordeados de azul. Tragando duro, Danjer forçou a suas pernas a levá-lo onde estava Saxon. Nesse instante, soube que havia pelo menos outra coisa, que desejava tanto como o amor da Pink e isso era a vida de Saxon.

Seu estômago se apertava em feios nós quando viajava entre brilhos duros e dolorosos da memória, ásperas imagens relampejavam ameaçando a realidade. Saxon estava na terra, com sangue emanando pelo corte denteado em sua cabeça. Sua cara cinza. Seus olhos se fecharam.

Saxon estava na terra, sua cabeça no colo de Pink. Uma fenda profunda no nascimento de seu couro cabeludo. Seu sangue escuro e vermelho sobre um fundo de ouro enredado. A cara branca. Seus olhos verdes quando eles se abriram e franziram o cenho a Danjer.

—Saxon —grasnou Danjer, lhe incorporando com um poderoso puxão envolvendo-o em um abraço totalmente masculino de amor— Céus Jessus —grunhiu rompendo-se o a voz—, quero-te, Saxon.

Saxon se arrancou dele com um sorriso zombador, curioso.

—OH!—arrastou as palavras— arrumado que lhe diz isto a todos os tipos.

Entortando os olhos com força pelo aguaceiro que caía, Danjer riu com debilidade devido ao alívio que sentia, lhe gritando ao seu amigo.

—Está bem? Como se sente?

Muito lentamente, com muito cuidado, Saxon moveu a cabeça de um lado a outro.

—Fui golpeado por um raio.

Danjer cabeceou com um sorriso zombador quando Saxon olhou com cuidado para a esquerda.

—Que estamos fazendo aqui?

—Que quer dizer aqui?

—Quero dizer, o que estamos fazendo aqui, ao sul da Aranthea? —Saxon perguntou, assinalando ao norte— Quando a última coisa que lembrança é que combatia de seu lado em D'Almiers?

—D'Almiers! D'Almiers foi faz um ano!

Saxon inclinou a cabeça, os olhos estreitados socarronamente, a abertamente lhe perguntou.

—Falhei muito?

—Sim! —Danjer ria com puro autêntico prazer— Sim, falhou!

—Recorde-me isso lhe disse facilmente, andando com cuidadosas pernadas para sua moto e pondo a máquina em posição vertical.

—Bem, para começar, foi golpeado na cabeça em e... e... como está seu sentido da orientação? —perguntou Danjer bruscamente.

Saxon se encolheu de ombros.

—Tão bom como sempre, penso.

—Então onde está o sul?

Saxon o olhou como se estivesse louco, então deu a volta lentamente para encarar-se para o sul. Mas parou quando encontrou a Pink justo detrás dele. Seu curto cabelo molhado estava pego em sua cara e chorava... mas ela era ainda formosa. Por vários instantes Saxon a olhou fixamente inclinando devagar a cabeça. Logo voltou a olhar fixamente ao Danjer.

—Quem é? —perguntou, dividindo sua atenção entre o Danjer e o fantasia de diabo— Ela é...

—Formosa —disse Danjer terminando seu pensamento por ele sem pensar.

—Não preciso me dizer isso, bárbaro do negro mundo.

—Sinto-o —se desculpou Danjer — Não quis pôr palavras em sua boca —se encolheu— É um velho hábito.

—Me diga algo útil —amolestou Saxon— me diga que ela é minha noiva —implorou explorando o olhar de seu amigo.

Pink estava parada suportando a chuva que cortava, seus pequenos punhos dobrados em nós apertados e brancos em seus lados. E Danjer compreendeu exatamente o que lhe passava. Ele soube que ela precisava tocar a Saxon, para convencer-se de que ele estava realmente vivo, como Danjer mesmo acabava de fazer.

Precisava sentir seu corpo quente contra ela, precisava apertar a orelha em seu peito e ouvir por si mesma o batimento do coração do grande coração tamborilando dentro de sua caixa torácica. De todas as maneiras, conteve-se olhando fixa e avidamente aos dois homens. Ela se refreou, esperando a resposta do Danjer.

—Como se pudesse ser tão afortunado —bufou Danjer depois de vacilar um momento. Sacudiu a cabeça com pesar, mas os olhos estavam iluminados com travessura— Ela não é sua amiga, grande foragido ignorante —Danjer estendeu a mão e atirou a Pink entre eles. Tomando os braços da Pink os envolveu ao redor da cintura do Saxon então, ajustou-se ele mesmo contra seu traseiro— Ela é nossa noiva —disse a seu melhor amigo.

—Seriamente? —Saxon inclinou uma sobrancelha para cima, limpou sua frente com o dorso da mão— Como ocorreu isto?

Danjer se encolheu de ombros.

—Ela não quis separar uma equipe.

Saxon se lambeu o lábio inferior quando olhou para baixo a cabeça da Pink, apertada contra seu peito.

—Pensa que há alguma possibilidade de que me deixasse atá-la?

Danjer cabeceou.

—Isso não é um problema. Mas ela é um pouco particular a respeito de onde a beija. E também pode que possivelmente saiba, que nos casamos com ela.

—E não tenho eu voz no assunto? —discuti Saxon com um sorriso agradado.

—Céus Jesus, Saxon. É meu melhor amigo. Eu não te deixe fora disto. Você conseguiu dizer "quero".

—E eu o que consegui dizer? —perguntava Pink, com uma risada instável se aderiu Saxon e prendeu seu olhar no Danjer.



A chuva começou a remeter em um repico aprazível quando os três amantes ficaram em pé entrelaçados.

—Você?—Danjer murmurou carinhosamente contra seu cabelo— Você conseguiu nos dizer quanto nos amas pelo resto de nossas vidas.

FIM